



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

RODÔLFO RAMALHO DE SOUZA

**O SÂNDALO E O MACHADO:
ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA DO SENTIDO
DA EXISTÊNCIA HUMANA SEGUNDO VIKTOR E. FRANKL**

**João Pessoa – PB
2025**

RODÔLFO RAMALHO DE SOUZA

**O SÂNDALO E O MACHADO:
ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA DO SENTIDO
DA EXISTÊNCIA HUMANA SEGUNDO VIKTOR E. FRANKL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Gilfranco Lucena dos Santos

**João Pessoa – PB
2025**

Ficha Catalográfica**Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação**

S729s Souza, Rodolfo Ramalho de.

O sândalo e o machado : abordagem fenomenológica do
sentido da existência humana segundo Viktor E. Frankl /
Rodolfo Ramalho de Souza. - João Pessoa, 2025.

88 f. : il.

Orientação: Gilfranco Lucena dos Santos.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Frankl, Viktor E. 2. Antropologia filosófica. 3.
Ausência de sentido. 4. Fenomenologia. 5. Sentido de
vida. I. Santos, Gilfranco Lucena dos. II. Título.

UFPB/BC

CDU 141.319.8(043)

Elaborado por GRACILENE BARBOSA FIGUEIREDO - CRB-15/794

RODÔLFO RAMALHO DE SOUZA

**O SÂNDALO E O MACHADO:
ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA DO SENTIDO
DA EXISTÊNCIA HUMANA SEGUNDO VIKTOR E. FRANKL**

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Aprovada em: / /2025

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gilfranco Lucena dos Santos.
(UFPB)

Prof. Dr. Iraquitan de Oliveira
Caminha (UFPB)

Prof. Dr. Diogo Villas Bôas Aguiar
(UNICAP)

A Heleno Cesarino e Francialyson Berto – in memorian

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, José Sabino e Maria Zélia, a quem, nesta terra, devo tudo.

Aos meus irmãos, Ângelo, Salésia e Rafael Ramalho, por todo empenho em ajudar-me nas dificuldades destes anos.

À minha esposa amada, Lídcy Ramalho, e aos meus filhos, Hammós, Hállef e Hannah, pelo amor que geram em mim, fazendo-me um pouco melhor todos os dias.

À Comunidade Menino Jesus por tudo que me ensinou e continua ensinando no seguimento a Deus.

Aos amigos e colegas do Instituto Mon Serrat pela generosidade e compreensão nas minhas atividades.

Aos amigos da ITEC-UNOPAR, pela disponibilidade, solidariedade e prontidão com as quais sempre me acolheram.

Ao professor Gilfranco Lucena dos Santos, por me enveredar poeticamente à filosofia, conduzindo meus passos na ética e na docência.

Aos Professores: Abah, Iraquitan, Narbal, Miguel e todos os docentes de minha graduação, pela generosidade de confiar neste ser humano.

Aos professores: Thiago Aquino e Ivo Studart Pereira, pela confiança e suporte bibliográfico.

Às minhas avós, Dolores e Noêmia, que estão intercedendo por mim no Céu, junto a Deus.

Aos meus familiares e amigos que sofreram comigo neste processo.

RESUMO

Esta dissertação de mestrado em Filosofia explora a antropologia filosófica de Viktor Emil Frankl, com foco em sua concepção do ser humano, a problemática da falta de sentido na vida e as possibilidades de superação desse vazio existencial. A metodologia empregada consistiu em uma revisão bibliográfica das obras de Frankl e de seus comentadores, estruturando a pesquisa em três capítulos. No primeiro capítulo, analisa-se o existencialismo de Frankl, que apresenta o ser humano como um ser em busca de sentido, caracterizado pela liberdade e responsabilidade. Sua antropologia enfatiza a dimensão espiritual (noética), que transcende os aspectos biológicos e psicológicos, destacando a capacidade humana de encontrar propósito mesmo em situações-limite. O segundo capítulo aborda a perda do sentido de existir, que Frankl denomina "vazio existencial". Esse fenômeno surge em contextos de desorientação, desespero ou ausência de valores orientadores, frequentemente intensificado pela modernidade e suas crises. A análise explora como esse vazio impacta a existência humana, levando a sentimentos de apatia e niilismo. No terceiro capítulo, discute-se como o ser humano pode encontrar o sentido da vida por meio da realização de valores, conforme proposto por Frankl. Ele identifica três categorias de valores — criativos, experienciais e atitudinais — que permitem ao indivíduo transcender o sofrimento e encontrar significado. A logoterapia, método terapêutico de Frankl, é apresentada como uma ferramenta para orientar essa busca, enfatizando a atitude frente aos desafios como caminho para a realização pessoal. A dissertação conclui que a obra de Frankl é fundamental para compreender a relação entre o vazio existencial e a busca pelo sentido da vida. Sua antropologia filosófica oferece uma perspectiva humanista e prática, destacando a resiliência do ser humano e sua capacidade de encontrar propósito mesmo nas adversidades, contribuindo significativamente para o campo da filosofia existencial e da psicologia humanista.

Palavras-chave: Viktor Frankl, Fenomenologia, homem, ausência de sentido, sentido de vida;

RÉSUMÉ

Cette dissertation de maîtrise en philosophie explore l'anthropologie philosophique de Viktor Emil Frankl, en mettant l'accent sur sa conception de l'être humain, la problématique de l'absence de sens dans la vie et les possibilités de surmonter ce vide existentiel. La méthodologie adoptée a consisté en une revue bibliographique des œuvres de Frankl et de ses commentateurs, structurant la recherche en trois chapitres. Dans le premier chapitre, l'existentialisme de Frankl est analysé, présentant l'être humain comme un être en quête de sens, caractérisé par la liberté et la responsabilité. Son anthropologie met en avant la dimension spirituelle (noétique), qui transcende les aspects biologiques et psychologiques, soulignant la capacité humaine à trouver un but même dans des situations limites. Le deuxième chapitre aborde la perte du sens de l'existence, que Frankl nomme « vide existentiel ». Ce phénomène émerge dans des contextes de désorientation, de désespoir ou d'absence de valeurs directrices, souvent exacerbé par la modernité et ses crises. L'analyse explore comment ce vide impacte l'existence humaine, conduisant à des sentiments d'apathie et de nihilisme. Dans le troisième chapitre, il est discuté comment l'être humain peut trouver le sens de la vie à travers la réalisation de valeurs, comme proposé par Frankl. Il identifie trois catégories de valeurs — créatives, expérientielles et attitudinales — qui permettent à l'individu de transcender la souffrance et de trouver un sens. La logothérapie, méthode thérapeutique de Frankl, est présentée comme un outil pour guider cette quête, mettant l'accent sur l'attitude face aux défis comme voie vers l'épanouissement personnel. La dissertation conclut que l'œuvre de Frankl est fondamentale pour comprendre la relation entre le vide existentiel et la quête de sens dans la vie. Son anthropologie philosophique offre une perspective humaniste et pratique, mettant en lumière la résilience de l'être humain et sa capacité à trouver un but même dans l'adversité, contribuant de manière significative au champ de la philosophie existentielle et de la psychologie humaniste.

Mots-clés: Viktor Frankl, phénoménologie, être humain, absence de sens, sens de la vie.

“O sândalo perfuma o machado que o feriu.”

(Renato Russo)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I: O SER HUMANO E A PERDA DO SENTIDO DE EXISTIR	18
1.1 O “existencialismo” de Viktor Emil Frankl e sua visão de ser humano	20
1.2 A perda do sentido de existir	27
<i>1.2.1 O tédio profundo e o vazio existencial: A visão de Frankl</i>	<i>28</i>
<i>1.2.2 O sofrimento.....</i>	<i>35</i>
1.3 A culpa	39
<i>1.3.1 A morte.....</i>	<i>40</i>
CAPÍTULO II: SOBRE O PAPEL DA FILOSOFIA NA BUSCA PELO SENTIDO DE VIDA	47
2.1 O ato de filosofar pode ser terapêutico?	47
2.2 A dimensão noética – o espírito.....	54
2.3. O amor e a questão da autotranscendência do ser espiritual	59
<i>2.3.1. Ontologia dimensional – unicidade e totalidade do ser humano</i>	<i>61</i>
<i>2.3.2. A liberdade da vontade e a vontade de sentido</i>	<i>63</i>
CAPÍTULO III: O QUE O SER HUMANO PODE FAZER PARA ALCANÇAR UM SENTIDO DE VIDA?	68
3.1. A influência da ética dos valores de Max Scheler na filosofia de Viktor E. Frankl.....	69
3.2. Os valores criativos	72
3.3. Os valores experienciais (vivenciais)	77
3.4. Os valores atitudinais	79
CONCLUSÃO.....	84
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	87
APÊNDICE	90

INTRODUÇÃO

Qual o sentido da vida? O que faz a vida valer a pena para ser vivida?¹ Sabemos que tais inquietações no tocante à existência humana perpassam gerações e que, há muito, houve quem buscasse, até hoje, respondê-las: poetas, religiosos, filósofos, escritores e cientistas. Esses, na tentativa de explicar a origem das coisas e o sentido delas, principalmente, de suas próprias vidas, criaram o mito, a religião, a literatura², a filosofia e a ciência. Porém, nenhum desses “instrumentos” do pensamento e do agir humano, foi capaz de dar uma resposta satisfatória ao dilema.

Falamos de certa “ausência” que o ser humano, enquanto ser vivente, sente, e que não se pode, de determinada forma, definir. Portanto, na tentativa de descobrir a causa da mesma e fugir de seus efeitos “malogrados”, a saber, a angústia existencial e o medo de fracassar perante a própria atividade de viver, ele, o ser humano, cria, por diversas habilidades que possui, mecanismos de defesa que têm, por vezes, a tarefa de diminuir essa “pressão” em sua essência, seja ela qual for.

Perguntar-se sobre a falta de sentido, ou melhor, sobre o sentido da existência humana, não é, de forma nenhuma, uma patologia, uma doença. É um dos aspectos que trazem à tona a “humanidade” do ser humano.

A Filosofia também nos direciona, desde o seu surgimento, ao problema da existência finita do homem frente à face do tempo. Não obstante, os filósofos propuseram sistemas de significação da vida, mediante as reflexões sobre as dicotomias de liberdade-necessidade, bem-mal, bom-ruim, belo-feio, como diversas outras categorias da existência humana, a fim de, respondendo a tais indagações, direcionar o homem a uma vida boa, e por que não dizer: a uma vida com sentido.

Parece haver uma “falta” no ser humano. Um vazio que lhe seja próprio e sabido, ainda que não tenha sido suficientemente compreendido por ele. Ora, e o que seria mais urgente do que completar essa compreensão e, de algum modo, tentar chegar ao cerne dessa suposta “ausência”? É partindo dessa certeza, a saber, a de que há uma “ausência” no ser humano, que o médico, psiquiatra e filósofo austríaco, Viktor Emil Frankl (1905-1997), vai

¹ Ou nas palavras de Caetano Veloso em Cajuína: “Existirmos, a que será que se destina?”.

² Machado de Assis já nos apresentava esse tal sentimento de angústia existencial no segundo capítulo de Dom Casmurro (1899), quando dizia que “Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falto eu mesmo, e esta lacuna é tudo” (ASSIS, 1899, p. 06). E não diferentemente, L. Frank Baum atesta essa falta de alegria, de sentido ao descrever as personagens Ema e o Henry, tios da protagonista Dorothy, quando o mesmo afirmara que ela era “uma mulher jovem e bonita. O sol e o vento também a transformaram. Eles tiraram o brilho de seus olhos, que ficaram de um cinza suave... Tio Henrique não ria nunca. Ele trabalhava duro de manhã à noite e não sabia o que era alegria” (BAUM, 2019, p. 12).

dedicar toda a sua trajetória, buscando encontrar os principais aspectos para a construção de uma vida com sentido.

Considerado um dos maiores psiquiatras da história da Áustria, estando sempre ao lado de nomes como o de Freud (1856 – 1939) e Adler (1870 – 1937), sendo o criador da “Terceira Escola de Psicoterapia de Viena: a Logoterapia”, método terapêutico de análise existencial baseado na busca por sentido de vida, Viktor Frankl elabora sua antropologia filosófica considerando haver na existência do homem, uma tríade que lhe é inerente, ao que denominou de tríade trágica, a saber, a culpa, a dor ou sofrimento e a morte.³

Descendente de família judia, Viktor Frankl foi vítima dos horrores da Segunda Guerra Mundial: os campos de concentração nazistas. No ano de 1938 – que dá origem às investidas alemãs no leste europeu – as forças nazistas invadem e anexam o território austríaco, fazendo com que Frankl e sua família fossem levados como prisioneiros. Nos quatro campos de concentração por onde esteve, ele sofrera com os trabalhos forçados e as péssimas condições de vida a qual fora submetido.

No entanto, mesmo envolto a toda angústia e sofrimento, Frankl reconheceu o que já estava, há muito, analisando: todo ser humano busca um sentido para a sua vida tentando superar o vazio existencial o qual nele há. *“A consciência é um órgão de sentido. Ela poderia ser definida como a capacidade de procurar e descobrir um sentido único e exclusivo oculto em cada situação”* (Frankl, 2007, p. 85). Todavia, a consciência pode enganar o indivíduo, a ponto de pensar que encontrou o sentido de sua vida, embora esteja muito longe deste fim.

Mesmo o ser humano repleto de recursos para a sua sobrevivência e a sociedade dispondo de meios que realizem todos os anseios do mesmo, Frankl (2005, p.18) afirma que a busca pelo sentido de vida não será facilmente saciada pelo consumismo ou assuntos do gênero. Em diversas pesquisas realizadas por ele pós-exílio nos campos de concentração, com auxílio de seus alunos, constatou que a falta de sentido de vida é uma das principais causas do suicídio entre os jovens. Em: *Um sentido para a vida – psicologia e humanismo* (2005), Viktor Frankl fala da Tríade da neurose de massa que se dá, basicamente, pelas doenças como: depressão, toxicodependência e agressão, inerentes aos jovens entrevistados em uma de suas pesquisas.

Embora nossa pesquisa baseie-se na análise da construção de sua antropologia filosófica, no que envolve a ausência de sentido de existir no ser humano, bem como a sua busca por sentido e no próprio “sentido” da vida, é imprescindível apresentar os fundamentos

³ Sobre isso, detalharemos mais adiante cada um desses aspectos humanos que transformam o ser humano naquilo que ele realmente é, pode e deve tornar-se.

de sua Análise existencial, isto é, a Logoterapia, visto que, ela seria, por exemplo, a consequência mais concreta da visão que o autor tem de ser humano como sendo um ser de valores, e imerso em duas categorias efetivamente filosóficas, a saber, a liberdade e a responsabilidade.

Três são os pilares da Logoterapia e Análise existencial de Viktor Frankl: 1º) A Liberdade da vontade; 2º) A Vontade de sentido e 3º) O Sentido de vida. Sobre a Liberdade da vontade, Frankl afirma: *“o homem é capaz de mudar o mundo para melhor, se possível, e de mudar a si mesmo para melhor, se necessário”* (Frankl, 2023, p. 129). Em outras palavras, o homem não é – como acreditam outras linhas de pensamento – determinado, condicionado. Ao contrário, ele é livre para decidir e fazer escolhas diante a qualquer situação:

Enquanto fenômeno humano, porém, a liberdade também é um fenômeno demasiado humano. A liberdade humana é uma liberdade finita. O homem não é livre de condicionamentos, é livre apenas para tomar uma atitude sobre eles. Mas eles não o determinam de forma inequívoca. Pois, em último caso, cabe ao homem determinar se sucumbe aos condicionamentos ou se se submete a eles. (Frankl, 2022, p. 152)

Alguém poderia afirmar que Frankl estaria sendo sartreano nesse aspecto. A resposta dada pelo próprio autor é que *“a liberdade, no entanto, não é a palavra final; é apenas a parte da história e a metade da verdade. A liberdade é somente o aspecto negativo de um fenômeno mais amplo, cujo aspecto positivo é a responsabilidade”* (Frankl, 2023, p. 130).

Em relação à Vontade de sentido, o professor Thiago Antonio Avelar de Aquino⁴ em *A presença não ignorada de Deus na obra de Viktor Frankl*, citando Lukas (1992b) nos diz que ela *“constitui a motivação genuína do ser humano... emergindo inicialmente na puberdade.”* (Aquino, 2023, p.30). Significa dizer: a vontade de encontrar um sentido para a sua vida é que move o ser humano. Frankl nos diz: *“A busca do homem por sentido é a motivação primária em sua vida, não uma ‘racionalização secundária’ dos impulsos instintivos.”* (Frankl, 2023, p. 115).

A respeito do Sentido de vida, descreve o professor Thiago A. Aquino:

O sentido, como entende a Logoterapia, pode ser abordado por três perspectivas: a primeira é “o sentido na vida”. Trata-se daquela concepção de que, no aqui e agora, há um sentido latente e que poderia ser desvelado pelo órgão do sentido denominado consciência. [...] Já a segunda perspectiva seria “o sentido da vida”, de fato uma questão muito abrangente, posto que se trata do sentido da totalidade da vida, em

⁴ Um dos maiores pesquisadores da vida e da obra de Viktor E. Frankl no Brasil e no mundo. Doutor em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba, é professor do curso de graduação e pós-graduação do curso de Ciências das Religiões na mesma instituição. Com diversos livros publicados nas mais diferentes áreas do conhecimento, dedica toda sua vida intelectual e acadêmica à escola de Frankl, formando inúmeros outros pesquisadores e estudiosos do tema.

contraposição ao sentido do momento. A terceira perspectiva compreenderia a pergunta pela ‘finalidade do universo’ (Aquino, 2023, p. 35).

Tal sentido, que se fundamenta em três perspectivas, é como dito anteriormente, único e concreto. Frankl diz que “*não se deve buscar um sentido abstrato para a vida. Cada um tem a sua vocação ou missão específica, uma tarefa concreta a cumprir*” (Frankl, 2023, p. 119). Da mesma forma, somos nós, seres humanos, os quais devemos responder à vida com responsabilidade, visto que ela é, como afirma nosso autor em diversas de suas obras, a essência fundamental da existência humana.

No que tange à produção acadêmica a respeito da filosofia de Frankl, bem como ao seu importante papel como filósofo contemporâneo, é de fundamental importância as palavras do professor Ivo Studart Pereira (1985)⁵ em sua tese de doutorado:

No que diz respeito à sua investigação filosófica, encontramos uma aproximação muito tímida da obra de Viktor Frankl. Contamos apenas com três dissertações sobre seu pensamento, a primeira das quais diz respeito ao trabalho que produzimos sob o título de “A Ética do Sentido da Vida na Logoterapia de Viktor Frankl” no seio do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade do Ceará, entre os anos de 2007 e 2009. Nesse sentido, há elementos para suspeitar-se de certa falta de reconhecimento de Frankl como um pensador de relevância para a filosofia contemporânea, fato este que consideramos constituir uma grave injustiça intelectual (Pereira, 2021, p. 18).

Em suas pesquisas, o professor Pereira (2021) verificou também que há, no próprio meio ao qual nosso autor está inserido, como a psiquiatria e a psicologia clínica, por exemplo, uma espécie de “resistência” ao pensamento de Frankl, visto que, a sua psicoterapia seria a mais “filosófica” das correntes que formam tais ciências, enquanto no seio filosófico, ao contrário, há uma tendência por compreendê-lo mais como um psicoterapeuta.⁶

Tendo em vista que sua obra e sua vida se integram, não há como falar de uma sem que a outra não venha à baila, trazendo consigo suas experiências e as de seu povo no tocante ao Holocausto judeu, cabe a nossa pesquisa lembrar que Frankl termina seu doutoramento em filosofia entre 1948 – 1949, anos após sua libertação dos campos de concentração nazistas.

A vida e a obra de Viktor Frankl sofrem influência de filósofos como Sócrates – de onde ele tirará um dos métodos para sua prática clínica, principalmente no que se refere ao

⁵ Psicólogo formado pela Universidade Federal do Ceará, Mestre e Doutor em Filosofia pela mesma universidade. É tradutor e pesquisador da obra de Viktor Emil Frankl, com diversas obras publicadas, entre elas, *A ética do sentido da vida* (2012) – Editora Ideia Letras e o seu mais recente trabalho, *o Tratado de Logoterapia e Análise Existencial – Filosofia e Sentido da Vida na obra de Viktor Emil Frankl* (2021), pela Editora Sinodal. Atualmente, apresenta-se como uma das principais referências em publicações sobre Logoterapia no Brasil.

⁶ Cf. a obra *Filosofia e Sentido da Vida na obra de Viktor Emil Frankl* (2021), Editora Sinodal.

diálogo entre psiquiatra e paciente – outros como Kant, Jaspers, Kierkegaard, Heidegger, Nietzsche, Martin Buber e, talvez, sua maior “fonte” de reflexão sobre o ser humano, na contemporaneidade, o filósofo alemão Max Scheler.⁷

Sobre a sua visão antropológica de homem e em contraposição ao que Max Scheler entendia por *ser* humano, outro importante filósofo, o alemão Nicolai Hartmann (1882 – 1950), Frankl nos relata:

... o problema que vejo em suas abordagens é que o corpo, a mente e a alma (ou espírito), em si mesmos, não compõem o homem. Em outras palavras, esses autores ignoram o fato de que temos de lidar não só com as diferenças ontológicas, mas também com o que eu gosto de chamar de unidade antropológica. Por um lado, a existência humana consiste na coexistência das diferenças ontológicas e, por outro, na unidade antropológica, porque os fenômenos e aspectos corporais, mentais e espirituais estão profundamente unidos em nossa vida (Frankl, 2023, p. 140).

O autor confronta uma espécie de reducionismo do homem que vigorava em sua época e o faz utilizando as visões ontológicas de Scheler e Hartmann para exemplificar tal “simplificação” (coisificação) do ser humano. Cabe tornar evidente que aquilo que Frankl entende por *espírito* não possui, fundamentalmente, uma conotação religiosa e sim, uma dimensão especificamente humana, fazendo do homem um ser que transcende, a saber, a dimensão noética.

Para nosso autor (2023, p.141) “*A existência humana sempre aponta para algo que não é a própria existência. A existência humana não se caracteriza pela autorrealização, mas pelo que chamo de autotranscendência, o direcionamento para além de si mesma*”. Significa dizer: na falta de uma direção para além de si mesma, a existência humana encontra sua frustração existencial, pois, estava voltada para uma experiência de autorreferência, privando o homem de ser o que ele pode/deve se tornar ou realizar.

Atentos ao que fora acima explicitado, nos propomos a investigar como Viktor E. Frankl traz à tona os aspectos humanos da ausência de sentido da existência no tocante ao sentimento de vazio existencial. Tentaremos responder a seguinte questão: Em face da perda do sentido de existir, segundo Viktor Frankl, como a reflexão filosófica pode conduzir a existência à sua dimensão noética de maneira que ela possa descobrir (clarificar) o sentido a partir dos valores que carrega consigo?

⁷ Sobre isso, escreve o professor Studart, na obra acima citada: “Contudo, foi o contato com a obra de Max Ferdinand Scheler que, definitivamente, viria a influenciar os contornos que a Logoterapia teria em seu desenvolvimento posterior. Frankl chega a afirmar que Scheler fora o responsável por tê-lo despertado de seu “sono psicologista”.

Sendo assim, para a elaboração deste trabalho, será utilizado o método de pesquisa descritiva, com a finalidade de analisar a antropologia filosófica de Viktor Emil Frankl direcionando-a às categorias de ausência de sentido (frustração e vazio existenciais) e na busca do homem pelo sentido de sua existência. O estudo partirá, primeiramente, de uma revisão bibliográfica do autor como será composta também, pelos principais autores e pesquisadores da área e se dividirá em três capítulos.

O primeiro capítulo: “*O ser humano e a perda do sentido de existir*”, nos trará a questão da frustração existencial, bem como sua visão de existência humana, no tocante ao seu conceito de tríade trágica. O segundo e o terceiro capítulo trarão à baila para nossa pesquisa “*O papel da filosofia na busca pelo sentido de existir*” e “*As vias para a conquista do sentido da existência*”, nos detendo a dimensão noética do ser humano, proposta pelo autor.

Quatro obras de sua vasta produção nos nortearão na nossa empresa, a saber: 1) *O homem que sofre* – traduzido recentemente pelo título de *O sofrimento Humano – fundamentos antropológicos da Psicoterapia*, para responder a questão da *perda do sentido de existir*; 2) *Psicoterapia e sentido da vida*, que vai de encontro com a nossa segunda indagação, sobre os *fenômenos que desencadeiam no ser humano o sentimento de ausência de sentido de vida*; 3) *Vontade de Sentido – Fundamentos e aplicações da Logoterapia*, onde o autor nos propõe a base de sua análise existencial e o conceito de dimensão noética do ser humano, respondendo às perguntas sobre *a estrutura do ser humano que permite que ele busque um sentido para sua existência e em que nível isso pode ser conquistado*, analisando as vias de acesso que o homem possui para encontrar o sentido de existir.

Por fim, com o apoio da obra *A falta de Sentido – um desafio para a Psicoterapia e a Filosofia*, traremos à discussão o papel da filosofia nessa construção do sentido de existir no ser humano, reforçando a dimensão fenomenológica de nossa pesquisa, tendo como finalidade, apresentar de forma segura, a filosofia presente na antropologia frankleana, no tocante a ideia de ausência do sentido de existir e busca por um sentido de vida do homem.

Significa dizer que a vida do homem é, em suma, transpassada pelo sofrimento, mas pode ser dotada de sentido. Dito isso, cabe-nos agora, explicar o título desta dissertação, tendo em vista que o *Sândalo* faz referência ao *sentido* que pode ser encontrado pelo indivíduo, perfumando assim o sofrimento, representado pelo *Machado*, que segundo Frankl é inerente à condição humana, como veremos no decorrer de nosso trabalho.

Nossa pesquisa torna-se de fundamental importância para este programa, por apresentar um filósofo de grande repercussão nas discussões acerca da filosofia como

instrumento para encontrar sentido à vida; também na psicologia, visto que o autor cria uma nova forma de terapia, a chamada Logoterapia; na antropologia, vislumbrando a dimensão biopsíquicaespiritual de ser humano; na educação, por nos apresentar um leque de possibilidades no caminho do ensino-aprendizagem; entre outras e que, de certa forma, ainda é de pouco conhecimento para os discentes do programa enquanto filósofo (pensador) contemporâneo.

CAPÍTULO I: O SER HUMANO E A PERDA DO SENTIDO DE EXISTIR⁸

O ser humano perde o sentido de vida quando não consegue enxergar no sofrimento um propósito, desta forma, diz Frankl, desespera-se. Ele entende o desespero como uma consequência do "vazio existencial", um estado caracterizado pela ausência de propósito ou significado na vida. Ele observa que, na modernidade, a desorientação espiritual e a falta de valores orientadores intensificam esse sentimento: "O vazio existencial é a neurose em massa do século XX" (Frankl, 2008, p. 112). Esse vazio surge quando o indivíduo não encontra respostas para a pergunta fundamental: "Para que vivo?". Em *Em Busca de Sentido*, Frankl relata suas experiências em campos de concentração, onde observou que o desespero emergia não apenas das condições extremas, mas da incapacidade de enxergar um propósito transcendente. Ele escreve: "Quem tem um 'porquê' para viver suporta quase qualquer 'como'" (Frankl, 2008, p. 93), sugerindo que a falta de um "porquê" conduz ao colapso existencial.

O desespero, para Frankl, está intrinsecamente ligado à dimensão noética do ser humano, que engloba sua capacidade espiritual de buscar sentido. Quando essa dimensão é negligenciada, o indivíduo cai em um estado de apatia ou niilismo, que pode se manifestar em comportamentos autodestrutivos, como vícios ou depressão. Em *A Vontade de Sentido*, ele argumenta que "o desespero humano é sofrimento sem sentido" (Frankl, 1989, p. 45). Essa visão destaca que o sofrimento, por si só, não é a causa do desespero; o que o torna insuportável é a percepção de que ele carece de propósito. Assim, o desespero não é apenas psicológico, mas existencial, pois questiona a própria razão de ser do indivíduo.

As causas do desespero, segundo Frankl, são multifacetadas. Além da influência da modernidade, com sua ênfase no materialismo e na fragmentação social, ele aponta a perda de valores tradicionais como um fator crucial. Em *Psicoterapia e Existencialismo*, Frankl afirma: "O homem moderno frequentemente vive em um vácuo de valores, o que o leva a um estado de desespero silencioso" (Frankl, 1991, p. 78). Esse "desespero silencioso" é agravado pela incapacidade de encontrar significado nas experiências cotidianas, o que leva a uma sensação de alienação. Além disso, situações-limite, como doenças graves ou traumas, podem precipitar o desespero, especialmente quando o indivíduo não possui recursos internos para reinterpretar o sofrimento.

⁸ Para a constituição desse primeiro capítulo, contamos com a obra do professor e pesquisador Ivo Studart Pereira, intitulada *Tratado de Logoterapia e Análise Existencial – Filosofia e Sentido da Vida* na obra de Viktor Emil Frankl (2021), que tem como premissa – e esta, é aceita por nós – a ideia de que há, na obra de Frankl, um sistema filosófico que concebe aos conceitos de vontade, liberdade e sentido, uma determinada precisão fenomenológica, diferenciando, portanto, a sua Análise Existencial de uma Daseinsanalyse.

Para Frankl, a superação do desespero reside na redescoberta do sentido da vida, um processo que ele estrutura por meio da logoterapia. Ele propõe que o ser humano pode encontrar significado através da realização de três tipos de valores: criativos (como o trabalho ou a arte), experienciais (como o amor ou a contemplação da beleza) e atitudinais (a postura adotada frente ao sofrimento inevitável). Em *O Sofrimento Humano*, ele enfatiza: "Mesmo na mais profunda desesperança, o homem pode escolher sua atitude, e nisso reside sua liberdade última" (Frankl, 1990, p. 132). Essa escolha atitudinal é central, pois permite ao indivíduo transformar o desespero em uma oportunidade de crescimento. Por exemplo, nos campos de concentração, Frankl observou que aqueles que encontravam um propósito — como ajudar outros prisioneiros ou manter a esperança de reencontrar a família — eram mais resilientes ao desespero.

A logoterapia, enquanto método, busca guiar o indivíduo na superação do desespero por meio do diálogo socrático e da reflexão sobre o sentido único de sua existência. Frankl rejeita abordagens reducionistas que tratam o desespero apenas como um sintoma psiquiátrico, insistindo que ele exige uma resposta existencial. Ele escreve: "A logoterapia não promete felicidade, mas a possibilidade de encontrar sentido, mesmo na dor" (Frankl, 1989, p. 67). Essa perspectiva humanista destaca a capacidade do ser humano de transcender o desespero, não eliminando o sofrimento, mas atribuindo-lhe um propósito.

Não obstante, o desespero para Frankl se dá por duas vias que se configuram como supervalorização e idolatria, isto é, quando o ser humano passa a atribuir um valor maior do que a coisa apresenta frente à realidade, por exemplo, quando tende a absolutizar algo que, de maneira alguma, deve ser tido como absoluto na hierarquia dos valores. Diz o filósofo:

O que constitui a base do desespero é um impulso qualquer que leva o homem a não deixar que as coisas sejam o que na verdade são, suportes passageiros, e agarrar-se a elas. O "ser levado" ao desespero carece de uma orientação para os valores (por exemplo, os valores atitudinais), orientação que corresponde à realização da renúncia. Ousamos afirmar que quem está desesperado demonstra que idolatra algo, absolutiza alguma coisa que na realidade tem um valor somente condicionado, relativo⁹ (Frankl, 2019, p. 327).

O autor diz que o desespero é uma forma de idolatria à medida que coloca como sumo bem algo ou alguma coisa que é passageira. Um exemplo é dado pelo mesmo quando fala da experiência das mulheres estéreis que gostariam de conceber filhos. O fato de não poderem

⁹ Aqui adiantamos uma discussão que será tratada com mais afinco no terceiro capítulo de nosso texto sobre a questão dos valores.

gerar uma vida em seu ventre, quando colocado como última instância para a “felicidade”, ou melhor, para o sentido de suas vidas, as levam para o desespero¹⁰.

Em conclusão, a visão de Frankl sobre o desespero oferece uma contribuição valiosa para a filosofia existencial e a psicologia humanista¹¹. Ao identificar o vazio existencial como a raiz do desespero, ele aponta para a necessidade de resgatar a dimensão espiritual do ser humano. Sua proposta de que o sentido da vida pode ser encontrado mesmo nas circunstâncias mais adversas reforça a resiliência humana e a liberdade de escolha. Como ele afirma em *Em Busca de Sentido*: "Tudo pode ser tirado de um homem, exceto uma coisa: a última das liberdades humanas — escolher sua atitude em qualquer circunstância" (Frankl, 2008, p. 86). Assim, a obra de Frankl não apenas diagnostica o desespero, mas oferece um caminho prático e esperançoso para sua superação.

Dito isso, passemos agora para o segundo momento deste primeiro ensaio, que se caracteriza por uma apresentação da Análise Existencial de Frankl e sua perspectiva acerca do ser humano como sendo um ser que possui uma unicidade na totalidade, isto é, um ente que possui as dimensões corporal (física), psíquica e espiritual (noética).

1.1 O “existencialismo” de Viktor Emil Frankl e sua visão de ser humano¹²

Para podermos conhecer melhor do que se trata sua abordagem a respeito do ser humano, precisaremos entender uma diferenciação que o próprio Frankl faz de seu método, isto é, sua Logoterapia, aproximando-a, portanto, de uma Análise Existencial¹³ e não de uma Daseinsanalyse. Diz ele:

¹⁰ Cf. Frankl, 2019, p.328.

¹¹ Um dos filósofos que influenciou Viktor Frankl tanto na sua visão de ser humano como também na de existência e sua relação com a finitude, foi o dinamarquês Søren A. Kierkegaard (1813-1855). Nele, encontramos uma ideia inicial de como Frankl pensará o ser humano e a falta de sentido de vida, uma vez que Kierkegaard (2010, p. 30-31) nos fala do desespero como a “doença mortal” que “no sentido estrito quer dizer um mal que termina pela morte, sem que qualquer coisa subsista depois dele”. Nas palavras do filósofo dinamarquês: “O desespero é a discordância interna de uma síntese cuja relação diz respeito a si própria. Mas a síntese não é a discordância, é apenas a sua possibilidade, ou então a implica. Do contrário, não haveria sombra de desespero, e desesperar não seria mais do que uma característica humana, inerente à nossa natureza, ou seja, o desespero não existiria, sendo apenas um acidente para o homem, um sofrimento como uma doença em que se soçobrasse, ou, como a morte, nosso comum destino”. (Kierkegaard, 2021, p. 28)

¹² Cf. Frankl (2022, p. 93): “O que significa a pergunta existencial? Com a pergunta existencial aquele que pergunta questiona-se a si mesmo – a pergunta existencial é a “condição de dúvida” do homem. De que forma podemos afirmar que ela, nos últimos tempos, foi descolada para mais longe do que nunca? No tempo presente, tudo se tornou absolutamente questionável: dinheiro, poder, fama, felicidade. Tudo isso se desvaneceu para o homem. Mas em uma dessas coisas o homem desapareceu, ardeu-se de dor e de sofrimento, restando a ele apenas o seu ser”.

¹³ Em outra passagem, Frankl vai afirmar que a Logoterapia “excede e ultrapassa a Análise Existencial, ou a *ontoanálise*, na medida em que é essencialmente mais do que uma análise da existência, ou do ser, ou *ontos*. O

Já de início, é bom evitar mal-entendidos: Análise Existencial e Logoterapia são a mesma coisa, pelo menos na medida em que ambas apresentam um lado da mesma teoria. No entanto, Análise Existencial (*Existenzanalyse*) e *Daseinsanalyse* são coisas diferentes; [...] as duas buscam algo como a iluminação da existência (*Existenzerhellung*, Karl Jaspers), mas a ênfase da *Daseinsanalyse* está na iluminação da existência, entendida como iluminação do ser. Por outro lado, a Análise Existencial, para além da iluminação do ser, ousa avançar para a iluminação do sentido. (Frankl, 2021, p. 75)

Segundo Frankl (2021, p. 76), a Logoterapia está mais voltada para uma Análise Existencial, justamente por “não pretender ser somente uma análise da pessoa concreta, ou seja, uma análise no sentido ôntico, mas também, uma análise no sentido ontológico;”. E isso se dá, especificamente, pela própria essência *transcendente* do ser humano. O que não pode deixar de ser exposto é a ideia de que Frankl não coloca sua Análise Existencial como totalmente contrária aos outros tipos de investigação a respeito do ser humano e sua existência¹⁴.

A existência humana, segundo ele, consistiria na coexistência das diferenças ontológicas e, mesmo assim, em uma espécie de “*unicidade antropológica*”¹⁵, visto que, os fenômenos mentais, espirituais e corporais estão intimamente unidos à vida do indivíduo. Significa dizer que, para Frankl, algumas correntes de pensamento, entendem o homem, pelo menos, em termos biológicos e psicológicos, como um ser que pode parecer um sistema fechado de reações, reflexos, estímulos e respostas.

No entanto, o autor promulga a ideia de que a existência humana, mesmo em meio a esses fatores, é intrinsecamente aberta ao mundo e para o mundo, assim como pensava Heidegger. Na verdade, o autor nos deixa claro a importância, por exemplo, das correntes de pensamento anteriores a dele, especificamente, a *Psicanálise* de Freud e a *Psicologia Individual* de Adler:

Quando falávamos anteriormente de uma relação “complementar” das orientações da pesquisa psicoterapêutica, queremos dizer que não apenas tal relação é válida para a orientação da pesquisa da Análise Existencial, mas verdadeiramente “complementar”, no sentido estrito da palavra: ela deseja *complementar*, completar a imagem verdadeira do homem “total”: o homem enquanto existência espiritual. (Frankl, 2022, p. 124)

que interessa a Logoterapia não é apenas o ser, mas o sentido; não só o *ontos*, mas o *logos*.” (Frankl, 2021, p. 99).

¹⁴ “... a Análise Existencial enquanto tal não oferece resposta; o lugar para onde ela é capaz de levar o homem não é a estação final. Porém, a partir dessa estação ele pode ao menos fazer uma “conexão direta” em direção ao transcendente”. (Frankl, 2022, p. 107).

¹⁵ Cf. Frankl, 2021, p. 140.

Nesse sentido, sua Análise Existencial é uma espécie de desvelamento da essência da existência do ser humano; um ato de *autodescobrimento*¹⁶, que possui ainda versões, um tanto quanto, complexas, visto que, diante das diversas correntes do Existencialismo – desde o século XIX até meados do século posterior – vem tratando os termos ‘*existência*’ e ‘*Dasein*’ com significados diferentes daqueles que Heidegger e também Jaspers, nos legaram, visto que, segundo Frankl (2022, p. 125): “o ser humano não se resume à imagem de um mero conjunto de instintos ou reflexos; por outro lado, a imagem do homem rompe o marco da imanência”.

Podemos dizer que, todo o fio condutor da teoria frankliana, está baseada na seguinte indagação: Mas, afinal, quem é o ser humano? No entanto, é preciso lembrar-nos de onde e, mais especificamente, de quando, ele faz tal questionamento e que pressupõe outras duas perguntas: 1) A existência é analisável?¹⁷ 2) O que é ser uma *pessoa*? Para respondermos tais indagações à luz da obra de Frankl, devemos lembrar que ele é um autor que enfrenta a onda materialista, positivista, ateuísta, biologista do século anterior ao seu, isto é, o século XIX, e que, para ele, reduziram o ser humano a um “nada mais que”, validando assim, um caráter de niilismo. Diz:

O niilismo não é desmascarado pelo que afirma sobre o nada, mas sim ao falar do “nada mais”. Nesse contexto, os americanos falam de um reducionismo. Como se demonstra, o reducionismo subtrai do homem não apenas toda uma dimensão, mas subtrai-lhe nada mais, nada menos do que a dimensão daquilo que é especificamente humano. O reducionismo pode ser definido sobretudo como um procedimento pseudocientífico, pelo qual os fenômenos especificamente humanos, tais como a consciência e o amor, são reduzidos a fenômenos sub-humanos, ou deduzidos a partir deles. Numa palavra, o reducionismo pode ser definido como um sub-humanismo (Frankl, 2022, p. 136-137).

Ao contrário disso, o psicoterapeuta e filósofo vienense, defendendo uma visão espiritual¹⁸ de ser humano, teve que lidar com essa problemática reducionista na pele, ou seja, com a própria vida em risco, visto que, tais pensamentos, conduzidos por líderes autoritários da Europa, fizeram a humanidade conhecer os horrores da primeira e da segunda guerra mundial. Em consonância com o filósofo Karl Jaspers, vai dizer que o homem é um ser que decide (em cada momento), qual vai ser a sua própria essência. Para ele, o ser humano é um

¹⁶ Termo utilizado pelo próprio autor.

¹⁷ “Os metafísicos desejam, como diríamos, chegar ao “fundo” da existência. Mas a existência não tem fundo. E todas as nossas perguntas sobre o nível mais profundo da existência – e precisamente sobre ele – não encontram qualquer eco no oceano infinito do ser”. (Frankl, 2022, p. 73)

¹⁸ Por “espiritual” não entendemos aqui “religioso” em nenhuma de suas diversas variações. O termo refere-se, como será exposto adiante, a dimensão noética do ser humano, essencialmente “livre”.

ser condicionado até certo ponto, visto que, terá o poder de decisão nutrido por sua responsável liberdade.

O ser humano é, para Victor Frankl, mais do que ele se apresenta; mais do que ele se manifesta em determinado momento de sua vida. O criador da Logoterapia nos esclarece em sua obra que o motor primário do ser enquanto, ser vivente e existencial, é a sua busca por um sentido de vida. No que se refere à possibilidade de análise da existência, ou seja, a pressuposição da primeira questão antes mencionada, o autor nos diz:

No início de nossa pesquisa, esforçamo-nos para demonstrar que se fazia necessária uma Análise Existencial enquanto análise da existência humana da responsabilidade, mesmo no sentido de um método psicoterapêutico. Prosseguimos, então, para demonstrar que a Análise Existencial também permite que se perceba a posse da responsabilidade e de liberdade do homem também diante das condicionalidades psicológicas, biológicas e sociológicas que faticamente se apresentam diante dele. Além da questão acerca da possibilidade de uma Análise Existencial, levanta-se, porém, outra; se as coisas são assim, devemos nos perguntar: a existência é, afinal, analisável? (Frankl, 2022, p. 60).

Essa questão se dá, porque, segundo ele, no ser humano, há uma espécie de inconsciente existencial que o conduz a um processo, digamos que, “terapêutico”, de tomada de consciência sobre o sentido que se apresenta ao mesmo, pela própria vida¹⁹. Dessa forma, realizar uma Análise Existencial é, na verdade, investigar e elaborar uma teoria que dê conta, isto é, que seja adequada à condição dos fenômenos especificamente humanos, uma vez que os mesmos se dão na dimensão noológica, ou seja, na dimensão superior do indivíduo, trazendo assim à tona a questão sobre a sua liberdade e responsabilidade no mundo enquanto *ser-aí*, para utilizarmos a expressão heideggeriana influente em Frankl:

Primeiramente, a Análise Existencial, enquanto uma interpretação do homem e, portanto, enquanto uma antropologia, não buscou eliminar o biologismo, o psicologismo e o sociologismo de seu ensino sobre a natureza do homem, para cair, por seu turno, em um antropologismo. No entanto, ela sucumbiria a um antropologismo no momento em que estabelecesse o homem como absoluto, após ter relativizado todas as condicionantes aparentemente fáticas de sua “natureza” biológica, psicológica e sociológica (Frankl, 2022, p. 75).

Como vimos, a Análise Existencial de Viktor Frankl toma a liberdade humana como um dos fundamentos mais importantes de sua existência; liberdade esta que não é absoluta e que traz à baila a questão da unicidade, unidade e totalidade do homem como nos diz Pereira (2021, p.34) ao afirmar que “A compreensão do ser humano como ser de liberdade faz

¹⁹ Em suas “Dez teses sobre a pessoa” – palestra introdutória de um debate em 1950, como parte das Semanas Universitárias de Salzburgo, Frankl traz à baila a noção de que o ser humano (pessoa) é um ser espiritual (4ª tese) e um ser existencial (5ª tese).

distinguir nele uma tensão entre os reinos do possível e do real, trazendo em si o problema da construção do seu próprio ser”.

Desse modo, podemos entender melhor que toda a base da teoria do filósofo vienense a respeito da análise da existência humana é fenomenológica e hermenêutica, baseada em autores consagrados da filosofia como, Brentano, Husserl, Heidegger, Jaspers, entre outros²⁰. Com Heidegger, por exemplo, Frankl traz a compreensão de que o ser humano é um ser-para-o-mundo²¹, isto é, um ser para fora de si, lançado às possibilidades de realização referentes às manifestações de existência *stricto sensu*, evidenciando sua autotranscendência e sua responsabilidade frente ao mundo, um dado crucial na obra do autor:

Em outras palavras, trata-se da defesa de que cada ser humano realiza sua essência, na medida em que atualiza, o máximo possível, as possibilidades personalíssimas de dever-ser que incumbem a cada indivíduo particularmente e após cuja realização serão conservadas na guarda eterna do ser-passado. (Pereira, 2021, p. 105)

Essa responsabilidade não é, de maneira alguma, forjada por uma falsa ideia de onipotência do indivíduo que, diante das possibilidades de ação que a vida proporciona, rejeitaria sua consciência em vista de um prazer imediato, ou de uma certa felicidade momentânea, mas de uma ação moral consciente no âmbito do que lhe fora dado pelo mundo em prol de um sentido que faça sua vida valer à pena e como resposta positiva ao ato mesmo de existir. Ela possui frente à sua autotranscendência, portanto, não diferentemente do que pensara Brentano, Husserl e Scheler, uma intencionalidade, no que diz respeito à relação do sujeito com os objetos da realidade.

Explica-nos o professor Pereira (2021, p. 88) com a seguinte citação frankliana: “[...] é a intencionalidade no sentido da fenomenologia de Brentano, Husserl e Scheler, que produz a relação entre sujeitos intencionais, ou seja, entre os atos intencionais que deles provêm e os objetos intencionais (Frankl, 1981, p. 35).

Dessa forma, a intencionalidade da consciência do ser humano, para Frankl, ditaria sua busca por sentido, uma vez que, tomado pelo órgão do sentido, ou seja, a consciência, o homem vislumbraria os sentidos e valores que estão à sua frente. Sobre a consciência, Frankl defende a ideia de que a mesma nem sempre se opõe às tradições e os valores, mas afirma que ela o faz quando necessário, diferenciando-se assim do superego freudiano, por exemplo.

²⁰ É de suma importância trazer à discussão referente à Análise Existencial e ao existencialismo, a fala de Frankl na Vontade de Sentido (década de 70), especificamente, no prefácio às conferências sobre *Logos e existência* e que nos evoca a ideia de que “A filosofia existencial alega ter superado a divisão entre sujeito e objeto, mas ela não a superou: ela a ocultou, precisamente quanto ao volitivo – o objeto –, e quanto ao cognitivo – o sujeito” (p. 89).

²¹ Dado fundamentado pelo filósofo alemão em sua obra mais tenra, a saber, SER e TEMPO.

Contudo, é preciso haver entendimento sobre o que o autor está falando. Ele se refere ao desmoronamento e desintegração dos valores e tradições de nossa época, o que explicaria grande parte da sensação de profunda falta de sentido na vida que o ser humano, hoje, encontra-se envolto²². Cabe lembrar que o desmoronamento e desintegração das tradições atingem os valores e não os sentidos, pois esses são racionais e únicos ao indivíduo.

Portanto, faz-se necessário agora, respondermos nossa segunda indagação discutida pelo próprio autor, a saber: o que é ser uma *pessoa*? Vejamos o que diz o próprio Frankl²³:

O homem, como pessoa, não é um ser fático, mas facultativo. Ele existe enquanto sua própria possibilidade, a favor ou contra a qual ele sempre pode decidir. Ser humano é, como Jaspers o caracterizou, ser “decididor”: ele decide o que pode se tornar no momento seguinte. Enquanto ser decididor, está em oposição diametral àquilo onde é situado pela psicanálise: o ser dirigido. Ser homem é, como eu próprio designei, no sentido último e mais profundo, ser responsável. Com isso, porém, dizemos que ele é mais que um mero ser livre: na responsabilidade está dado o “para quê” da liberdade – aquilo para o qual o homem é livre –, para o quê ou contra o que ele decide. (Frankl, 2022, p. 114)

Novamente, o caráter da liberdade humana aparece. Ela, como vimos anteriormente, não se basta a si mesma, mas está entrelaçada à noção de responsabilidade. Ser livre na filosofia de Viktor Frankl significa ser responsável frente à finitude humana, que é determinada pela temporalidade de sua existência. O autor afirma que, muitas vezes, somos confrontados com teorias que tratam o ser humano como um princípio de homeostase, isto é, uma mera máquina, um princípio integrado onde cada uma de suas partes reage a um comando biológico-psíquico, independentemente de sua temporalidade:

Essa temporalidade diz respeito, principalmente à sua mortalidade. E é precisamente essa mortalidade que constitui a responsabilidade humana; pois o homem que fosse imortal poderia, com todo direito, deixar passar todas as oportunidades de realização de valores, pois nunca seria necessário que ele fizesse algo hoje e agora: ele poderia fazê-lo, indiferentemente, a qualquer momento no futuro (Frankl, 2-22, p. 106)

“*Não podemos voltar atrás na roda da história*”²⁴, dirá ele: o tempo, como é sabido por muitos, corre somente para frente e a cada dia, o ser humano chega mais perto do seu fim último, a morte. Dela ninguém poderá, jamais, escapar; é algo intrínseco e inerente ao homem. Significa dizer que o sentido final da existência humana não é apenas uma mera questão intelectual e sim espiritual, como veremos adiante, uma vez que, é a atitude da pessoa em relação à vida, ao sofrimento é que deve ser colocado em questão.

²² Cf. Frankl, 2021, p.136.

²³ Essa é 5ª das dez teses formuladas por ele, sobre a pessoa humana.

²⁴ Cf. Frankl, 2021, p. 134.

Vejamos que, na citação acima, o fenômeno da responsabilidade surge mais uma vez. Agora, como uma espécie de “*movimento*” da morte, uma vez que, é diante dela que surge as indagações a respeito do sentido de ou para viver. Qual o sentido que a vida possui, se a morte é para todos os homens, uma verdade? Observemos uma memória de Frankl a respeito deste tema:

Pois o que seria essa vida se ela significasse um valor em si, e se o seu valor completo não consistisse em poder dedicar-se a algo além de si? Justamente no campo de concentração foi que irrompeu essa transcendência inerente à vida, seu “intencional” transcender-se a si mesmo. Então, ao passo que a pergunta da maioria era: “Será que sobreviverei? Pois, caso contrário, esse sofrimento todo não teria nenhum sentido”, havia também aqueles cuja indignação era: esse sofrimento, essa morte, de fato tem um sentido? Pois, caso contrário, a sobrevivência também não teria sentido, já que uma vida que depende do capricho de um acaso, que depende do próprio acaso, para que escapemos ilesos ou não, essa vida não poderia ser plena de sentido, digna de ser vivida, mesmo se nos salvássemos. Assim, por detrás de toda aparente falta de sentido, revelava-se nos campos de concentração uma plenitude de sentido tão cabal que abarcava mesmo o sentido do sofrimento, do sacrifício e da morte (Frankl, 2022, p. 95).

Traremos à memória que a pergunta sobre o sentido da vida não é, de forma alguma, algo extra-humano; todos os seres racionais em algum dado momento de suas vidas são tomados por esta indagação. Todavia, o indivíduo, isto é, o ser humano que não se coloca diante à sua responsabilidade no mundo é um indivíduo neurótico²⁵.

Ser *pessoa* para Frankl é ser *indivíduo*, ser único e singular; indivisível (1ª tese); é ser também, *in-summale* (inagregável), ou seja, além de uma unidade, uma totalidade (2ª tese); é ser uma “*novidade absoluta*”, no que diz respeito ao legado que pode deixar para outrem (3ª tese); é um ser *espiritual*, no sentido de que em si, possui uma dignidade intransponível e absoluta (4ª tese); é ser um ser *existencial*, na medida em que move-se por uma ‘vontade de sentido’, em superação à sua ‘vontade de prazer’ e ‘vontade de poder’ (5ª tese); é ser *egóica*, isto é, não está subordinada às investidas do id, no sentido da psicanálise de Freud (6ª tese); é fomentar unidade e totalidade juntas, representando assim “uma encruzilhada de três camadas da existência: o corpóreo, o psíquico e o espiritual.

Essas camadas não podem ser separadas uma da outra com suficiente clareza”²⁶ (7ª tese); ser *pessoa* é ser *dinâmica*, ou seja, ter a capacidade de distanciar-se das dimensões corpóreas e psíquicas em um movimento de ir além de si mesmo, efetuando assim, sua inclinação ao transcendente (8ª tese); é ser um *não-animal*, isto é, estar lançado no mundo e

²⁵ No sentido de “estar” reduzido aos seus instintos e pulsões e não se preocupar com sua dimensão mais humana, isto é, a dimensão espiritual.

²⁶ Cf, Frankl (2022, p.115).

não em um mero ambiente como o animal (9ª tese); é por fim, ter o entendimento que a pessoa só compreende a si mesma, voltando-se para a transcendência (10ª tese).

Não é de nosso interesse aprofundar cada uma dessas teses, visto que, nossa pesquisa propõe-se a verificar filosoficamente a questão de como surge no homem o sentimento de angústia, ou melhor, vazio existencial, que o conduz a perda do sentido de existir. Diante disso, o que fora acima apresentado, teve como pressuposto um conhecimento, ainda que prévio, da visão de Frankl sobre o ser humano enquanto pessoa e alguns conceitos, digamos que, secundários, porém, não menos importantes de sua reflexão acerca da existência humana e suas nuances.

Tendo apresentado o método fenomenológico de Análise Existencial de Viktor Frankl e sua visão de ser humano (pessoa), cabe-nos iniciar nossa investigação acerca do que o autor entende sobre sofrimento do homem, suas causas e consequências para evocar uma possível resposta à pergunta cerne desse primeiro capítulo: Afinal, o que gera no homem o sentimento de perda do sentido de existir?

1.2 A perda do sentido de existir

Em um mundo onde a ideia de coletividade enquanto tradição está cada vez mais escassa e as novas tecnologias refletem demasiadamente o egoísmo e o narcisismo dos indivíduos, é preciso novamente pensar o que significa o ser humano em sua subjetividade e qual a sua condição de existência diante de tantos males que o atingem.

Frankl nos diz que, sendo herdeira de um modelo racional de pensamento, a sociedade contemporânea passou e ainda passa por diversas situações que provam que tal modelo, inspirado nos ideais iluministas de liberdade, igualdade e fraternidade, culminando no positivismo, não é mais capaz de oferecer um significado satisfatório à existência do homem, isto é, não lhe garante um sentido de vida, deixando-o cada vez mais insuficiente em si mesmo e permitindo a ilusão de que esteja sobre o controle do seu próprio leme.

Ao positivista, escapa a circunstância de que o homem está sempre para além da impressão sensorial e do conteúdo da consciência, mesmo quando ele se mostra capaz de conceber a pessoal espiritual. Já indicamos que o positivista é verdadeiramente um niilista. Agora se tornou claro que fatalmente ele está predestinado a não encontrar nada, senão o “nada”; em vão ele procura algo, porque procura o transcendente da consciência no chamado positivo, no elemento “positivo” dado, no que é imanente à consciência (Frankl, 2019, p. 194).

Essa falta de significação, de rumo, de sentido pela qual o homem dos dias atuais se deixou levar tem seus alicerces na linguagem totalizante de uma racionalidade violenta e autorreferente, ocupada demais em compreender o Ser que acabou descuidando do outro. Dessa forma, houve uma redução na maneira pela qual os filósofos pretenderam compreender o ser humano no mundo, privilegiando o cultivo de uma razão de sobrevoos, ao modo solipsista cartesiano, negligenciando todas as outras experiências que escapavam de sua substancialidade de *res cogitans*.

Com o surgimento dessa noção de “sujeito” como “coisa pensante” e, conseqüentemente, da supervalorização do indivíduo trazida pela modernidade, o humano foi categorizado ontologicamente na dicotomia *sujeito-objeto*, que privilegiou a subjetividade cognoscente em sua pretensão de abarcar o mundo pelo conhecimento.

[...] a questão que marca todas as teorias do conhecimento foi, desde o início, mal colocada! Perguntar como o sujeito pode chegar ao objeto (para tornar possível e constituir um conhecimento objetivo) não faz sentido, porque essa pergunta representa, desde logo, o resultado de uma especialização inadmissível e, por conseguinte, de uma ontização do fato verdadeiro. É ocioso perguntar como pode o sujeito sair “de si para fora” e alcançar seu objeto, que está “no exterior”, simplesmente porque esse objeto, no sentido ontológico, metafísico-gnoseológico, nunca esteve “no interior” (Frankl, 2019, p. 136)

Em outras palavras, Frankl critica a ideia de que seria através do “sujeito pensante”, por meio da percepção que deriva toda experiência “mundana” colocada em suspensão, ou seja, pelo ato de vontade da “coisa pensante”, que o mundo pode ser teorizado. É uma crítica ao racionalismo entendido como reducionista da dimensão superior do ser humano, isto é, a dimensão espiritual.

Agora, vejamos a questão a respeito do tédio levantada por inúmeros filósofos existenciais e como esse conceito foi trabalhado na visão de Frankl sob a influência de Heidegger.²⁷

1.2.1 O tédio profundo e o vazio existencial: A visão de Frankl²⁸

²⁷ Seguimos aqui o raciocínio do professor e pesquisador Marcelo Vial Rohe em seu artigo intitulado Psicologia e Filosofia na abordagem fenomenológico-existencial: um estudo sobre Frankl e Heidegger, publicado na Phenomenological Studies – Revista da Abordagem Gestáltica – XXV (3) – 323-330, 2019, onde considera que com “essa aproximação não se pretende impor ao pensamento de Frankl uma fundamentação heideggeriana, mas sim propor uma aproximação, a fim de mostrar como a filosofia de Heidegger pode ter desdobramentos na psicologia”; e – acrescentamos – na Logoterapia.

²⁸ Frankl, por outro lado, não fundamenta sua obra apenas na fenomenologia existencial de Heidegger, mas utiliza dela para analisar o ser-no-mundo (Dasein) em sua característica mais essencial, que seria a dimensão noética, ou seja, espiritual. Ele nos diz sobre caracterização de Heidegger sobre o Dasein como ser-para-o-nada, explicando que o mesmo, utiliza da expressão “nada”, diferente dos diversos nihilismos que critica: “Heidegger,

Acima, nos referimos aos sentimentos de angústia, solidão e desespero, que são características de indivíduos que perderam sua motivação, seus impulsos, suas energias, seu gosto pela existência, pelo ato de viver. Tais sentimentos, na visão de Frankl, podem estar associados a dois aspectos existenciais: o tédio e a indiferença, causas da perda da vontade de viver, ou melhor, do sentido de existir:

O sentimento de falta de sentido mostra-se por meio do tédio e da indiferença, e é possível definir o tédio como carência de interesse, mais especificamente, de interesse autêntico pelo mundo, e a indiferença como falta de iniciativa, quer dizer, iniciativa de, como partícipe do mundo, mudar algo nele (Frankl, 2019, p. 88).

O tédio aparece para Frankl como um fenômeno que daria mais material para os psiquiatras trabalharem, uma vez que, nas horas de ócio e na velhice, o homem se depara ainda mais com a questão de preenchimento de seu tempo livre. Ademais, os consultórios terapêuticos estão cheios de idosos que buscam preencher uma lacuna trazida pela velhice para superar uma sensação de inutilidade. Por conseguinte, uma certa rejeição de si, beirando à depressão. Há também a lotação de jovens, que buscam saciar uma ausência legada, não exclusivamente, pela aceleração do desenvolvimento físico, principalmente nas mulheres, e por uma frustração espiritual²⁹.

Na *Conferência inaugural da abertura da Semana do Livro de 1975, no Hofburg de Viena*, Frankl nos conduz a três aspectos, principalmente do tédio, em nossa era, que

na realidade, não se limita a empregar o substantivo “o nada” e o advérbio “nada”, recorre ainda a um verbo da mesma família, “nadificar”. Por trás do “nada” ele parece conceber o ser, e só chama de “nada” porque não se trata de um “ente” (Seiend) entre outros entes, pelo contrário, trata-se do fundamento de todos os entes” (Frankl, 2019, p. 125). Frankl percebe que a expressão “nada” utilizada por Heidegger, não afeta a essência do ser-aí, uma vez que, “nada” aqui seria sinônimo de possibilidades de existência. O ser-aí, isto é, o Dasein, é também ser-para-o-nada enquanto possibilidades de ser-no-mundo. No que concerne a ideia de homem como ser que se antecipa a si mesmo o autor vienense diz:

“No tocante ao tédio como algo que tende a gerar no ser humano certa “inquietação”, ambos os autores parecem concordar que o tédio não é, simplesmente, algo que possa ser combatido de qualquer forma. O problema existente, segundo Frankl, é a da má interpretação da ideia de homem como ser-no-mundo, que fora legada por Heidegger, mas que ao longo da tradição, foi colocando o homem numa submissão relacional científica de sujeito-objeto, visto que, os seus “referentes intencionais” foram erroneamente transmitidos. Diz: “Compreensivelmente, no momento em que o sujeito é transformado num objeto, seus próprios objetos desaparecem. E, na medida em que os “referentes intencionais” formam “o mundo” em que um ser humano “é”, como um “ser no mundo”, para usar a fraseologia heideggeriana tão frequentemente mal utilizada, o mundo é excluído assim que o homem não é mais visto como um ser, por assim dizer, agindo no mundo, mas sim como um ser reagindo a estímulos (modelo behaviorista) ou aliviando impulsos e instintos (modelo psicodinâmico)”. (FRANKL, 2022, p. 239). O autor nos diz que o ser humano foi tratado por algumas correntes existencialistas fundamentadas no niilismo, como um sistema fechado e que, sendo assim, sua abertura para as possibilidades de agir no mundo desaparecem, levando-o ao tédio. Para Heidegger, o tédio é uma tonalidade afetiva fundamental, não obstante, ele não é a única. No §16 referente ao primeiro capítulo da primeira parte da obra aqui analisada, a saber, *Os Conceitos Fundamentais da Metafísica. Mundo. Finitude. Solidão* (1929/30), o autor introduz um certo pensar analítico, na tentativa de esclarecer previamente o sentido do despertar desta tonalidade afetiva específica, que para ele está “adormecida”.

²⁹ Cf. Frankl, 2021, p. 132.

possibilitam a perda do sentido de existir, são eles: a *neurose dominical*, a *crise da aposentadoria* e a *neurose do desemprego*.

Sobre a neurose dominical descreve:

Nos fins de semana, especialmente aos domingos, com a interrupção das atividades da semana, o sentimento de ausência de sentido vem à tona com maior intensidade. Por via de consequência, instala-se uma depressão típica, que se tem designado como neurose dominical. E esta parece encontrar-se em franco aumento de incidência. Com efeito, isto se infere de constatação feita pelo Instituto para a demografia de Allensbach, segundo a qual era de 26 por cento em 1952 o número de pessoas para as quais o tempo transcorria com demasiada lentidão aos domingos, sendo que hoje atinge a média de 37 por cento (Frankl, 1990, p. 157).

O segundo aspecto clássico desse tédio que o autor nos fala é a chamada *crise da aposentadoria aos 65 anos*³⁰, visto que, segundo ele, vivemos em uma sociedade que traz à tona uma espécie de *divinização* da juventude, de culto ao corpo jovem, multiplicando o efeito de perda de sentido para quem se aposenta, atrelado ao sentimento de inferioridade.

“*Culto à juventude*” no aspecto citado acima, também podemos fazer referência ao culto ao belo corpo, uma vez que, há certo exagero no modo como, principalmente, os jovens entendem a ideia de “cuidado” com a saúde. Vislumbrando apenas a física, esquecendo, muitas vezes, a questão psico-noética, isto é, psicológica e espiritual:

[...] a crise da aposentadoria aos 65 anos já nos cria problemas suficientes, alguns deles em relação à sociedade de resultado na qual vivemos e que estimula o culto à juventude. Isso produz tal efeito que a consciência de falta de sentido na vida de quem se aposenta multiplica-se pelo sentimento de inferioridade, o que o leva a sentir-se tão imprestável como uma sucata velha [...] (Frankl, 2019, p. 89).

A questão colocada aqui, de certa forma, é vista sobre a perspectiva cultural-econômica, dado que, o sentimento de inferioridade emerge quando a pessoa idosa se sente inútil para realizar determinadas tarefas que, enquanto jovem, exercia de maneira prática. Por exemplo, participar ativamente da produção na empresa a qual possuía vínculo empregatício, ou, em vários casos, auxiliar no próprio trabalho doméstico sem ajuda de terceiros³¹.

O terceiro grave problema da ausência de sentido de vida colocado pelo autor é o grande índice de desemprego. Diz:

Alguns dias mais tarde, caiu nas minhas mãos uma estatística segundo a qual, em uma população que vive a cerca de milhares de quilômetros ao leste, menos de 1%

³⁰ Cf. Frankl, 2019, p. 89.

³¹ Quanto a esse tema, o Papa Francisco em sua obra *Deus é Jovem* (2018) nos direciona para uma possível solução a esse problema da “imprestabilidade” do idoso, mas também do jovem, o primeiro, por não possuir mais força vital que garanta o sucesso do mercado, o segundo enquanto um indivíduo sem experiência para exercer qualquer tipo de autoridade perante as responsabilidades que o mundo oferece. Essa solução seria uma espécie de Revolução da ternura, uma espécie de diálogo contínuo entre ambas as fases para que o processo de ensino-aprendizagem entre eles, possa dar sentido tanto para um quanto para outro.

se queixa da falta de sentido. Nesses países em questão, as pessoas têm, em geral, o suficiente para viver, mas apenas conhecem um motivo pelo qual a vida vale a pena. E onde a primeira premissa (a prosperidade material), relacionada com a crise econômica mundial, perde a relevância, quem ganha em atualidade é a segunda premissa (o depauperamento existencial), uma vez que a crise econômica conduz ao desemprego – e o desemprego aprofunda ainda mais a sensação de falta de sentido. (Frankl, 2019, p. 88)

A *neurose do desemprego*³² gera no ser humano um sentimento de inutilidade, validando assim a perda do sentido. Os homens, principalmente, mas não exclusivamente, não conseguem arcar com suas responsabilidades do lar e da paternidade, sentem-se inúteis diante da sociedade e da vida. O contrário também é verdadeiro. Não só o desemprego, mas o trabalho exagerado causaria no ser humano uma perda de sentido. Isto se dá, principalmente, porque estaríamos imersos em um mundo tecno-científico de produção e reprodução, uma vez que, quem não se encontra apto para certas necessidades do mundo do trabalho, não possui chance de competir com aquele indivíduo mais “qualificado”.

Há uma concorrência para ser melhor. Aqui, ser melhor significa produzir mais; todavia, produzir mais implica na desumanização do indivíduo no tocante a uma perda não só de qualidade de vida e de tempo, mas também de saúde física, mental e espiritual, o que gera cada vez mais novas patologias. Nos remete ao que dissera o filósofo alemão Walter Benjamim (1892 – 1940) em seu ensaio intitulado *O Narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*, onde fazendo uma análise crítica da obra deste autor, ao mesmo tempo em que critica a desvalorização do conto em detrimento a ascensão do romance, diz:

Se o sono é o ponto mais alto da distensão física, o tédio é o ponto mais alto da distensão psíquica. O tédio é o pássaro de sonho que choca os ovos da experiência. O menor sussurro nas folhagens o assusta. Seus ninhos – as atividades intimamente associadas ao tédio – já se extinguíram na cidade e estão em vias de extinção no campo... Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual (Benjamim, 1985, p. 204-205)³³.

Não obstante, Walter Benjamim está interessado na ideia em que há no tédio profundo uma espécie de atividade contemplativa, que levaria o ser humano à criatividade. Desse modo, o tédio não seria algo de todo negativo, visto que, nessa linguagem sobre o tédio como o “*pássaro do sonho que choca os ovos da experiência*”, ele faz uma analogia ao processo

³² Expressão utilizada pelo autor nos parágrafos seguintes.

³³ Texto retirado da terceira edição da obra *Walter Benjamim – Obras escolhidas, Magia e Técnica, Arte e Política* da Editora Brasiliense, São Paulo, 1987.

perceptível-reflexivo da realidade mesma em que o indivíduo se encontra e que gera algo novo no mundo.³⁴

O que o filósofo alemão afirma e assimila-se muito ao que Frankl nos diz a respeito do tédio e da indiferença, ligados à ideia de trabalho, é que essa distensão psíquica, ponto mais alto do tédio, evidencia tanto no campo como na cidade, uma espécie de enfeixamento do tempo na memória, levando o indivíduo a “esquecer-se de si mesmo” e, conseqüentemente, perdendo de vista o sentido de sua vida.

Sobre o fenômeno do desemprego, diz Frankl:

[...] descrevi o que denomino neurose de desemprego, cujo sintoma central é depressão profunda. Minha hipótese parte do princípio de que essa depressão se reduz a uma insuficiência dupla de identificação: o desempregado tende, com efeito, a pronunciar-se do seguinte modo: “Estou desempregado, logo sou inútil, e conseqüentemente, a minha vida não tem o menor sentido” [...] (Frankl, 2019, p. 89).

Os jovens, em especial, não só se ‘desesperam’ pelo fenômeno do desemprego. Geralmente, diz Frankl, a depressão entre eles está ligada a outros fatores, que também são desencadeados pelo tédio. São eles: a toxicodependência ou toxicomania e a agressão (violência), sobretudo pela falta de confiança na tradição. Os valores estão se esvaziando e, conseqüentemente, os sentidos de vida que eles trazem consigo estão se turvando, pelo modo em que a juventude os trata. Não significa dizer que esses valores que foram postulados pela tradição estejam em profunda conexão com a verdade das coisas mesmas, isto é, eles podem sofrer alterações a fim de forjarem melhores condições de harmonia entre os indivíduos.

Frankl diz que a multiplicidade de valores – velhos ou novos – consegue, de certa forma, obscurecer a visão de quem lhes contempla no tocante à ideia de que a juventude não tem um chão para lhe guiar nem uma meta a seguir. Diz:

É especialmente a geração jovem que, além de perguntar pelo sentido da vida, ousa questioná-lo, e, sobretudo pouco disposta a entregar-se à tradição. E é por essa razão que o nível de frustração existencial ou desapontamento – aquilo que designamos na

³⁴ Essa interpretação do texto de Walter Benjamim a respeito do tédio profundo como criador de algo novo no mundo é defendida por Byung-Chul Han, filósofo sul-coreano em sua obra *Sociedade do Cansaço*, traduzida para o português em 2015 pela editora Vozes. Nela o autor prega a ideia do tédio profundo como capaz de produzir no indivíduo, certa criatividade. Dessa forma, traria à tona seu lado positivo. O filósofo sul-coreano traz à baila a noção de que o tédio profundo pode ser uma atividade reflexiva na medida em que estaria ligada à contemplação, isto é, uma atenção profunda, em contraposição a hiperatenção oriunda do excesso de estímulos, informações e impulsos em que a sociedade contemporânea está imersa. Essa hiperatenção (hyperattention) se caracteriza “por uma rápida mudança de foco entre diversas atividades, fontes informativas e processos” (p. 20). Sendo assim, não haveria, na verdade, não há, espaço nem para o descanso nem para a atividade reflexiva ou de contemplação. O Byung-Chul Han ainda estabelece nessa obra a diferenciação entre o tédio profundo e o inquietar-se. O primeiro (tédio) nos levaria a produção de algo; produção por que não, artística, enquanto que o segundo (inquietar-se) só “reproduz e acelera o que já existe” (Idem). Adiante, recorreremos mais uma vez a esta obra específica deste filósofo oriental.

Logoterapia a “vontade de sentido” – é particularmente elevado entre os jovens (segundo a Associação Caritas, “para 42% dos jovens a vida parece não ter o menor sentido”). Sob tais circunstâncias não é de admirar que a sensação de falta de sentido se revele em forma de uma síndrome neurótica massiva, que se pode observar, sobretudo entre os jovens (Frankl, 2019, p. 91).

Anteriormente, já fora citado sobre o que chamamos de “*morte da juventude*”³⁵ no que se refere à falta de disposição para atingir seus sonhos e realizar seus planos. O termo ‘*morte*’ faz menção a uma ausência de força vital que a juventude atual transmite de forma coletiva e que, muitas vezes, a direciona para um tipo de pessimismo existencial, que desvela a frustração de não querer mais existir. Lembremo-nos também do que Frankl nos diz quando afirma ainda que:

A sociedade de resultado e seu fenômeno concomitante, a deificação da juventude, tendem a desprezar as pessoas mais velhas em razão de sua escassa utilidade social; mas elas não merecem o desprezo nem mesmo a compaixão. Um jovem pode esperar pelas possibilidades do futuro – o velho sabe das realidades do passado, e é precisamente isso o que conta (Frankl, 2019, p. 99).

Tanto o jovem quanto o velho temem a morte; contudo, o que se destina a diferenciar em ambos é que, no primeiro, ainda há certo vigor físico, mesmo que, algumas vezes, não haja, necessariamente, um vigor psíquico e noético (espiritual). Enquanto no último, as condições físicas o fazem, em muitos casos, se *entregar* à morte, ainda que esta seja uma característica inevitável da condição humana, como afirma Frankl³⁶.

Em outras palavras, o velho (idoso/aposentado) sente que é em si, um incômodo na vida do outro por não ser produtivo o suficiente, precisando de todo cuidado, pois não possui mais vigor – pelo menos no caso acima colocado – para continuar exercendo suas antigas funções sociais. Enquanto o jovem, ao querer aproveitar a vida sem nenhuma responsabilidade, é conduzido por seus afetos desregrados, a ponto de não ouvir os conselhos dos mais experientes. Esse tipo de comportamento traz à baila sua necessidade de fugir do mundo, utilizando assim, instrumentos de fuga de realidade, como é o caso das drogas lícitas e ilícitas, que promovem uma sensação de prazer imediato e uma espécie de alívio e “fim” do sofrimento que lhe acometera.

³⁵ Cf. Kavaná – conselhos para a juventude. Rodolfo Ramalho, Editora Lucel, 2021.

³⁶ Para ilustrar bem essa relação da falta de sentido de vida em ambas as gerações, motivadas por essas crises e neuroses, basta lembrar do que dissera o grande poeta e multi-instrumentalista Rodrigo Amarante quando descreve em sua belíssima canção “O velho e o moço” algumas características das posturas, isto é, do modo de ser, ou melhor, do comportamento de indivíduos dessas duas gerações, caracterizando o velho como aquele que escuta o que lhe convém, gosta daquilo que é gasto, e sabe do incômodo que sua existência faz na vida daqueles que estão ao seu redor, isto é, seus familiares e colegas próximos e quanto ao jovem, o descreve como aquele que é vaidoso, gosta do estrago e diz o que lhe condiz; que ainda sabe do escândalo que produz e não está nem um pouco interessado naquilo que os outros lhe dizem quando afirmam que ele não sabe medir nem tempo e nem medo.

No que se refere à toxicodependência ou toxicomania afirma:

Novamente pretendo poupar-vos de estatísticas tediosas; mas não posso eximir-me de confrontar-vos com o resultado de dois testes: Annemarie von Forstmeyer conseguiu comprovar que, em 90% dos casos de alcoolismo examinados por ela, as pessoas padeciam de um sentimento de falta de sentido acentuado e profundo e, segundo Stanley Krippner, 100% dos dependentes de drogas tratados por ele psiquiatricamente queixavam-se de não poder encontrar nenhum sentido na vida (Frankl, 2019, p. 92)

Há tempos, é de fácil visibilidade a autodestruição da juventude devido à toxicodependência. Sendo ainda mais difícil a realidade das próprias famílias, que são destruídas por consequência do vício, que não só o jovem, mas principalmente ele, está envolto. Inúmeros são os casos de suicídio, principalmente entre os homens, por overdose, isto é, autolesão, bem como é denominado esse tipo de morte. Frankl já nos alertava sobre isso desde muito tempo, antes e depois dos campos de concentração que privaram sua liberdade.

Essa visão de que mesmo a vida, de maneira especial, dos jovens, é *intensa e impregnada de amor à vida*³⁷, como dito acima, faz-nos, mais uma vez, lembrar do que dissera o autor quando afirmou que “*Nada nem ninguém pode abolir ou desfazer o que já passou. Vemos sempre o restolhal da transitoriedade – e não reparamos nos celeiros cheios onde recolhemos a colheita de nossa vida*” (Frankl, 2019, p. 99)³⁸

Segundo Frankl (2019, p. 33), como já fora dito: “*O homem comum vê sentido em fazer ou criar, ter experiências ou amar alguém. Mesmo a uma situação desesperada, que ele enfrenta sem esperanças, atribui um sentido. O que importa é a sua atitude diante de um destino inevitável e imutável*”.

Não esqueçamos que a depressão, toxicodependência (toxicomania) e agressão (violência) fazem parte do que autor conceituou de *tríade da neurose de massa*, que atinge principalmente a juventude de todas as classes sociais, gêneros, idades, capacidade intelectual, grau de instrução, crenças religiosas.

Esses indivíduos ‘atingidos’ pela sensação de *vazio existencial*, podem, no entanto, encontrar o sentido de vida deles, transformando as situações mais deploráveis e que estão presentes no limiar da existência humana, como o sofrimento, a culpa e a morte, em realização, mudança e ação responsável.

³⁷ Para utilizar as expressões do romancista cubano radicado na Itália, Ítalo Calvino em sua obra *As cidades invisíveis* (1972).

³⁸ Cf. Ramalho, 2021, p. 71.

1.2.2 O sofrimento

O sofrimento faz parte do que ele denominou de *tríade trágica*³⁹, composta também pelo sentimento de culpa e a morte. Seria, portanto, prudente, começarmos este tema, a partir de uma das grandes influências de Viktor Frankl na filosofia: o filósofo alemão Arthur Schopenhauer (1788 – 1860) quando este fala que, o vazio existencial, ou seja, a perda do sentido de existir permeia toda a existência do homem ao longo do tempo⁴⁰.

Dessa forma, podemos indagar sobre o que faz o ser humano perder o sentido de sua vida, ou também, quais os fatores que o levam a procurar tirá-la. Formulemos da seguinte maneira: a) O que faz o homem perder o sentido de sua vida? b) Em que medida o sofrimento é responsável por essa investida? Essas indagações nos colocam em frente ao problema do chamado *vazio existencial*, a que tanto Frankl se debruça em sua obra e é preciso, antes de tudo, nos remetermos a elas, se quisermos chegar ao centro de nossa empresa, visto que, segundo ele, esse fenômeno é universal:

Este sentimento, o vazio existencial, vem crescendo e se difundindo a ponto de poder ser chamado de neurose de massa. Existe a respeito ampla confirmação sob a forma de artigos em publicações especializadas, uma vez que o fenômeno não está limitado aos estados capitalistas, mas pode ser observado também nos países comunistas. E mais, ele se faz notar também no terceiro mundo (Frankl, 2005, p.19).

Uma fórmula que Frankl costumava usar para bem explicitar sua ideia era a de que $S=S=D$ (Sofrimento sem Sentido é igual a Desespero). O desesperado é aquele que, na vida, sofre sem um sentido e é, por assim dizer, conduzido ao vazio existencial. Aqui, mais uma vez, temos uma semelhança entre nosso autor e o filósofo dinamarquês, uma vez que, para ambos, o desespero é uma doença para morte. Em outra passagem ele afirma:

De minha parte, ao tentar identificar as causas do vazio existencial, reduzo-as a duas espécies: carência instintiva e quebra de tradição. Em contraste com os animais, nenhum instinto ensina ao homem como é preciso agir; nenhuma tradição o ajuda encontrar o caminho do dever. Frequentemente, parece até que ele nem sequer sabe o que deseja. Limita-se a desejar o que os outros fazem, ou a fazer o que os outros desejam. No primeiro caso temos o conformismo, típico do Hemisfério Ocidental, onde se vem difundido; no segundo, o totalitarismo, que prevalece no Hemisfério Oriental (Frankl, 2019, p. 26).

³⁹ Cf. Frankl, 2019, p. 83.

⁴⁰ “*Esse vazio encontra sua expressão em toda forma de existência, na infinitude do Tempo e Espaço, em oposição à finitude do indivíduo em ambos; no fugaz presente como a única forma de existência real; na dependência e relatividade de todas as coisas; em constantemente se Tornar sem Ser; em continuamente desejar sem ser satisfeito; na longa batalha que constitui a história da vida*” (Cf. Schopenhauer, Arthur, 1788-1860: *Essays of Schopenhauer*, trans. by Mrs. Rudolf Dircks (Gutenberg text)).

Nesse caso, conformismo e totalitarismo são, para o autor, efeitos do vazio existencial, podendo até gerar, em alguns indivíduos, uma espécie de *pseudo-sentido*⁴¹, na tentativa frustrada de escapar de tal sentimento, criando valores que supõem ser válidos e que, na verdade, não o são.⁴² Desse modo, é necessário entender, previamente, que Frankl vê o homem também, como sendo um *Homo Patiens* (homem que sofre), porém, em face de sua visão acerca do sofrimento humano e a perda do sentido de existir decorrente deste mesmo sofrimento, tenhamos a nítida distinção de que sofrimento (*pathos*) e doença não são as mesmas coisas:⁴³

Quer dizer então que o sofrimento é necessário para encontrar o sentido? Isso seria um equívoco grosseiro. Em hipótese alguma pretendo afirmar que o sofrimento seja necessário, pelo contrário, o que afirmo é que o sentido é possível apesar do sofrimento, para não dizer por intermédio de um sofrimento – supondo que o sofrimento seja necessário, quer dizer, quando a causa do sofrimento não pode ser remediada ou eliminada por ser de origem biológica, psicológica ou sociológica; se um câncer é operável, o paciente seria naturalmente operado; se um paciente com neurose se apresenta para uma consulta nossa, faremos, obviamente, tudo para libertá-lo do problema; e se é a sociedade que se encontra doente, partiremos logo e desde que possível para uma ação política... é preciso remediar ou eliminar a causa do sofrimento; em resumo, tronar-se ativo deve ser a prioridade (Frankl, 2019, p. 96)

Para ele existem dois tipos de sofrimento: o necessário, isto é, aquele que a vida nos impõe e que nos leva a se posicionar diante dele. Esse tipo de sofrimento também pode ser, segundo Frankl, voluntário, como é o caso do mártir, que aceita a dor por amor a algo ou alguém, como forma de consideração moral elevada; 2) o sofrimento desnecessário que se constituiria como masoquismo é como que um flagelo de si mesmo, ou seja, proposital.

O autor faz ainda uma comparação entre o mártir e o penitente, a fim de clarificar a sutileza dessa diferenciação no tocante aos sofrimentos necessário e desnecessário, quando ele diz que “*O primeiro aceita o sofrimento, o segundo o aplica a si mesmo. É, no entanto, próprio de ambos o momento de livre-arbítrio. A penitência não é outra coisa senão expiação voluntária, em contraposição ao castigo, expiação involuntária*” (Frankl, 2019, p. 311).

⁴¹ Termo utilizado por nós, para expor a ideia de que o sentido, segundo o próprio autor, não pode ser criado, mas há de ser encontrado: “O que chamo de procura de sentido equivale à apreensão de determinadas características do real” (cf. Frankl, 2019, p.30).

⁴² Sobre isso, diz ele: “Com relação ao homem, em sua origem, a essência, o que conta é o preenchimento do sentido e a efetivação do valor – em síntese, a realização no plano existencial (a nosso ver, “existencial” tem a ver não somente com existência, mas com o sentido da existência). O oposto da realização existencial é o que, em logoterapia, chamamos de vazio existencial” (Frankl, 2019, p. 42).

⁴³ De acordo com Moreira e Holanda (2010) – Logoterapia e o sentido do sofrimento: convergências nas dimensões espiritual e religiosa: ... “Segundo Viktor Frankl, sofrimento e doença não se equivalem. O homem pode sofrer sem estar doente, e estar doente sem sofrer. O sofrimento é tão inerente ao humano – como já definiu Jaspers – que eventualmente o não-sofrer pode ser uma doença. E há estados psíquicos doentios nos quais o homem, exatamente por não sofrer, sofre (Frankl, 1990)”.

O sentido do sofrimento se caracterizaria fundamentalmente pelo sacrificar-se. Em outras palavras, para Frankl, não há como dar sentido ao sofrimento, isto é, transcende-lo sem sacrificar-se por alguém ou algo de forma intencional. Vejamos:

Em outras palavras: a fim de dar um sentido ao sofrimento, devo sofrer por alguém, por amor a alguém. O sofrimento, para ter finalidade, não pode bastar-se a si mesmo. Do contrário, torna-se-á masoquismo. Sofrimento significativo equivale a “amor por”. Aceitando-o, não só o fazemos alvo de uma intenção, mas visamos por meio dele algo que não é idêntico a ele. Transcendemos, assim, o sofrimento. (Frankl, 2019, p. 305)

Sobre as questões levantadas acima, a que se refere ao sofrimento humano, seja ele necessário (voluntário ou não), desnecessário e como sacrifício, é relevante para nossa pesquisa trazermos à baila, para fins de contribuição contextual e conceitual, a visão de Viktor Frankl sobre a procura do homem pela felicidade e pela autorrealização enquanto prazeres como fuga para o sofrimento quando afirma que:

Insistamos: a felicidade precisa ter um fundamento cujo efeito compareça espontaneamente; em poucas palavras, a felicidade resulta, não se deixa obter, não é fabricável; ao contrário, quanto mais se torna um fim, quanto mais se coloca em jogo o prazer, mais rápido ela se desvanece. Conhecemos isso da patologia sexual. Uma vez posto em prática, o princípio de prazer se mostra um único e imenso desmancha-prazeres (Frankl, 2019, p. 85).

O homem busca escapar do sofrimento tentando encontrar a felicidade pelo princípio de prazer. Essa seria, segundo Frankl, a visão reducionista da psicanálise de Freud, que coloca o ser humano como condicionado à sua libido pelo inconsciente, pois “O homo patiens, o homem que sofre, que sabe como sofrer, sabe como transformar seus sofrimentos em uma conquista humana” (Frankl, 2005, p. 35, grifos nossos)

Este “*transformar*” só é possível pelo que Frankl denominou de autotranscendência, salientando a ideia de um olhar para além de si mesmo e não de uma autorreferência, que levaria o homem a olhar somente para si, como afirmamos acima. Nesse sentido:

Sofrer significa agir e significa crescer. Significa igualmente amadurecer. O indivíduo que se eleva acima de si mesmo avança para a maturidade. Sim, o verdadeiro produto do sofrimento é, afinal de contas, um processo de maturidade. A maturidade pressupõe, todavia, que o indivíduo tenha alcançado uma liberdade interior, malgrado sua dependência exterior. Pensemos numa situação extrema, o cativeiro ou o campo de concentração, onde o homem se encontra numa situação de enorme dependência de circunstâncias que lhe foram impostas ou ditadas. Vemos, entretanto, que a dependência se manifesta no tocante ao que faz e ao que experimenta. (Com efeito, que fazer no campo senão trabalhar com a pá; que experimentar senão fome, frio, maus tratos?) Ele é livre, em compensação, quanto à atitude a adotar (Frankl, 2019, p. 302)

Uma vida dotada de sentido, para ele, é uma vida digna, e que, não diferentemente, devota-se à outra. Nesse sentido, sofrer, significaria olhar para si mesmo e não contemplar a

sua própria potencialidade, isto é, a possibilidade não de apenas ser o que “é”, mas o de ser o que “pode” se “tornar”. Sobre tal potencialidade humana afirma:

Se quisermos valorizar e empenhar o potencial humano em sua forma mais elevada possível, devemos antes de tudo acreditar que ele existe e que está presente no homem. Se não, o homem deverá “desviar-se”, deverá deteriorar-se, porque o potencial humano existe, sim, mas na pior forma. Por outro lado, não devemos permitir que nossa fé na potencialidade do homem nos induza a esquecer o fato que, na realidade, os homens humanos são, e provavelmente sempre serão, uma minoria. (FRANKL, 2005, p. 24)

Perceptivelmente, é inegável que a Análise Existencial do autor se fundamenta, como dito anteriormente, naquilo que é inerente à condição humana: o sofrimento humano. O ‘*para quê*’ da vida, implica uma experiência de fazer algo perante aquilo que a vida traz como dor, ou seja, como sofrimento e também como culpa. É uma questão de atitude, de ação, de dinâmica para com a própria vida. Entretanto, o mundo contemporâneo, enquanto lugar onde o sentido do sofrimento se daria, podemos assim afirmar, está permeando ilusões que não permitem que o ser humano encontre, de maneira simples, mas efetiva, o sentido de sua vida. Diz:

O mundo não é mais, portanto, o lugar onde o homem, superando a si mesmo, sai em busca de uma causa a qual valeria a pena servir ou de um par que pudesse amar porque é digno de amor. Não; longe disso, os objetos e os homens abaixam-se juntos no mundo lá fora apenas para servir de simples meios para um fim, mais ou menos úteis e, no melhor dos casos, justamente bons o bastante para serem colocados a serviço da satisfação dos próprios instintos e também da autorrealização. (Frankl, 2019, p. 85)

Frankl remete-se à pessoa humana como aquela que deve ser vista em sua integralidade de corpo, alma e espírito, isto é, na visão do autor, em sua dimensão somática, psíquica e noética.⁴⁴ que busca um sentido, mas que não o encontraria na autorrealização, pois este sentido é sempre “fora” de si mesmo. Para nosso filósofo, a vida teria uma estrutura que revelaria ao homem sua tragicidade, visto que, “O que lhe é revelado é que *a existência humana, no que tem de mais profundo, é a paixão, a essência do homem é ser um sofredor – Homo patiens*” (Frankl, 2019, p. 303).

Segundo ele, o homem descobre essa estrutura trágica de sua essência, para além de tudo aquilo que é belo, feio; para além do bem e do mal, e o faz de forma não sentimental, ou seja, é simplesmente lhe imposta pela contemplação pura da verdade. O sofrimento para Frankl tem, além de uma dignidade ética, uma relevância metafísica.

⁴⁴ Sobre a influência de Frankl na antropologia filosófica de São João Paulo II (Karol Wojtyła) indicamos duas das principais obras deste segundo, a saber: *Teologia do Corpo* – Editora Ecclesiae; 1ª edição (8 fev. 2019) e; *Amor e Responsabilidade*, Editora Cultor De Livros (1 jan. 2015).

1.3 A culpa

Tomemos, neste momento, uma das faces dessa tríade, que, para o filósofo vienense, é a *culpa*, tanto individual quanto coletiva. A culpa individual pode ser ocasionada por diversos fatores, como por exemplo, o não cuidado com a saúde, gerando doenças que poderiam ter sido evitadas; ou a falta de perdão frente à morte de um ente querido, frente à possibilidade de que o indivíduo cometa um crime⁴⁵, entre outros. No que diz respeito a outra, Frankl (2022, p. 100), nos direciona para três tipos de culpa coletiva, a saber, a *Sujeição*, a *Adesão* e a *Responsabilidade coletivas*.

Sobre essa primeira, a *Sujeição coletiva*, o pai da Logoterapia nos diz que ela se caracterizaria como sendo “*um compromisso assumido dentro de uma coletividade como um todo; portanto, trata-se de um ente coletivo que se torna responsável pelas implicações de algo realizado pelo coletivo enquanto tal*”⁴⁶.

Em outras palavras, o *sujeito* (indivíduo) acaba por assumir um determinado compromisso com algum movimento/momento específico de sua época, cidade, Estado, que não foi diretamente produzido por ele, sujeitando-se a imposição desse movimento/momento, como uma nação que entra em uma guerra fazendo com que seus cidadãos – principalmente aqueles que não queriam estar ali – sejam forçados a assumir as consequências dessa malograda situação.

No tocante à *Adesão coletiva*, nosso autor questiona em que medida pode-se ou não aderir a algo ou alguma ideologia sendo responsabilizado por esta. Dito de outro modo: em que situação podemos dizer que um indivíduo teve ou não participação nos delitos de sua nação quando, por exemplo, se filiou a um partido que pregava o autoritarismo? Até que ponto essa adesão culpabiliza o sujeito? Viktor Frankl exemplifica isso com o caso daqueles que, frente aos horrores do holocausto, puderam fugir da perseguição nazista e, mesmo assim, reivindicaram um ato de ‘heroísmo’ ou de ‘martírio’ daqueles que sucumbiram as pressões do campo de concentração.

A *Responsabilidade coletiva*, por sua vez, pode ser mal interpretada na medida em que a ideia do mal, no tocante aos exemplos acima citados, transmitir-se através da errônea convicção presente no bordão ‘um por todos e todos por um’:

⁴⁵ Frankl (2019, p. 97), utiliza a expressão latina “*mysterium iniquitatis*”, isto é, “*mistério do mal*”, para dizer que existe um ar de mistério no crime cometido por alguém. Este, nos faria esquecer levemente das categorias fundamentais de sua humanidade, a saber: a liberdade e a responsabilidade. Dessa forma, trataríamos o homem enquanto uma “máquina que precisa ser reparada”.

⁴⁶ Frankl (2022, p. 100).

Certamente, o mal não se torna realidade em todos; mas está em cada um ao menos em possibilidade: está e permanece em cada um. Não pensemos que o Diabo tenha se apropriado de uma determinada nação ou monopolizado um determinado partido. Também não pensemos que o nacional-socialismo tenha somente realizado o mal: isso significa superestimar o nacional-socialismo; pois ele não foi criativo nem mesmo para o mal. O nacional-socialismo não criou o mal: ele apenas promoveu-o através de uma seleção negativa que empreenda, e através do poder que o exemplo do mal é capaz de operar ao “engendrar continuamente o mal” (Frankl, 2022, p. 102).

De forma alguma, podemos afirmar que o ser humano não é responsável pelos seus atos, mesmo que esses tenham sido realizados por efeito de alguma espécie de indução ou condicionamento.⁴⁷ Como ser que é guiado pela consciência, o ser humano pode por meio do “*tormento da escolha*”⁴⁸ aderir ou não as vãs ideologias pregadas pelo mundo, devendo, no entanto, assumir as consequências dos seus atos, visto que, para Frankl (2019, p. 32): “A liberdade que se exerce arbitrariamente provoca degenerescência e destruição; deve, portanto, ser complementada pelo senso de responsabilidade”.

1.3.1 A morte

Sobre a morte, Frankl nos lembra que ela pode tirar aquilo que no homem é sua constituição corpóreo-psíquica; porém, nos leva a indagar: o que fica do homem quando seu corpo e sua psiquê se vão?

O homem, porém, é mortal tanto do ponto de vista do corpo quanto da psique – já dissemos expressamente que ele perde, na morte, todo o seu psicofísico (não menos, mas também, não mais). Entretanto, com essa perda, com a sua mortalidade psicofísica, “adquire” aparentemente o que falta ainda aos seres que lhe estão “abaixo” na escala do desenvolvimento: a imortalidade espiritual. Assim é a escala crescente na sucessão biogenética – escala na qual uma criatura, por intermédio do sacrifício, da renúncia à infinitude (temporal) numa camada do ser, obtém a infinitude (temporal), até mesmo a “imortalidade”, numa camada imediatamente superior (Frankl, 2019, p. 202).

O problema da morte está ligado diretamente ao problema da transitoriedade da vida, uma vez que “*a vida do homem se revela como entidade temporal integral: cada momento único de tal existência é referido ao “seu” passado, ao “seu” futuro e à sua “morte” (Rilke); mortal, o homem circunscreve “sua” vida num todo fechado*” (Frankl, 2019, p. 203).

⁴⁷ Diz Frankl (2005, p. 45): “Como Scheler destacou certa ocasião, o homem tem o *direito* de ser considerado culpado e de ser punido. Encontrar uma explicação para a culpa considerando-o como vítima das circunstâncias significa também tirar-lhe a dignidade humana. Eu diria que é uma prerrogativa do homem a de tornar-se culpado”.

⁴⁸ Cf. Frankl, 2019, p. 48.

Muito fala-se, na filosofia principalmente, em ‘*aprender a morrer*’, no sentido de que devemos viver uma vida com significado, com sentido, a fim de que no caminho para a morte, não se deva levar um sentimento de arrependimento pelas coisas que fizemos ou por sonhos e planos que não realizamos.

A história da filosofia está repleta de questões existenciais que valem à pena serem discutidas e revisitadas a todo momento. Porém, uma dessas questões é fundamental: a morte. Durante muito tempo, temos visto os grandes pensadores de todas as áreas do conhecimento, seja nas ciências naturais ou biológicas, nas ditas ciências humanas ou do espírito, se ocuparem com essa questão: Mas afinal, o que é a morte? Para onde vamos quando morrermos?

Na mesma direção, diz-nos Frankl⁴⁹:

Albert Camus afirmou uma vez: “Há um só problema verdadeiramente sério e é... estabelecer se vale ou não a pena viver...”. Recordei-me recentemente desta afirmação quando me foi comunicada uma notícia na qual vejo a confirmação daquilo que disse há pouco, ou seja, que o problema existencial de dar um sentido para a vida e a procura existencial de um sentido da vida são coisas que obsessam os indivíduos mais que seus problemas sexuais (Frankl, 2005, p. 17-18)

No que diz respeito a este outro pilar da existência trágica do ser humano, a morte, Frankl (2005, p.101) ajuda-nos a entender que “*Na morte tudo o que se passou congela-se no passado. Nada mais poderá ser modificado. A pessoa não tem mais nada à sua disposição: nem mente, nem corpo, ela perdeu seu ego psicológico*”. Frankl remete-se, nesse aspecto, sobre a transitoriedade da vida como um dado real da existência humana. No entanto, faz-se necessário uma breve exposição do que o pai da Logoterapia nos fala sobre a questão da temporalidade:

Face a face com a transitoriedade da vida podemos dizer que o futuro ainda não existe, o passado não existe mais, e a única coisa que realmente existe é o presente. Ou podemos dizer que o futuro é nada, o passado também é nada, e o homem é um ser que caminha para o nada, “lançado” para o ser e ameaçado pela inexistência; como então diante da transitoriedade essencial da existência humana, pode o homem encontrar sentido na vida? A filosofia existencial afirma que ele pode. O que esta filosofia chama de “heroísmo trágico” é a possibilidade de dizer sim à vida apesar de sua transitoriedade (Frankl, 2005, p.93)

⁴⁹ A máxima de Albert Camus (1913 – 1960) em *O mito de Sísifo* é: “Só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à pergunta fundamental da filosofia. O resto, se o mundo tem três dimensões, se o espírito tem nove ou doze categorias, vem depois. Trata-se de jogos; é preciso primeiro responder. E se é verdade, como quer Nietzsche, que um filósofo, para ser estimado, deve pregar com o seu exemplo, percebe-se a importância dessa resposta, porque ela vai anteceder o gesto definitivo. São evidências sensíveis ao coração, mas é preciso ir mais fundo até torná-las claras para o espírito”. Cf. CAMUS, 2019, p. 14.

As expressões: “*lançado para o ser*” e “*ameaçado pela inexistência*” podem ser explicadas por Frankl à medida que ele defende uma espécie de “*otimismo do passado*”. O passado seria como um guarda-roupas de experiências objetivas, onde não mais poderíamos usar – literalmente falando – as roupas que nele estão guardadas, visto que, já não podemos mais alcançá-las com nossas próprias mãos, mas que nos trariam memórias daquilo que já *vestimos* no tempo. Objetivas porque as experiências, apesar de únicas e singulares, aconteceram dentro da esfera temporal, sobre a qual, nada pode escapar.

Sobre este tema, diz o professor Pereira:

A concepção frankliana acerca da temporalidade contrasta com os posicionamentos paradigmáticos do existencialismo francês e do quietismo, que são refutados por meio do oferecimento de uma terceira via: a de um otimismo respeitoso pelo passado. Sobre a postura existencialista, o pai da Logoterapia entende existir, em tal tradição, a defesa de um “heroísmo trágico”, que nega a existência do passado e do futuro, ao mesmo tempo em que busca afirmar a vida a partir de uma ênfase no presente. Por sua vez, o quietismo de Platão e Santo Agostinho, no outro extremo, é interpretado por Frankl como a afirmação da eternidade enquanto a verdadeira realidade, permanente, rígida e pré-determinada e que abrange, simultaneamente, presente, passado e futuro; trata-se da própria negação da realidade do tempo (Pereira, 2021, p. 42-43)

Significa dizer que Frankl defende o ser humano como sendo um *ser-passado*⁵⁰, ou seja, um ente que tem no passado, a “porção mais segura, estável e eterna do ser”,⁵¹ tendo em vista que, é no passado que as realizações humanas estarão eternamente resguardadas e, portanto, seguras na eternidade. Essa ideia também é defendida por Heidegger, conforme afirma Frankl em uma passagem da obra *Um sentido para a vida – psicoterapia e humanismo* (1978), quando ambos se encontraram em Viena por ocasião de uma palestra (conferência) que o filósofo alemão iria ministrar. Diz Frankl:

Quando Martin Heidegger foi pela primeira vez a Viena, visitou-me em minha residência e discutiu comigo este assunto. Para expressar sua concordância com minha visão do passado tal como apresentada acima, ele autografou sua foto com estas palavras: Das Vergangene geth; Das Gewesene Kommt. Que eu traduzo assim: O que passou, passou; O que é passado, está presente (Frankl, 2005, p. 96)

Ambos os filósofos dizem que, apesar da plena consciência que temos de nada poder levar da vida quando morrermos, independentemente se fora bem ou mal vivida, porque tudo fica no passado, ainda assim, aquilo que esquecemos, ou melhor, aquilo que nos passou despercebido, ainda que já se foi, está guardado na realidade de nossa existência.

⁵⁰ De acordo com o professor Pereira, em alemão, a palavra utilizada é *Vergangensein* como derivada da expressão *Vergangenheit*, que quer dizer, *passado*.

⁵¹ Cf, Pereira, 2021, p. 42.

A respeito ainda da transitoriedade da vida e a questão da morte, exclama, Frankl como que uma prece:

[...], mas não se trata só da morte, mas também da vida, que é um morrer constante, tendo em vista que cada instante de nossa existência passa e se extingue; mas essa transitoriedade radical não é justamente um chamado para tirar proveito de cada momento, quer dizer, a possibilidade nele latente de cumprir um sentido, e também realizá-lo? Não é a transitoriedade um chamado à responsabilidade? – como bem expressa o “imperativo categórico” da Logoterapia: “Vive como se estivesses já vivendo pela segunda vez e como tivesses agido da primeira vez de maneira tão errada como estás à beira de fazer agora” – no que se refere, porém, às possibilidades de realização de um sentido, podemos afirmar que são sempre efêmeras. Tão logo, porém realizadas, são de *uma vez por todas*; [...] (Frankl, 2019, p. 99)

Sofrimento/dor (*inelutável*) culpa/ressentimento (*incontornável*) e morte (*inescapável*) são inerentes a todo ser humano. Assim sendo, muitos homens perguntam-se sobre a possibilidade de haver na vida, isto é, na transitoriedade da vida, um sentido pelo qual possam doar-se inteiramente às suas potencialidades. Ora, se vamos todos morrer, que sentido à vida tem? “Para quê viver”? Para quê existir?⁵²

Responderia Frankl, dizendo que é para que nós possamos dar uma resposta livre e responsável à vida:

Tornou-se patente, repetidas vezes, que mesmo em situações completamente desesperadoras era possível encontrar à última hora uma solução, uma resposta, um sentido, ainda que muito tempo depois. Quem pode me garantir, pergunto eu, que não será esse o meu caso e que um dia não se abrirá também para mim um sentido, no qual já há muito tempo não me arriscaria a acreditar? Um dia; mas tenho de viver esse dia, guardar-me para ele, e a responsabilidade que já hoje trago comigo, por isso, e não mais deixá-la de ter por mim mesmo (Frankl, 2019, p. 91).

Essa resposta positiva à vida, só será possível pela efetivação dos valores e encontro do sentido de vida feito pelo homem. A pergunta que podemos fazer então é: será que realmente o homem visa encontrar um sentido para a sua vida ou está preocupado com a mera autorrealização? O autor nos responde na seguinte passagem:

Como fica, então, a autorrealização? Não existirá algo assim como a satisfação de si mesmo? Evidente que sim, mas somente na medida em que o homem realizar o sentido e efetivar o valor, o que é uma maneira de se realizar e de concretizar-se como ser humano. A autorrealização manifesta-se, portanto, como um efeito da concretização do valor e da realização do sentido, nunca como o objetivo desses dois processos. Pelo contrário: se o homem quisesse fazer a sério da autorrealização um “objetivo imediato”, fracassaria. Já havíamos visto algo semelhante no caso da intenção, ou melhor, da impossibilidade de “intencionar” o prazer. Digamos, em síntese: somente a existência que transcende a si mesma, somente a vida humana que ultrapassa seus limites na direção do mundo é capaz de se realizar. Do contrário, ao visar diretamente a autorrealização, fracassa (Frankl, 2019, p. 48).

⁵² “Não podemos entender. O melhor talvez seja o que menos entendemos” (LEWIS, 2021, p. 103)

É preciso nos atentar ao que fora dito sobre *ultrapassagem dos limites da existência*, isto é, o transcender-se a si mesmo. Para Frankl, uma pessoa só se realiza por completo, ou seja, em sua integralidade e dignidade quando deixa de olhar para si mesmo e volta-se para algo ou alguém, em um movimento de lançar-se ao mundo e ao outro. Esse aspecto da existência humana, ele denominou de autotranscendência, onde, na prática dos valores e no encontro do sentido que são sempre exteriores ao indivíduo, este se *devotaria* no curso de uma missão a realizar:

O ser-homem significa ser dirigido no rumo de, e subordinado a, algo que é mais do que o indivíduo. A existência humana caracteriza-se pelo fato de transcender a si mesma. Tão logo a existência humana deixa de se transcender, o permanecer em vida se torna sem sentido e impossível. Foi pelo menos a missão que me coube aprender em três anos passados em Auschwitz e Dahau, e os psiquiatras militares em todo o mundo puderam verificar que os prisioneiros aptos a suportar o cativeiro eram os que tinham algo por que esperar, um objetivo no futuro, um sentido a realizar. Isso não deve ser válido também para a humanidade e sua sobrevivência? (Frankl, 2019, p. 67)

O grande problema, porém, é que o homem da contemporaneidade não sabe mais renunciar a si, caindo na deificação de si mesmo e negligenciando, por inúmeras vias, o seu semelhante, isto é, o outro, afundando-se assim, no abismo da presunção e autossuficiência, características dessa sociedade, mesmo com todo tempo e lazer que lhe são dados. O grito que sai da boca do homem na contemporaneidade é o de um lugar no sol, é um grito por reconhecimento.

O contrário disso, ou seja, a marginalização, o ser deixado de lado é um tipo de morte para o homem atual, principalmente no tocante ao seu status social do querer tudo possuir. Ele precisa e anseia ser lembrado. Podemos afirmar que o sentimento de felicidade que tanto almeja está relacionado intrinsecamente com sua forma desviada ou inusitada de “onipotência” que pretende ou acha que tem:

Na sociedade afluenta há muito dinheiro, não há um objetivo de vida. As pessoas têm do que viver, não para que viver. A disponibilidade de tempo, o lazer, aumenta nas várias camadas de nossa sociedade, mas não se sabe em que empregar, de maneira significativa, o tempo adquirido. Na sociedade afluenta existe muito pouca tensão. Em relação aos períodos anteriores, o homem está em melhor situação no que tange a privações e tensões, por isso é menos capaz de suportá-las, seu limite de tolerância baixou; o homem desaprendeu a renunciar (Frankl, 2019, p.71)

A falta dessa ‘tensão’ a qual o autor se refere nessa passagem faz referência aos períodos vividos pela humanidade frente as duas grandes guerras, que aumentou de maneira inimaginável os horrores que o ser humano é capaz de realizar. Em síntese, a sensação da falta sentido na vida, o vazio existencial, se dá por diversos fatores, como podemos perceber nos

escritos acima citados. Não obstante, cabe-nos ainda que, de uma maneira pedagógica, elencarmos os mesmos para que possamos melhor compreendê-los.

Algumas causas do vazio existencial para Frankl:

- 1) Tédio e indiferença;
- 2) Conformismo e Totalitarismo;
- 3) Tríade trágica;
- 4) Tríade da neurose de massa;
- 5) Busca incessante por autorrealização;
- 6) Necessidade de responder a vontade de prazer e a vontade de poder.

É necessário lembrarmos também de forma didática, como Frankl vê o homem. Vejamos:

- 1) Como ser tridimensional (corpo, alma e espírito) – (dimensão somática, psíquica e noética);
- 2) Como ser *espiritual* em sua essência;
- 3) Como ser livre;
- 4) Como ser responsável, mesmo diante daquilo que o mundo lhe apresenta, isto é, mesmo diante de todas as dificuldades da sua existência.

Não obstante, torna-se claro que esta síntese não encerra a obra do filósofo, bem como não resume sua Análise Existencial. Espera-se que tenhamos respondido as duas primeiras indagações referentes ao nosso trabalho: o que é o sofrimento para Frankl e quais são os fenômenos que desencadeiam no homem a perda do sentido de sua existência. O que foi exposto nos serve como guia para adentrarmos no objeto de nossa segunda investigação, a saber, quais são os meios (instrumentos) que o ser humano possui para encontrar sentido em sua vida.

Essa empresa é o fundamento específico do terceiro capítulo, que visa, entre outros pontos, apresentar como, na visão do autor, o ser humano pode encontrar sentido em sua vida, escapando do vazio existencial a que foi acometido, através do que ele chamou de valores criativos, vivenciais e atitudinais. No capítulo seguinte, procuraremos analisar qual o papel da filosofia na busca pelo sentido de vida, destacando a ‘possibilidade terapêutica’ dessa ciência e como Frankl entende a relação entre medicina e metafísica.

Conquanto, traremos à pesquisa alguns elementos importantes para o entendimento da pessoa humana na visão do autor e como esses elementos, a saber, a dimensão noética

(espiritual) do ser humano, a questão sobre o amor enquanto autotranscendência, a liberdade da vontade e a responsabilidade podem contribuir, não só para a compreensão de sua antropologia filosófica, mas também para a própria noção de sentido.

CAPÍTULO II: SOBRE O PAPEL DA FILOSOFIA NA BUSCA PELO SENTIDO DE VIDA

2.1 O ato de filosofar pode ser terapêutico?

Dissemos, anteriormente, que nosso autor se tornara doutor em filosofia entre 1948 – 1949, alguns anos depois de sua libertação dos campos de concentração nazista. Sua tese de doutorado intitulada “The Unconscious God” (*O Deus inconsciente*), traduzida para o português como “*A presença ignorada de Deus*”⁵³, revela a descoberta, segundo o autor, de um *inconsciente espiritual e religioso* inerente e imanente, ainda que, latente no homem.⁵⁴

No capítulo intitulado *O homem incondicionado – Lições Metaclínicas* presente na obra *O sofrimento Humano – fundamentos antropológicos da Psicoterapia* (1949), principalmente no prefácio à Primeira Edição, Frankl coloca-nos diante do “homem incondicionado”, diz:

O “homem incondicionado” é, em primeiro lugar, o homem que é homem em todas as condições, e que mesmo nas situações mais desfavoráveis e indignas permanece homem – o homem que em condição alguma renega sua humanidade, mas, pelo contrário, “está com ela” de forma incondicional. Vemos que essa definição do homem incondicionado é de caráter ético; corresponde a uma norma moral (não a uma média estatística), a um tipo ideal. A par dessa definição normativa, conforme o dever, apresenta-se, todavia, outra, que é existencial, ontológica, e no sentido dessa concepção o homem incondicionado na medida em que “não se deixa absorver” na sua condicionalidade, na medida em que ela, na verdade, o condiciona, mas não o constitui (Frankl, 2019, p. 105).

Como podemos perceber, o que o autor nos pressupõe, implicitamente, é, na verdade, a problemática da liberdade espiritual do ser humano, trazendo à baila, mais adiante, a ideia de que muitas das questões as quais a medicina está envolta, são, em seu sentido profundo, filosóficas, principalmente metafísicas, visto que, ela, a filosofia, poderia ser responsável pela *cura* de algumas neuroses. Todavia, deve-se levar em consideração que “*Não deve haver transferência (ou melhor, contratransferência) de uma filosofia pessoal, de um conceito pessoal de valores para o paciente*” (Frankl, 2021, p. 213).

Segundo Frankl, ao nos referirmos aos problemas metaclínicos, mais precisamente, à análise deles, não devemos procurar a priori o sistemático, mas tão somente o problemático,

⁵³ Abordaremos alguns aspectos dessa obra no decorrer deste capítulo.

⁵⁴ Cf. Frankl, Viktor Emil. *A presença ignorada de Deus*. 11. ed. rev. São Leopoldo/ Petrópolis: Sinodal/ Vozes, 2007.

isto é, os próprios problemas metafísicos que a medicina nos traz.⁵⁵ Nesse sentido, ele faz uma crítica tanto à psicanálise antiga quanto para a atual, visto que, para ele, ambas estariam indiferentes à questão própria da humanidade do homem, que é a realização dos valores para o encontro do sentido. Diz:

A transferência de um conceito de indivíduo e de uma filosofia de vida do médico para o paciente é especialmente perigosa quando ocorre em sua situação em que o médico é visto, ao menos implicitamente, como se estivesse preocupado somente com a satisfação dos impulsos e com o objetivo – no sentido do princípio hipotético da homeostase – de aquietar o “aparelho psíquico” estimulado por suas necessidades. Na psicanálise antiga, o homem era reduzido ao aspecto daquilo que ele “deve” fazer. Na neopsicanálise, não menos unilateral, ele é reduzido ao aspecto daquilo que ele “pode” fazer, pois o objetivo não é tanto a “aquietação”, mas a autorrealização: a realização de suas possibilidades. A teoria da autorrealização vê o propósito da vida no desenvolvimento mais completo dos melhores potenciais do indivíduo, para levá-lo à satisfação mais perfeita. O problema do valor é posto de lado; torna-se agora uma questão de descobrir as melhores possibilidades de cada momento (Frankl, 2021, p. 130)

A busca pela autorrealização é um perigo, pois condiciona o ser humano a buscar suas potencialidades em todo momento e sabemos – por meio de muitos pensadores – que não podemos alcançar as melhores performances referentes a cada situação que nos é dada. Dois desses problemas, no entanto, são, para ele, essenciais em sua perspectiva, a saber, a questão da relação corpo-alma e a questão sobre o livre-arbítrio.

Sobre estas, o autor vai nos legar que tratam de como as ciências naturais e as ciências ditas do espírito (humanas), erraram ao condicionar e reduzir o ser humano a processos puramente biopsíquicos. Como pode o homem fugir das suas características somáticas e psíquicas, visto que, sua própria composição biológica, por exemplo, não fora uma deliberação sua? De outra maneira: como pode ele ser incondicionado?

O que Frankl diz, quando assume essa premissa, é que, mesmo a ontologia, considerando o ser-homem em si, não deixa de conhecer este homem para além de toda a sua condicionalidade. Ela vê também o ser humano na sua qualidade de um ser capaz de ir além de seus conflitos biológicos, psicológicos e sociológicos, e, portanto, incondicionado, significando aqui, que este homem, *resiste* às condições no meio das quais se encontra posto, numa relação tensa entre sua *incondicionalidade facultativa* e sua *condicionalidade factual*⁵⁶.

Frankl questiona (2019, p.116): “*Quais são os problemas metafísicos fundamentais da medicina, os problemas, para sermos exatos, metaclínicos?*” E responde sua própria indagação afirmando que estes problemas não são outros que não a de uma filosofia perene

⁵⁵ Cf. Frankl (2019, p. 115).

⁵⁶ Cf. Frankl, 2019, p. 106.

(*philosophia perennis*), na medida em que a filosofia não seria mais exercida, sistematicamente, em seus próprios limites, mas sim, historicamente. Em outras palavras: os problemas da medicina são filosóficos, que ultrapassam toda a história da filosofia, como os citados acima, já que “*o médico dos nossos tempos deve ter a coragem de se envolver nesses diálogos socráticos, de levar a sério sua missão de tratar não só de enfermos, mas de homens*” (Frankl, 2019, p. 63).

Diz Frankl sobre a relação da filosofia (metafísica) e a medicina:

Heidegger disse certa feita: “Na medida em que o homem existe, acontece a metafísica”. Com muito mais razão se poderia proclamar: na medida em que o médico pratica, acontece a metafísica. O que temos me vista não é, de modo algum, uma metafísica introduzida por nós na medicina por essa ou aquela via, ou objeto de suposição nossa. O que trata este trabalho é da metafísica implícita em toda a medicina, são as implicações metafísicas que todo comportamento médico permite presumir. Trata-se, por conseguinte, dos pressupostos metafísicos da atividade médica. E mesmo que esses pressupostos fossem em geral pouco perceptíveis, tanto mais teríamos de combater o perigo de considerá-los como falsos. Sendo verdadeiros, nem por isso seria supérfluo explicá-los, tirá-los da obscuridade, liberar do esconderijo em que se mantêm tanto a verdade metafísica em que se baseia a medicina quanto seus pressupostos metafísicos, trasladando-se para uma ἀλήθεια (verdade). (Frankl, 2019, p. 114)

E como a filosofia poderia nos auxiliar na cura dessas doenças? Em primeira análise, poderíamos pensar na própria essencialidade desta ciência, visto que, ela é fundamentalmente enraizada, desde sua origem, na reflexão não só das coisas do mundo e dos objetos, mas também na reflexão da constituição do que seria o ser humano e no que este pode vir a ser sua existência. Em um segundo momento, Frankl nos direciona para os sintomas éticos, em suma, da “*patologia do (Zeitgeist), o espírito do nosso tempo*” (Frankl, 2021, p. 213).

Para ele, o primeiro desses problemas é o da “*falta de planejamento cotidiano em relação à vida*”⁵⁷ pelo simples fato de que o homem comum, o indivíduo trabalhador e que interage socialmente, passou, na visão de nosso autor, por uma mudança de cosmovisão, principalmente depois da Segunda Guerra Mundial quando as bombas norte-americanas destruíram as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki. Para que se planejar? Pergunta-se o homem contemporâneo. Não há sentido em planejar o futuro, visto que, as novas tecnologias bélicas poderiam findar tal planejamento.

O segundo sintoma é a “*atitude fatalista em relação à vida*”. Para Frankl (2021, p. 214), essa atitude, esse modo de viver, também foi decorrente da experiência da guerra, uma vez que, o homem se compreendeu “*como o resultado de circunstâncias externas ou condições internas*”.

⁵⁷ Cf. Frankl (2021, p. 213)

O terceiro sintoma é caracterizado pelo pensamento coletivo. Porém, é preciso entender que *pensamento coletivo* aqui, não é, de maneira alguma, uma crítica a uma unidade dos indivíduos em prol de uma boa ação. Pelo contrário, é sinônimo da perda da liberdade individual e singular que o homem possui, como também de sua responsabilidade para com suas atitudes, perdendo assim sua identidade na medida em que “*O homem gostaria de submergir na massa. Na verdade, ele acaba por afogar-se na massa, renunciando à sua liberdade e responsabilidade*” (Frankl, 2021, p. 214).

O fanático, isto é, o homem que está imerso ao quarto sintoma da neurose coletiva de nosso tempo, a saber, o fanatismo, exclui todo e qualquer tipo de opinião divergente da sua, a não ser a opinião pública, que ao invés de ser possuída por ele, é dona deste indivíduo. Em outras palavras, o fanático oprime a personalidade dos outros e não possui uma opinião própria.

Todos esses sintomas: 1) falta de planejamento cotidiano em relação à vida; 2) atitude fatalista ou de efemeridade; 3) pensamento coletivo e 4) fanatismo, são, no entender de Frankl, problemas filosóficos que, quando individualizados, fazem com que o homem esteja envolto a doenças biopsicossociais, procurando a cura na terapia, na medida em que “*Ficamos com a impressão de que as ideias delirantes de nossos pacientes são moldadas pelo espírito da época, mudando com ele, e que, portanto, o espírito da época se faz sentir bem nas profundezas...*” (Frankl, 2021, p. 220).

Esses problemas éticos, como aqui foram colocados, podem ser refletidos e mensurados pela filosofia enquanto fenomenologia na medida em que:

A fenomenologia é uma tentativa de descrever a maneira como o homem entende a si mesmo e interpreta sua própria existência, longe de explicações preconcebidas, como as fornecidas por hipóteses psicodinâmicas ou socioeconômicas” (Frankl, 2021, p. 120).

Nessa perspectiva, a filosofia como base de sua Logoterapia, faz-se terapêutica por, ao refletir sobre as causas de tais doenças e seus sintomas, leva o ser humano a uma autorreflexão e descoberta de si mesmo como ser espiritual, dotado de uma liberdade incondicional, uma responsabilidade efetiva e de uma dimensão espiritual que o faz alcançar o sentido dado pela própria vida, pois, “*Uma filosofia de vida sólida, creio eu, pode ser o recurso mais valioso de um psiquiatra ao tratar um paciente em estado de profundo desespero*” (Frankl, 2021, p. 46).

Não diferentemente, o indivíduo que se vê diante da morte não quer saber de outra coisa a não ser de dar a seus últimos instantes certa dignidade:

Os homens que chegaram perto da morte perceberam que o sacrifício é capaz de dar sentido até a ela. Os moribundos lutam interiormente para consagrar seu sofrimento e sua morte como sacrifício. Por isso, não é motivo de espanto que, entre homens que se encontram no cativeiro ou nos campos de concentração, a discussão seja de questões filosóficas ou se argumente sobre a concepção do mundo. É a autoconservação espiritual que leva a esse comportamento. Não se deve desprezar a fome espiritual que se manifesta nessas ocasiões extremas e que não é de menor relevância do que a outra, que anseia pelo não material. Afinal, não causa surpresa a ninguém o fato de que os internados no campo de concentração continuem a ter fome, malgrado o que veem; o instinto de conservação, no sentido estrito da palavra, sobrepõe-se a todos os horrores. O mesmo ocorre no campo espiritual: a todo ser inteligente não interessa – o que é possível comprovar – o imperativo *primum vivere deinde philosophari*, mas sim *primum philosophari, deinde mori*. Diante da ameaça da morte, trata-se de lutar pelo sentido da morte... de caminhar para ela de cabeça erguida (Frankl, 2019, p. 309)

Este imperativo *primum philosophari*, para ele, tem sua legitimidade assegurada, não por razão de fator intelectual, e sim, por um fator existencial, de um pensamento existencial e ardoroso⁵⁸. Sobre essa perspectiva médica e principalmente terapêutica e sua relação com a filosofia, Frankl nos diz que “*Os próprios pacientes é que nos trazem a “filosofia”, ou seja, problemas filosóficos. Ao fazê-lo, contribuem com suas respostas, de forma que nós, psicoterapeutas, não ficamos limitados ao papel de instrutor, mas frequentemente temos a ocasião de aprender*” (Frankl, 2019, p.301)

Muito além do aprendizado que se dá no encontro entre paciente e psicoterapeuta está também a dimensão do consolo recíproco que levaria, segundo Frankl (2019, p. 301), a mudança do paradigma do *docendo discimus* (ensinando, aprendemos) para o *consolando consolamur* (consolando, somos consolados). A filosofia, segundo esse raciocínio frankleano, teria o papel de, a partir da dimensão espiritual do ser humano, levá-lo à realização de valores atitudinais perante o sofrimento, fazendo com que sua superação possa tornar-se evidente e, por que não, consoladora, ou seja, terapêutica. Diz:

Se é certo que todo filosofar começa por um “assombrar-se”, por um “espantar-se”, conforme ensinava a filosofia da Antiguidade, o verdadeiro milagre com que se depara o pensador é mistério, o fenômeno originário de sua própria existência. Como filósofo, me espanto de que sou – de que eu sou *eu* (Frankl, 2019)

Esse “de que sou *eu*” faz referência, por exemplo, ao homem enquanto ser espiritual que tem em sua liberdade e responsabilidade suas principais características. Aquilo que o constitui como *verdadeiramente* humano. Outro ponto bastante importante também é levantado por Frankl quanto sua crítica às filosofias epicuristas e estoicas que, segundo ele, planejam encontrar algo que lhe *escapa às mãos*, a saber, a felicidade ou paz de espírito:

⁵⁸ *Idem.*

[...] (Observe o tipo de homem que se esforça para ter uma boa saúde. Todo o seu esforço faz com que ele adoça, apresentando aquela doença nervosa chamada hipocondria). Podemos resumir o que dissemos em uma ideia simples: os objetivos, tanto da filosofia hedonística dos epicureus quanto da filosofia quietista dos estoicos, isto é, a felicidade e a paz de espírito (ou, como esta última era chamada pelos antigos gregos, a *ataraxia*), não podem ser o objetivo real do ser humano, pelo simples motivo de que lhe escapam na mesma medida em que são buscados. [...]
(Frankl, 2021, p. 90)

Frankl enfatiza que, mesmo após tempos, os seguidores dessas doutrinas, isto é, os estoicos e epicuristas de nossa era foram enganados e enganaram-se na busca pelo prazer em detrimento da negação da dor. O autor critica veementemente, como fora exposto mais acima, a razão que, não obstante, se serviu da práxis do homem para enfraquecer seu entendimento sobre a tríade trágica da existência humana:

Três séculos foram marcados pela fuga ao sofrimento e pela tentativa de escamotear a realidade. Ocultou-se a verdade. Tentou-se evitá-la recorrendo a dois ídolos: a atividade e a racionalidade. Não se levou em conta o sofrimento, a possibilidade de sofrer, o valor do sofrimento. Os homens enganaram-se e enganaram aos outros, tentando acreditar que com o auxílio da *actio* e da *ratio* conseguiram acabar com a dor, a miséria e a morte. A *actio* impediu que se visse a *passio*; esqueceu-se *de que a vida é paixão*. A *ratio*, a razão, a ciência, supostamente o conseguiram. Não foi, pois, sem motivo que se procurou glorificá-las e fazer a apoteose do homem racional, do *Homo sapiens*, ao qual caberia ensinar como se esquivar da realidade, da necessidade do sofrimento e da possibilidade de lhe dar um sentido (Frankl, 2019, p. 305)

Outra perspectiva coloca-se também como um dos problemas metafísicos, qual seja: a *relação corpo-alma*. Para que haja melhor compreensão ao que Frankl nos ensina sobre essa relação, é preciso, primeiramente, entendermos a divisão que ele faz dos tipos de doenças que pode levar o ser humano a evadir-se do sentido de sua vida.

O autor nos relata que há, pelo menos, quatro tipos de doenças: 1) Orgânicas banais (somáticas), que se desenvolveriam inteiramente no plano somático (corporal), tendo lá sua origem e sua expressão; 2) Psicoses (sintomas psíquicos), que, para ele, também são de origem somática, com a diferença de que, na primeira, sua etiologia e sua sintomatologia se dariam somaticamente, enquanto na segunda, somente sua etiologia; 3) Neuroses (psicogênicas), que de acordo com Frankl, teriam origens psíquicas e seriam mais refinadas que as anteriores; por fim, 4) Neuroses orgânicas, onde sua etiologia é psíquica, mas seus sintomas também se exprimem de maneira somática; desenvolvem-se no órgão atingido.

Mas, por que entender essa divisão é importante para o nosso trabalho, visto que, o mesmo está interessado na abordagem fenomenológica do sentido de existir na obra de Frankl? Pois, na distinção desses grupos de doenças, o autor irá fincar a ideia de que seja qual

for o mal que atinge o ser humano – e aqui estamos falando, desde o início, da perda do sentido da vida, em outras palavras, do vazio existencial – ele está numa relação direta com sua dimensão somática ou psíquica e que estariam subdivididas em somatogênicas e psicogênicas (tendo como princípio de divisão, sua gênese) e em fenossomáticas e fenopsíquicas (tendo como princípio de divisão, a fenomenologia).

Essas últimas seriam noogênicas na medida em que elas se dariam por conflitos entre os valores, isto é, conflitos morais. Nas palavras do autor:

O fato de existirem distúrbios funcionais, e não psicogênicos, não prejudica a justeza da nossa distinção. Não são raras também as doenças orgânicas banais que são desencadeadas pelo psiquismo – citem-se as cardiovasculares que se exacerbam ou se manifestam reativamente diante da menor excitação afetiva ou da elevação concomitante da pressão arterial. As repercussões das doenças funcionais sobre o psiquismo – bem como das doenças orgânicas banais – explicam-se, todavia, pelo constante e sempre possível aparecimento da angústia da expectativa (Frankl, 2019, p. 119).

Frankl nos alerta sobre a possibilidade de que os distúrbios funcionais, as doenças psicogênicas e as orgânicas banais são frutos das relações psicossomáticas inerentes ao ser humano, que possuem uma gênese e, contrário a ela, possuem também um efeito. Significa dizer que se aceitarmos essa premissa da psicogênese, ou seja, de que as doenças, sejam elas de qualquer um dos subgrupos apresentados acima, partem de uma relação causal entre o somático (corpóreo) e o psíquico (mental), estamos aceitando, pelo menos, três teorias a respeito de como a visão de mundo do ser humano pode ser interpretada. São elas: 1) a teoria da ação recíproca; 2) a teoria da identidade; e 3) a teoria do paralelismo “psicofísico”.

Nesse sentido, podemos dizer com Frankl (2019, p.120) que *“fica de uma vez estabelecido que o somático e o psíquico não se podem reduzir um ao outro, nem podem derivar-se um do outro. O somático e o psíquico são, portanto, dados irreduzíveis ou indeduzíveis”*. Essas teorias esbarram, segundo ele, naquilo que Hartmann chamou de camadas do ser⁵⁹. É bem simples explicar como essa alternância de aspectos somáticos e psíquicos no homem encontra espaço, visto que, quando um indivíduo qualquer, possuído pela cólera fica rubro, ambos os aspectos se manifestam efetivamente, dando ênfase ao paralelismo psicofísico.

Contudo, a proposta de Frankl no que concerne ao modo como o homem luta contra esses condicionamentos é, justamente, o de um afastamento desse paralelismo em favor de uma espécie de antagonismo “noopsíquico”⁶⁰, isto é, espiritual. Frankl irá nos dizer que todas

⁵⁹ Cf. *Der reale Aufbau der Wel* (Berlim, 1940, p. 429), citação do próprio Frankl.

⁶⁰ Cf. Frankl (2019, p. 112).

as formas de reduzir o homem a esse modo específico de ser, a saber, categorizado apenas como psicossomático, é, na verdade, uma forma de velar, com o nome de niilismo, a realidade mesma do *ser-homem*:

Que o biologismo declare ser capaz de explicar tudo à luz da biologia, que o sociologismo pretenda o mesmo em nome da sociologia, e o psicologismo explicar tudo sob a luz da psicologia, ou enfim, o antropologismo fundamentar tudo com base na imanência humana, sempre estaremos às voltas com a redução à fórmula “nada mais que”. De direito, todavia, os fatores vital, social, psíquico e humano não deveriam ser endeusados dessa forma, nem deveria cada uma dessas ciências ambicionar ter a sua própria “visão de mundo”. Contra isso ergue-se a verdadeira metafísica ou, como já dissemos anteriormente, contra um saber que não conhece seus limites, e por conseguinte os ultrapassa, é oportuna a existência de uma metafísica defensiva (Frankl, 2019, p. 126-127)

Percebamos o retorno a algo que já fora mencionado anteriormente, embora não com tanta veemência, que é a questão do espírito, ou melhor, da crítica à ideia daquilo que se costumou chamarmos de espírito. Frankl irá nos propor em seus escritos denominados de *O Problema do Espírito*, segunda parte do texto ao qual estamos fitando nossos olhares, uma crítica a três modos de ver o mundo. São eles: o niilismo (no qual, entende que é um reducionismo); o idealismo, acusando-o de uma duplicação do mundo (real-ilusório), e o materialismo, lançando a ideia a qual este último havia postulado, em outras palavras, a característica de um “eu inautêntico”.

2.2 A dimensão noética – o espírito

A teoria frankleana sobre o espírito, isto é, a dimensão espiritual do ser humano, a saber a dimensão noética, é inteiramente influenciada pelas ideias do filósofo alemão Max Scheler (1874-1928) em seu texto sobre *a diferença essencial entre o homem e animal* formulado na obra *Die Stellung des Menschen im Kosmos (1928) – A posição do homem no cosmos*, onde o filósofo vai afirmar que há algo ‘fora’ daquilo que comumente entendemos por homem, algo extraordinário que o faz se diferenciar dos animais em sua essência, um certo princípio que não podemos alcançar somente a partir da reflexão. Diz:

O que faz com que o homem seja verdadeiramente “homem” não é um novo estágio da vida – e nem mesmo de *uma* das suas manifestações, a “psique” – *mas é um princípio oposto a toda forma de vida em geral e também à vida do homem*: um fato essencialmente e autenticamente novo, que como tal não pode ser imputado à “evolução natural” da vida; mas, quando muito, só ao fundamento último das coisas

mesmas: àquele fundamento, portanto, do qual a “vida” não é senão *uma* manifestação (Scheler, 2024, p. 50).

Esse princípio, que é *oposto a toda forma de vida geral e à vida humana*, é o espírito que não seria, simplesmente, um grau mais elevado no ser humano, mas aquilo que define a “pessoa” humana enquanto tal. O espírito constituirá o terceiro grau na hierarquia do cosmos, a saber, o que ele chama de supra-orgânico⁶¹, uma vez que, “Tornar-se homem significa elevar-se, por força do espírito, até poder abrir-se ao mundo” (Scheler, 2024, p. 54). Scheler (2024, p. 52) define espírito como “*objetividade*, capacidade de ser determinado pela quididade das coisas mesmas”. O animal não possui espírito, pois está sempre remetido a si mesmo, ao seu ambiente.⁶²

O filósofo alemão traz à baila a ideia de que esse espírito refere-se a uma autoconsciência que lampeja no ser humano a possibilidade de objetivar a realidade e também sua própria constituição biopsíquica.⁶³ Sua visão do homem como um ser espiritual enraizada em sua antropologia filosófica é o que fundamenta a visão de homem da Logoterapia de Frankl, visto que, para Scheler, o homem espiritual enquanto pessoa, é o único ser “capaz de elevar-se acima de si mesmo como ser vivo e, partindo de um centro que *transcenda* o seu mundo espaço-temporal, é capaz de transformar cada coisa, incluindo a si mesmo, em objeto de conhecimento” (Scheler, 2024, p. 61)

O próprio Frankl vai nos dizer em sua crítica ao antropocentrismo da época como forma de niilismo que:

Desde Scheler e Gehlen, sabemos que o homem é um ente aberto ao mundo, e que de modo algum se fecha num ambiente restrito à sua espécie. Ao contrário do animal, o que ele “tem” não é ambiente, é “mundo”; rompe todo ambiente “na direção” do mundo, e acaba ultrapassando o mundo, transcendendo-o para alcançar o transmundo. (Frankl, 2019, 323)

Ele também entende que, esse espírito, integrado essencialmente na constituição do homem, não pode ser passado hereditariamente como alguns traços psíquicos e somáticos o são, visto que, “o homem é, apesar de tudo, unidade e totalidade” (Frankl, 2019, p. 168) ‘*Noûs*’, ‘*Logos*’, ‘*Geist*’, são algumas das expressões utilizadas por Frankl para designar ‘espírito’. Estas, no entanto, possuem diversos significados ao longo da história da filosofia, mas que para ele não podem ser tratadas em conformidade com algum tipo de credo religioso.

⁶¹ Cf. Scheler, 2024, p. 17.

⁶² Cf. Scheler, 2004, p. 54.

⁶³ Cf. Pereira, 2021, p. 136.

O primeiro termo: ‘*Noûs*’, pode referir-se aqui, enquanto inteligência, bem como forma mais elevada de produzir conhecimento, isto é, como *intellectus*. O segundo termo: ‘*Logos*’, pode assumir diferentes características, uma vez que, pode ser tomada também como *palavra ordenadora*, *razão* ou até como um meio da *manifestação do espírito*. O terceiro termo: ‘*Geist*’ é um “sinônimo” utilizado pelo autor na escrita da maioria dos seus textos, não tendo, por assim dizer, nenhuma prerrogativa de sentido diferente do que Scheler propôs. ‘*Geist*’ refere-se a certa capacidade de autoconsciência, que possibilita o homem à objetivação da realidade, do mundo fora dos seus limites no que concerne o orgânico da vida.

Scheler e Frankl concordam que é no espírito (*Noûs/Logos/Geist*) que se encontram os atos volitivos, isto é, os atos da vontade, os juízos morais, os atos emocionais e os atos intencionais do homem em relação ao mundo que o envolve. Por esse motivo, o ser humano não pode ser reduzido, simplesmente, pelos seus impulsos, instintos, pela sociedade em que vive ou por alguma forma de política que retira sua dignidade de pessoa.

Para esses filósofos, o conceito de *pessoa* não pode separar-se do conceito de *espírito*, pois, na medida em que sua constituição se dá pela integração, unidade e transcendência, o homem seria a pessoa espiritual, em outras palavras, a unidade concreta do espírito. Para eles, o espírito possui autonomia, liberdade, capacidade de decisão, alteridade e uma independência de vida, do mundo da vida.

O próprio termo ‘logoterapia’ é formado por *logos* que aqui, além de ter o significado de ‘*sentido*’, é também denotado como ‘*espírito*’. Nesse interim, a Logoterapia seria uma terapia a partir do sentido que só pode ser encontrado por um ser espiritual que é o homem. Diz:

A Logoterapia é uma psicoterapia centrada no sentido da vida, bem como na busca do homem por esse sentido. Na verdade, *logos* significa “sentido”. No entanto, também significa “espírito”. E a Logoterapia leva a dimensão espiritual ou noológica em plena consideração. Dessa forma, a Logoterapia também é capaz de perceber – e utilizar – a diferença intrínseca entre os aspectos noéticos e psíquicos do homem (Frankl, 2021, p. 47)

Em um primeiro momento, não é tão simples entendermos o conceito de espírito ou de dimensão noética em Frankl, é preciso ter cautela para que não caiamos em convicções de cunho religioso, como o próprio autor nos alerta ao longo de sua vasta obra. Porém, é nessa dimensão, que segundo ele, os fenômenos fundamentalmente humanos se dão. De acordo com Frankl, o ser humano possui um inconsciente espiritual, que se manifesta na ânsia por encontrar um sentido de vida. Em seus relatos sobre sua passagem nos campos de

concentração, o autor, constantemente, nos dá exemplos dessa dimensão ao falar sobre as condições precárias tanto físicas quanto psíquicas a que os prisioneiros foram submetidos.

No entanto, mesmo nessas condições de desumanização e degradação da sua dignidade enquanto seres humanos, alguns indivíduos encontraram motivos para não se entregarem à morte. Suas observações a respeito desse fato possibilitaram comprovar aquilo que há muito pesquisava e o que denominou como *vontade de sentido*. De acordo com o autor, podemos retirar do homem as boas condições materiais que ele possui e até observá-lo em casos de neuroses menos agudas, uma certa perda de suas condições psicológicas sadias, no entanto, é muito difícil tirarmos dele sua capacidade de autotranscender, uma vez que, essa capacidade é fundamentalmente espiritual.

Para evitar uma confusão decorrente do fato de que o termo “espiritual” geralmente tem uma conotação religiosa, prefiro falar de uma dimensão “noética”, em contraste com os fenômenos psíquicos, e de uma dimensão “noológica”, em contraste com a dimensão psicológica. A dimensão noológica define-se como aquela onde os fenômenos especificamente humanos se localizam (Frankl, 2021, p. 46-47)

Dimensão “noológica” ou dimensão “noética” são termos análogos utilizados pelo autor para referir-se a este núcleo espiritual do ser humano, que seria responsável não só pela busca do sentido de existir (*vontade de sentido*), mas também pela liberdade, responsabilidade e por sua própria condição de humano.

Respondendo sua própria indagação, a saber, “‘*Onde’ deveria estar o espírito, em que lugar do espaço*’⁶⁴”? Frankl diz que é um ente que, onticamente, nunca é espacial, mas ontologicamente sim, pois “*Do ponto de vista ontológico, pode-se dizer que “na realidade” o ente espiritual “é” no outro ente; este ente, por sua vez, não é evidentemente nem “fora” nem “dentro” do ente espiritual – nem “fora” nem “dentro”. Esse ente é simplesmente “aí”* (Frankl, 2019, p. 137).

O que isso significa? Significa dizer que o ente espiritual, o *ser-aí*, o *Dasein*, isto é, o ser humano, só “é”, na medida em que se realiza a si mesmo no mundo como transcendência. Diz o autor:

Toda nossa percepção, todo o conhecimento perceptível é somente esse “ter” – não o ter da existência, mais precisamente o do ser-assim, da essência. E tudo isso vale para os atos reflexivos, o conhecimento do meu próprio eu, pois o eu, além de não poder “penetrar” no não-eu, também não o pode em si mesmo: fazendo de mim o objeto, passo a ser, em relação a mim mesmo, transcendente. O ente espiritual só “é” na medida em que se realiza completamente a si mesmo. Já por isso ele nunca pode ser visado em si mesmo e por si mesmo, ou só na medida em que o seja com ser transcendente a si próprio (Frankl, 2019, p. 132)

⁶⁴ Cf. Frankl, 2019, p. 135.

O ser espiritual como este “*ser em*” na medida em que *existe*, “*estar*” noutro ser. No entanto, esse “*estar*”, como dito anteriormente, não se manifesta em sua dimensão ôntico-espacial, mas em sua dimensão ontológica. Uma analogia interessante para entendermos um pouco mais sobre o núcleo espiritual (dimensão noética) do ser humano seria a de um automóvel, por exemplo. Sua estrutura física, ou seja, sua composição material – daquilo que ele é feito – bem como sua dimensão geométrica, não teriam finalidade nenhuma se não houvesse o combustível (energia) que lhe movimentar-se.

Da mesma forma que o combustível, isto é, a energia que faz com que o automóvel se movimente e atinja suas possibilidades de projeção no espaço-tempo, o ‘espírito’ capacita e desenvolve essa dinâmica no ser humano. Recorramos novamente a Scheler para entendermos que:

[...] o espírito é o único ser que é ele mesmo incapaz de se tornar objeto; é uma atualidade pura, que tem o seu ser exclusivamente na livre execução de seus atos. O centro do espírito, a “pessoa”, não é nem um ser-objeto nem um ser-coisa, mas apenas uma ordenação de atos (determinada em sua essência), que se realiza constantemente em si mesma. A pessoa existe só em seus atos e graças a eles. [...] (Scheler, 2024, p. 62)

É importante lembrar que essa dimensão não exclui as outras, mas também se dá nelas, mesmo que, na interação entre estas, na medida em que “A relação entre a pessoa espiritual e o organismo somático é instrumental. O espírito instrumenta o psicofísico – a pessoa organiza o organismo psicofísico – sim, ela o forma “para si”, na medida em que o faz utensílio, órgão, *instrumentum*” (Frankl, 2019, p. 161).

Como vimos, Frankl traz para sua filosofia a concepção de espírito legada por Scheler, a fim de comprovar aquilo que há muito teorizou, antes mesmo dos campos de concentração no que se refere à existência de uma dimensão inerente à constituição humana, a saber, a dimensão noética (espiritual). É nessa dimensão que, emergindo na ação humana, no agir do homem, constituiria sua abertura para o mundo. Pois, ela é responsável pelas decisões da vontade, pela intencionalidade do homem, por seus interesses práticos, artísticos; pelo pensamento criativo, senso ético ou consciência moral, compreensão de valores e também por sua religiosidade.

O pai da Logoterapia nos diz, é que o corpóreo (dimensão somática) é condição e não causa do psicoespiritual. Por conseguinte, as duas dimensões: psíquica e noética são influenciadas pela somática, mas não geradas. Sendo assim, não podemos compreender, de uma maneira simples, a *coisa*, mas o humano, isto é, um ser (ente) espiritual, que é sempre “em” outro da mesma qualidade; isso sim podemos ter acesso pela própria essência do que ele

chamará de *conhecimento existencial*⁶⁵. Para o nosso autor, existe uma diferença entre o conhecimento essencial do ser “em” e o conhecimento existencial do mesmo ente, na medida em que essa diferença se dá da seguinte forma:

O conhecimento existencial se caracteriza, contudo, pelo fato de ser mais do que o ter da simples essência do simples ter – mais que a sua simples “presença”: o conhecimento existencial não significa a presença do que é conhecido, mas o “ser em” daquele que conhece. De modo que podemos dizer: a diferença entre o conhecimento essencial e o existencial é a seguinte: *essentia* (conhecida essencialmente pelo ente espiritual) “manifesta” *existentia*; *existentia* (aquele que conhece existencialmente outro ser) “é” (está) nele (“em” ele) (Frankl, 2019, p. 140)

Como esse *conhecer existencialmente* é possível? Para Frankl, esse conhecimento só torna-se possível através do amor, em outras palavras, através da integralidade do ser humano enquanto *dar-se-um-ao-outro*⁶⁶. O ser espiritual é um ser que, não só essencialmente, mas também, existencialmente, ama. Agora, cabe-nos verificar o conceito que o pai da Logoterapia traz do que é amar, ou seja, do que, em si, é o amor, uma vez que, “o amor representa absolutamente a *maneira de ser interexistencial*” (Frankl, 2019, p. 142)

O que significa essa *maneira de ser interexistencial* a qual Frankl nos chama a atenção? Seria um *modus operante* constitutivo do ser humano? Uma ética por meio da qual a vida encontraria sentido? Vejamos uma breve demonstração de suas argumentações a respeito desse tema.

2.3. O amor e a questão da autotranscendência do ser espiritual

Se para Frankl, o ser espiritual é, necessariamente, um ser “em” outro ser e, por isso mesmo, um ser que ama outro ser de mesma qualidade, como se dá esse amor? Respondemos: pelo sacrifício; pela renúncia e esvaziamento de si mesmo para um outro, por um ato de autotranscendência, visto que:

O amor me parece dar um passo além do puro encontro, na medida em que não se trata somente de reconhecer no companheiro o elemento humano, mas de identificar nele a singularidade, a originalidade – em uma palavra, a “pessoa”. O homem é pessoa, visto que não se limita a ser um indivíduo entre muitos, mas é diferente dos outros. E considerando que quem ama concebe o amado em sua singularidade e originalidade, vê-se que o amado é, para quem o ama, um “tu” (Frankl, 2019, p. 78)

Para Frankl, o amor é a forma mais eficaz e válida da autotranscendência, pois, ao fazer o movimento de autodistanciamento, o homem reflete sobre si mesmo

⁶⁵ Cf. Frankl, 2019, p. 140.

⁶⁶ Cf. Frankl, 2019, p. 141.

(autocompreensão) e suas circunstâncias, percebendo que, ao voltar-se para o outro, sua vida é dotada de sentido, uma vez que esse esvaziamento de si provoca uma abertura ao mundo dos valores e da cura. Um exemplo disso é a família que, para o nosso filósofo, seria “*uma arena onde o ato de autotranscendência mútua é representado*” (Frankl, 2021, p.204).

Em seu texto intitulado *Amor e Sexo* (1974), Frankl faz uma crítica referente à desumanização da sexualidade, que contribuiria para o sentimento de vazio existencial. Se os homens conseguissem, de alguma forma, suprir todas as suas necessidades sexuais, o que aconteceria?⁶⁷ Certamente, seria acometido por uma falta, uma ausência, um vazio espiritual que lhe faria questionar sobre suas experiências de mundo. Diz ele que “*A sexualidade é realmente desvalorizada na proporção em que se desumaniza. A sexualidade humana, contudo, é mais do que simples sexualidade. E o é na medida em que constitui um meio de expressão para um relacionamento amoroso*” (Frankl, 2019, p. 78)

Haveria, portanto, uma ‘morte do amor’ na medida em que a mera busca pelo prazer transformasse a sexualidade humana em um simples meio para atingir um fim⁶⁸. Para Frankl (2005, p.75), se alguém, por ventura, não é capaz de amar, mas só busca desenfreadamente o sexo, certamente corre o risco de viver na promiscuidade.

Nada satisfaz mais o ser humano do que o encontro do amor genuíno com ou pelo o outro, como um “tu”, por exemplo. Se, na procura desse amor – que se dá pelo esvaziamento de si mesmo em direção ao outro – o homem desvia seu olhar para as suas necessidades biopsíquicas, sua experiência de autotranscendência se transformaria em uma realidade de autosatisfação, pois, segundo o pai da Logoterapia:

O encontro de amor impede definitivamente que se veja ou se use o outro ser humano como um simples meio para um fim – um instrumento para reduzir a tensão criada pelos impulsos e instintos libidinais ou agressivos. Isto equivaleria a uma masturbação, e de fato é como muitos pacientes neuróticos sexuais falam do modo como tratam seus parceiros: com frequência dizem que “se masturbavam com seus/suas parceiros (as)”. Uma atitude destas com um (a) parceiro (a) é uma característica distorção neurótica da sexualidade humana (Frankl, 2005, p. 74)

Para o nosso filósofo, o homem possui um desejo de unicidade com o outro e por esse motivo – compreensivelmente – é levado à monogamia, na medida em que o parceiro (a) não é intercambiável. Ser promíscuo, como dito acima, implicaria ignorar essa unicidade.⁶⁹ Da mesma forma, o autor se refere à pornografia, uma vez que, na relação entre duas pessoas espirituais, não se pode configurar como amor, uma relação pobre de afetos e de doação

⁶⁷ Cf, Frankl, 2019, p. 79.

⁶⁸ Cf. Frankl, 2019, p. 80.

⁶⁹ Cf, Frankl, 2005, p. 75.

mútua que só vê o outro como instrumento de prazer. A pornografia e a promiscuidade seriam, para ele, uma forma de regressão da maturação sexual do indivíduo.⁷⁰

Diferentemente da pornografia e da promiscuidade, o amor faz com que o homem encontre a maturidade, independentemente da idade que o indivíduo esteja. O amor também independe da presença física da pessoa amada. Ele transcende tempo e espaço; corrobora para o que há de mais sagrado na experiência do encontro entre dois seres. O amor é atemporal. Relatando-nos sobre sua experiência nos campos de concentração, Frankl percebe que essa marcante característica do ser humano, a capacidade de amar, é o que verdadeiramente pode salvá-lo de si e dos horrores que o cercam. Diz:

Foi então que entendi o sentido do maior segredo que a poesia, a razão e a fé têm para nos revelar: A salvação do homem se dá pelo amor e no amor. Compreendi que um homem, a quem mais nada resta nesse mundo, ainda pode experimentar a felicidade, mesmo que por um breve momento, ao contemplar aqueles que ama. Na situação de extrema desolação, em que não há espaço para nenhum esforço humano e em que a única realização possível talvez seja suportar corretamente o sofrimento – ou seja, com honradez –, um homem consegue realizar pela contemplação amorosa da imagem que traz do ente querido. Pela primeira vez na vida, pude compreender o sentido das palavras: “Os anjos são bem-aventurados na perpétua contemplação, em amor, de uma glória infinita” (Frankl, 2023, p. 62)

Em suma, para Frankl, o amor é a renúncia de si mesmo, num movimento de autotranscendência que visa o doar-se como forma de encontrar sentido para sua própria vida. Isso, porém, só é possível se o ser humano – que é um ser espiritual por excelência – sacrificar-se por outrem, na medida em que se compreende a partir do seu autodistanciamento e, por conseguinte, de sua autocompreensão.

2.3.1. Ontologia dimensional – unicidade e totalidade do ser humano

Para Viktor Frankl, quando Hartmann e Scheler fizeram suas análises sobre o ser humano e, sendo assim, estabeleceram que ele está dividido em “camadas”, acabaram por negligenciar e desconsiderar o que ele denominou de “coexistência humana de totalidade e unidade antropológicas” como também, as “diferenças ontológicas”.⁷¹

No que se refere à noção de “totalidade e unidade antropológicas”, nosso filósofo entende que o ser humano não é formado por um composto de componentes somáticos, psíquicos e noéticos. Em relação às “diferenças ontológicas”, ele diz que os modos em questão se diferem de maneira qualitativa e não quantitativa. Significa dizer que essa

⁷⁰ *Idem.*

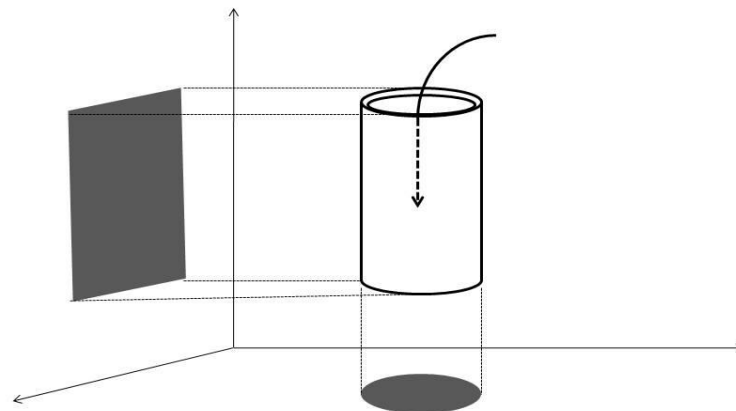
⁷¹ Cf. Frankl, 2021, p. 70.

coexistência de unidade e multiplicidade no homem, só pode ser considerada por uma antropologia que valorize a dimensão especificamente humana, que é a dimensão nóética (espiritual).

Para explicar essa relação corpo-alma-espírito, Frankl cria sua ontologia dimensional. Mas o que significa essa ontologia dimensional? Como ela pode nos auxiliar, ou melhor, auxiliar a filosofia na descoberta de um sentido? O próprio autor nos responde quando afirma:

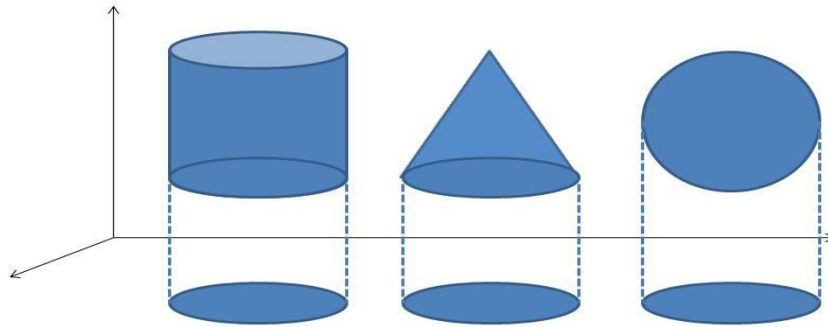
Uma vez que o homem seja projetado numa dimensão inferior à sua, ele também parecerá ser um sistema fechado, seja de reflexos fisiológicos, seja de reações psicológicas e respostas a estímulos. O que desaparece é a *abertura* essencial da existência humana: o fato de que o ser humano é direcionado para algo ou alguém além de si mesmo (Frankl, 2021, p. 72)

A ontologia dimensional de Frankl, criada com o intuito de fazer crítica aos determinismos em que as ciências, de um modo geral, se manifestaram ao longo da história e que interpretam o homem de forma reduzida, segue, como o mesmo diz, duas leis. A primeira diz, basicamente, que “um mesmo objeto projetado em dimensões diferentes da sua produz imagens contraditórias” (Frankl, 2021, p. 71). Vejamos:



Primeira lei da ontologia dimensional de Frankl: Um e o mesmo fenômeno, projetado em planos simplificados poderá ser retratado de tal modo que as figuras geradas sejam contraditórias entre si. (Adaptado por H. Falcão a partir de *Metaclinical implications of logotherapy*, p.23, In: *The Will of meaning*, Viktor Frankl, Meridian Books, 1988).

A segunda lei, por sua vez, diz que “objetos diferentes projetados em uma mesma dimensão diferente da sua produzem imagens ambíguas”. (*Idem*). Como podemos ver na imagem abaixo. Na dimensão vertical, não se pode inferir qual a diferença entre ambas.



Segunda lei da ontologia dimensional de Frankl: Diferentes fenômenos projetados além da própria dimensão, contra dimensões menores poderão gerar figuras idênticas. (Adaptado por H. Falcão a partir de *Metaclinical implications of logotherapy*, p.23, In: *The Will of meaning*, Viktor Frankl, Meridian Books, 1988).

Vale lembrar que o filósofo deixa claro que sua ontologia dimensional não tem uma resposta concreta para o problema mente-corpo, mas que ela contribui para uma explicação do porquê esse problema não ter solução, uma vez que, as imagens representadas acima possuem características indiscrimináveis, intercambiáveis e ambíguas.

No caso do problema mente-corpo, o autor diz que quando essas projeções acontecem no plano biológico, isto é, corporal, ela produz fenômenos somáticos que podem desenvolver alguns sintomas físicos. No plano psíquico, elas produzem fenômenos que podem provocar certos tipos de neuroses noogênicas.

Essas imagens, de acordo com o pensador austríaco, se contradizem entre si, porém, não contradizem a unidade e totalidade da humanidade própria do homem, como nos diz o professor Pereira ao afirmar que “O pensamento dimensional de Frankl é utilizado como argumento frente aos discursos reducionistas das ciências acerca do ser humano” (Pereira, 2021, p. 241).

2.3.2. A liberdade da vontade e a vontade de sentido

a) A liberdade da vontade

Duas das categorias fundamentais do pensamento filosófico de Frankl são a Liberdade da vontade e a Vontade de sentido. Analisaremos neste tópico como a liberdade humana é abordada pelo filósofo austríaco e como ela se relaciona com a busca incessante do homem por um sentido de vida. Dissemos acima – especificamente no tópico referente à visão de

Frankl sobre o ser *pessoa* – que o homem é único, individual, subjetivo e, principalmente, livre. Sabemos, no entanto, que essa liberdade não é total na medida em que os seres humanos são condicionados ao tempo, espaço, aos seus impulsos corporais, psicológicos e sociais.

Existencialmente, o homem está fadado aos destinos biológicos, psicológicos e sociais⁷², visto que, não pode escolher naturalmente a cor de seus olhos, a família onde quer nascer ou não, bem como a herança psíquica que vai trazer de seus antepassados. Todavia, mesmo destinado a esses fatores, o ser humano pode escolher qual atitude tomar diante da tragicidade da vida. Essa atitude de enfrentamento dos problemas e situações que a própria existência nos obriga passar é, na visão dele, uma forma que a liberdade tem de se manifestar. Sobre a relação da liberdade com o destino biológico do homem, diz o autor:

A afirmação dos instintos não está em contradição com a liberdade, mas tem a liberdade como pressuposto de negação. Liberdade é, essencialmente, liberdade perante alguma coisa: “liberdade de” alguma coisa – e “liberdade para” alguma coisa (pois também, na medida em que eu não me deixo determinar por instintos, mas por valores, tenho a liberdade de dizer “não” às exigências éticas; eu apenas me deixo determinar (Frankl, 2019, p. 210)

O pai da Logoterapia diz que o homem, frequentemente, na prática, não é livre, mas que o é, quando se trata de sua característica facultativa. Em outras palavras: o homem é livre em todos os casos quando se refere a um posicionamento diante da vida, inclusive, o de negar, como faz na maioria das vezes, sua própria liberdade⁷³. É na dimensão noética que a liberdade se dá. O homem transcende suas necessidades biológicas, psíquicas e sociais. Ele o faz por ser um ente espiritual como já fora explicitado. No entanto, devemos lembrar que essa liberdade não pode ser confundida com o “fazer o que quiser” sem consequências.

É importante ressaltar que a *pessoa* possui não só uma liberdade de caráter como também uma liberdade para a personalidade. A liberdade na visão de Frankl pressupõe uma responsabilidade. Diz:

Intercalemos aqui uma pequena nota psicoterapêutica: o que a análise existencial pretende, em última instância, é a autorreflexão do homem sobre a sua liberdade, e o que a Logoterapia, também em última análise, quer é essa autodeterminação do homem baseado na sua responsabilidade e em relação ao segundo plano no mundo dos sentidos e dos valores, isto é, do logos e do *ethos*. (Frankl, 2019, p. 215)

Não há, segundo o autor, instinto sem liberdade e liberdade sem instinto. Sua Logoterapia conta com o poder que a *pessoa* espiritual se coloque acima da *pessoa* psicofísica. Esse “colocar-se acima” dá-se, primeiramente, por meio da crença de que todos

⁷² Cf. Pereira, 2021, p. 145.

⁷³ Cf. Frankl, 2019, p. 212.

nós, seres humanos, fomos lançados à existência e por esse motivo, não fomos “consultados” sobre o porquê de carregarmos esta ou aquela “disposição” hereditária.

Somos, assim, responsáveis pela nossa existência na totalidade e também por nosso *ser-assim* particular. Devemos aceitar aqueles nossos destinos, adaptá-los e plasmá-los à nossa maneira de encarar a vida, pois, segundo nosso filósofo, tudo fica registrado no passado e não há como reverter tal movimento ético do ser humano, pois, de acordo com ele:

Quando uma decisão é realizada, ela é realizada para sempre e nunca pode ser destruída. O homem, portanto, deve assumir a responsabilidade por essas “pegadas imortais na areia do tempo”. Ele deve decidir, para o bem ou para o mal, qual será o monumento de sua existência (Frankl, 2021, p. 94)

O *homo humanus*⁷⁴ é livre e responsável. Ele é um ser que luta para encontrar o sentido e realizar seus valores. Luta pela existência e pela solidariedade, isto é, pelo auxílio mútuo na descoberta de sentido.⁷⁵ Nenhum ser humano é obrigado a viver, ao contrário, pode jogar sua vida fora. A liberdade espiritual do indivíduo, nesse caso, o conduziria para a falta de responsabilidade e isso implicaria uma contradição, pois, a responsabilidade frankleana é sempre a favor da vida.

b) A vontade de sentido

“*A vontade de sentido é um fato, não uma crença*”, diz Frankl (2021, p. 57). Ao longo de suas pesquisas, o autor comprovou a proposição acima, mais tarde justificada também por inúmeros psicoterapeutas e cientistas de diversas áreas. O ser humano busca algo; isso é fato. O quê? Um sentido. O autor nos conta que em uma pesquisa de opinião na França, 89% dos entrevistados disseram estar em busca de um “para quê” viver e 61% afirmaram ter algo ou alguém por quem morreriam.⁷⁶

Reforcemos que o conceito de *vontade de sentido* faz crítica à psicanálise de Freud, principalmente, no que se refere à vontade de prazer, como dissemos acima. Visto que, segundo Frankl, tal vontade de prazer “engana” a consciência humana, buscando saciar os impulsos somáticos, pois, “... *o desejo de prazer é um princípio autodestrutivo, na medida em que quanto mais um homem se empenha em buscar o prazer, menos o obtém*” (Frankl, 2021, p. 103).

⁷⁴ Termo utilizado pelo autor para se referir ao homem demasiadamente humano.

⁷⁵ Cf. Frankl, 2019, p. 231.

⁷⁶ Cf. Frankl, 2021, p. 57.

Esse princípio vital no ser humano não se fundamentaria também por uma vontade de poder, como queria Adler. Na verdade, tanto a ideia de vontade legada por Freud quanto a de Adler (prazer-poder) seriam subalternas de uma vontade de sentido. Diz Frankl que “Em última análise, vemos que tanto o desejo de prazer quanto o desejo de poder são derivados da fundamental vontade de sentido” (Frankl, 2021, p. 103).

A busca do homem por um sentido que oriente sua vida é uma motivação primária e não uma racionalização secundária dos instintos. Não obstante, essa busca por sentido, pode desencadear uma tensão interna ao invés de um equilíbrio. Frankl denominou tal tensão de *noodinâmica*, ou seja, uma dinâmica existencial que se baseia na tensão entre o sentido a ser realizado e o indivíduo que o realizará, aquilo que acima foi dito entre o Ser e o Dever-ser⁷⁷.

Tenhamos em mente, que o autor, em nenhum momento, nega a não necessidade de ambas as vontades. O que está em jogo é a premissa de que elas são o que move animicamente o homem; é isso que ele nega. Para evidenciar o que fora analisado neste capítulo, utilizaremos do mesmo pressuposto do capítulo anterior para uma melhor compreensão dos conceitos filosóficos frankleanos. Vejamos:

- a) Defendemos, em primeiro lugar, o caráter terapêutico da filosofia, esta, enquanto instrumento de reflexão, autocompreensão e autodistanciamento no tocante ao enfrentamento de algumas neuroses e em uma atitude ética, contrárias às atitudes fatalista, fanática e cética.
- b) Desse modo, vimos com Frankl que o estoicismo e o epicurismo não conseguem atender às urgências de uma vida que fora envolta à frustração existencial.
- c) Trouxemos à baila a defesa do autor referente a uma espécie de filosofia consoladora, dado que, pelo espanto (assombramento), descobrimos o mundo e a nós mesmos.
- d) Destrinchamos os limiares da dimensão noética e compreendemos que o homem é um ser, por excelência, espiritual e que essa dimensão não se fundamenta fora das dimensões somática e psíquica.
- e) Vimos que toda a teoria de Frankl sobre o conceito de espírito está fundamentada nas ideias do filósofo alemão Max Scheler, que ambos entendem espírito por aquilo que move e direciona o ser humano para um ato de transcendência.

⁷⁷ Cf. Frankl, 2023, p. 117.

- f) No tocante a essa capacidade do ser humano de transcender a si mesmo, isto é, autotranscendência. Vimos que Frankl percebe que é no amor que o homem pode salvar-se, pois, é no encontro amoroso com algo e alguém que o ser humano pode também encontrar o sentido de sua existência.
- g) Entendemos a partir de sua ontologia dimensional que o ser humano não pode ser reduzido somente às suas dimensões somáticas e psíquicas, mas deve ser analisado, interpretado e estudado por sua integralidade biológica, psíquica e espiritual.
- h) Vimos que o ser humano, a pessoa espiritual é livre e responsável, ou seja, mesmo condicionado pelos destinos biológicos, psicológicos e sociais, pode escolher a atitude que irá seguir perante a facticidade da vida.
- i) Entendemos que liberdade e responsabilidade são categorias essenciais do humano verdadeiramente humano, segundo Frankl.
- j) Compreendemos que Frankl atribui a busca por saciar os desejos sexuais e o anseio pelo poder a uma busca vital por sentido, criticando assim a psicanálise de Freud e a psicologia humanista de Adler.

CAPÍTULO III: O QUE O SER HUMANO PODE FAZER PARA ALCANÇAR UM SENTIDO DE VIDA?

Viktor E. Frankl responde a indagação que intitula este terceiro capítulo afirmando que o ser humano pode encontrar sentido por três vias: 1) pelos valores criativos; 2) pelos valores experienciais; e 3) pelos valores atitudinais.

Em resumo, a vida pode se tornar significativa de três maneiras: primeiro, por meio daquilo que damos à vida (em termos de obras criativas); segundo, por aquilo que recebemos do mundo (em termos de valores de experiência, seja na natureza ou na cultura); e terceiro, por meio da postura que assumimos perante um destino que não podemos mais mudar (uma doença incurável, um câncer inoperável ou algo semelhante) (Frankl, 2021, p. 111)

O que damos à vida são as nossas obras, nosso legado, nossa herança. Por outro lado, podemos experimentar tudo que ela nos proporciona e também nos dá, como uma bela paisagem, a experiência de encontro com o outro, ou até mesmo, aquilo que os nossos antepassados nos legaram para que possamos contemplar. Da mesma maneira, o agir do homem em relação à sua facticidade, isto é, mediante uma situação em que o mesmo não pode controlar, faz com que o sentido da vida possa ser encontrado.

Criação, contemplação e ação marcam a descoberta do sentido, ou melhor, dos sentidos que a vida possui. Não obstante, poderíamos pensar que esses dois primeiros tipos de valores são, de certa forma, amalgamados ao terceiro, visto que, para criar qualquer coisa que seja como legado (cultura) ou até mesmo experimentar as heranças naturais que o mundo nos deixou, é preciso ter uma atitude de abertura, de ser-no-mundo; para-o-mundo, para usarmos as expressões de Heidegger. Diz o pai da Logoterapia:

Para realizar valores criadores, necessito de alguns talentos; mas não preciso buscá-los, basta utilizá-los, se os tenho. Para realizar valores vivenciais, também necessito de algo de que já disponho, quer dizer, os órgãos respectivos – ouvidos para escutar uma sinfonia, olhos para contemplar uma árvore, e assim por diante. Mas para realizar valores atitudinais não basta ter uma faculdade criadora ou uma simples faculdade vivencial; é preciso, além disso, ter capacidade de sofrer, o que não se recebe de presente, requer ser conquistado por meio do próprio sofrimento; a capacidade para o sofrimento, todavia, deve o homem adquirir por si mesmo; tem que padecê-la primeiro para si (Frankl, 2019, p. 297)

Tendo em vista as proposições acima: poderíamos dizer que só existe um tipo de valor ou que esse valor, a saber, o atitudinal, é o mais importante. Uma vez que, é através de uma ‘ética’, ou seja, na medida em que o homem se posiciona, coloca-se de frente não só às situações desafiadoras da vida, mas diante da própria vida, é que exige dele uma ação? Se assim for, poderíamos nos ater somente ao terceiro tipo de valor na medida em que o ser

humano é um ser, além de criativo e capaz de contemplar a realidade que lhe circunda, um ser ético-político?

Analisemos tais indagações com o intuito de compreendermos a relação entre os valores acima citados e o sentido da existência humana, ou melhor, os sentidos que a vida nos entrega.

3.1. A influência da ética dos valores de Max Scheler na filosofia de Viktor E. Frankl⁷⁸

Sabemos que a obra de Frankl está permeada pela influência de diversos grandes nomes da história da filosofia, da psicologia e não somente destas ciências. Contudo, no limiar de sua vasta obra e teoria antropológica sobre a existência humana, o filósofo que ganha destaque é o alemão Max Scheler (1874 – 1928) como acima já fora exposto no tópico sobre a questão do espírito⁷⁹. No entanto, é de suma importância para nossa pesquisa, voltarmos a este pensador, principalmente ao referir-se à doutrina frankleana dos valores⁸⁰.

Para fins metodológicos e didáticos, decidimos expor algumas considerações a respeito da obra filosófica de Max Scheler – principalmente as que fazem interferências diretas na obra de Frankl – a saber: *Die Stellung des Menschen im Kosmos* (1928) – *A posição do homem no cosmos*; *Zur Rehabilitierung der Tugend/ Das Ressentiment im Aufbau der Moralen* (Da reviravolta dos valores) e também, sua obra mais importante sobre o tema: *Der Formalismus in der Ethik und die materiale Wertethik. – Neuer Versuch der Grundlegung eines ethischen Personalismus* (1913), (Ética – Nuevo ensayo de fundamentación de um personalismo ético, na tradução espanhola de Hilario Rodriguez Sanz).

Ademais, esta última, faz uma análise da ética kantiana adentrando, algumas vezes, em desacordo com os axiomas propostos pelo criticista alemão. Tanto ele quanto nosso pensador austríaco entendem que há um mundo de valores objetivos e que estes estão dados em grau de uma hierarquia se materializando em bens. Sobre isso, diz Scheler:

De todo lo dicho se desprende que hay *auténticas y verdaderas* cualidades de valor, que representan um domínio próprio de *objetos*, los cuales tienen sus *particulares* y

⁷⁸ Dissemos em outra ocasião (2016, p. 10) que “os estudos acerca da moral não dizem respeito apenas ao universo das grandes teorias filosóficas ou às investigações especializadas dos críticos, em especial, psicólogos e sociólogos que de alguma forma elaboraram uma tentativa de explicação do conteúdo moral. Pode-se dizer que na pesquisa deste tema e no que dele provém destaca-se, sobretudo, a análise da compreensão ou da elucidação dos conceitos de bem ou mal na prática da vida cotidiana”.

⁷⁹ Segundo Pereira (2021, p. 66) o próprio Frankl em um ensaio autobiográfico diz que Scheler foi responsável por uma metanóia – nossos termos – no que diz respeito a sua visão de mundo, existência e homem.

⁸⁰ A esse respeito, o professor Ivo Pereira (2021, p. 68) diz que: “A objetividade do valor mostra-se como peça-chave na compreensão ética de Scheler”.

conexiones, y que pueden ser, ya como *cualidades* de valor, más altas y más bajas, etc. Pero si tal es el caso, puede también haber entre ellas un *orden y jerarquía*, independientes de la existencia de un *mundo de biens* em el cual se manifiesten, y también independientes de las modificaciones y el movimiento que ese mundo de los biens sufra a través de la historia y para cuya experiencia los valores y su jerarquía son *a priori* (Scheler, 2001, p. 58)

O filósofo alemão diz que os valores são objetos intencionais e, por assim serem, não são criação da psiquê humana, nessa medida, só podem ser descobertos e nunca produzidos. Para ele, os valores são intuídos na vivência através da percepção emocional, nos atos de preferir ou postergar, amar e odiar⁸¹. Frankl, por sua vez, segue nesse raciocínio para dizer que os valores ultrapassam qualquer ato cognoscitivo, toda compreensão racional; contudo, manifesta-se mediante uma intuição pura emocional, pois, “*‘Ver’ já significa também ver alguma coisa que está fora dos olhos*” (Frankl, 2003a, p. 73).

A visão de ambos os filósofos é objetivista, pois demonstra ou tenta demonstrar que a existência do valor não guarda relação com certa preferência ou que daria o status de “bom” para determinado objeto. É uma visão que difere em muito da concepção subjetivista defendida por Kant segundo a qual – de acordo com Scheler – os valores não seriam como “*forças*”, “*capacidades*” ou até mesmo “*disposições*” que as coisas suscitariam nas emoções do indivíduo⁸².

Os valores não são propriedades das coisas e sim “*fenómenos que se sienten claramente, no icógnitas oscuras que sólo reciben su sentido por virtud de esos fenómenos harto conocidos*” (Scheler, 2011, p. 59). Todos os valores, de acordo com o pensador alemão, são qualidades objetivas; até mesmo os intitulados “bom” e “mau”.⁸³ Além disso, segundo ele, há uma fase de captação de valores pelo homem que é claramente dada, evidenciando o valor de uma coisa; de um objeto. Tal como, temos a ideia de quando chegamos a algum ambiente, só podemos, de início, captar os valores parciais daquele lugar onde estão implicados os objetos particulares da imagem dele.⁸⁴

Os valores são independentes em seu ser, isto é, em sua essência, do sujeito que pratica ação, seja num grau maior ou menor, segundo a hierarquia que ele estabeleceu com, pelo menos, cinco critérios. São eles: 1) durabilidade (duração), diz respeito aos valores que se prolongam na história, como por exemplo, o valor da verdade; 2) indivisibilidade, são os que fazem referência aos valores difíceis de dividirmos, como o belo, por exemplo; 3) os mais

⁸¹ Cf. Scheler, 2001, p. 356.

⁸² Idem;

⁸³ Cf. Scheler, 2001, p. 60.

⁸⁴ Exemplo dado pelo próprio Max Scheler.

fundamentais (fundamentalidade), ou seja, aqueles que possuem uma certa utilidade. 4) satisfação, isto é, os que produzem o maior sentimento de gozo, como o amor; e por fim, o 5) os que seriam menos relativos (grau de relatividade) como é o caso da justiça.

Na filosofia de Max Scheler, os valores estão distribuídos em uma hierarquia que segue o fluxo da captação do ser espiritual encarnada, que é o homem. Estes estão estabelecidos em níveis de ascensão, que vai do grau de sensíveis (1º), vitais (2º), espirituais (3º), até os sagrados (4º).

Os valores que estão nos níveis ‘*sensíveis*’ fazem referência ao âmbito do agradável/desagradável e são caracterizados pelos predicados de prazer e dor (gozo/sofrimento). Os valores vitais estão relacionados à antítese de nobreza-vulgaridade. Nestes encontram-se – em uma subdivisão e subordinação – os estados do sentimento vital, como por exemplo, velhice e morte, saúde e enfermidade. Os valores espirituais, por sua vez, ou como diz o próprio Scheler (2001, p. 176) são sentidos num plano axiológico, ou seja, guiados pelos dois sentimentos primários, a saber, amor e ódio. Eles estão apartados do corpo, mas se manifestam como unidade na pessoa.

Por fim, temos os valores sagrados, que se dão apenas em “objetos absolutos” e possuem como seus estados afetivos os sentimentos de beatitude e desespero. Os valores sagrados são os que, essencialmente, se constituem na pessoa; no reconhecimento da dignidade da pessoa⁸⁵, e é o *espírito* que se define como *pessoa*, que reconhece os valores e tem ‘entendimento’ – pelo sentimento e não pela razão – de sua hierarquia, possuindo inúmeras formas de realizá-los. Esse ‘entendimento’ se dá pela intuição emocional, por um perceber afetivo sensível, vital, espiritual e sagrado.

Em suma, de acordo com Scheler, os valores são dados originários que só podemos enxergar pelos atos humanos e que, se guiados pelo amor, são espirituais e sagrados – valores que ele chama de superiores – e se forem conduzidos pelo ódio, são inferiores, isto é, estão nos níveis do sensível e vital.

Faz-se necessário lembrar que Scheler defende, diferentemente de Kant, uma ética baseada no sentimento que se traduz nas vivências dos bens – onde se realizam (materializam) os valores – que nos são dados pela intuição emocional e compreendidos pela consciência. Significa dizer que não é o dever – como queria Kant – que configuraria uma ética e sim, os valores; a apreensão dos valores e de sua hierarquia, bem como a sua adesão são indispensáveis para que possamos agir no mundo.

⁸⁵ Cf. Scheler, 2001, p. 176.

Nesse intento, Frankl nos diz que a busca por um sentido é algo espiritual subjetivo, mas que o sentido em si é algo espiritual objetivo e, dessa forma, não podemos confundir valor e sentido. O valor se manifesta como “bem”, o sentido como missão a se cumprir, uma tarefa única a se realizar por uma pessoa única e singular.

3.2. Os valores criativos

Há tempos em que a música, a literatura – seja ela, romance, conto, fábula, crônica e todas as suas outras formas de expressão – bem como o cinema, a escultura e a pintura, nos falam da realidade humana, seja ela material, ou seja, tangível, ou até mesmo, intangível, como as realidades espirituais e abstratas.

Os gregos (poetas e filósofos) tentaram, por diversos meios, verificar tal ‘reclamação’ humana, seja com o mito, seja com a filosofia, seja com o teatro. Sobre essa forma de tentar entender a angústia existencial do homem a partir do mito, nos escreve Abah Andrade em sua obra *“Zeus trágico e outros ensaios de filosofia”* (2020), deixando claro que os gregos tinham a compreensão de que:

Ser, portanto, é ser justo, e ser justo é manter-me no lugar que me foi reservado: se ser feliz é ter um sentido para existir, então ser feliz é ser justo, e ser justo é obedecer, ao deus, é viver sob sua “justiça”. E uma cidade justa, ou seja, uma comunidade justa, é aquela em que cada um de seus membros procura ser o melhor (ariston), o bom (agathon), dotado de excelência (areté) naquilo que lhe fora ordenado ser e fazer-se ser (Andrade, 2020, p. 27).

Dessa forma, não temos povo sem mito, isto é, sem narrativas que procuram encontrar uma possível explicação da realidade e do “Ser” das coisas, conferindo sentido à existência humana. Tal como, o mito governou a vida na Grécia durante séculos, como uma experiência religiosa, de ligação entre o humano e o divino. O mito sustentava e era sustentado pela classe nobre, que tinha no poeta seu porta-voz, que recontava a estória para fazer reviver o mito e reinstalar a todo o momento uma compreensão da vida que excluía outras formas de compreensão.

A interpretação do mito em relação à realidade, segundo este filósofo, engendra os significados necessários à coesão do grupo. É a compreensão da justiça – para os gregos, do lugar social. Tanto a literatura clássica⁸⁶ quanto a moderna se dão também, muitas vezes, em

⁸⁶ A cultura grega nos legou um vasto conhecimento sobre a dualidade vida-morte, mas ainda assim não respondeu aos anseios do homem enquanto um ser que ainda vaga ao encontro de um sentido de vida mesmo que este não exista. As tragédias de Eurípedes, Sófocles e Ésquilo traduziram bem esse desejo de apreender a

forma de mito, isto é, de narrativa que pretende dar sentido à comunidade e ao indivíduo, e, enquanto que, se ocupam, até os presentes dias, de responder, assim como a filosofia e a psicologia, as seguintes perguntas: “O que é o homem?”. “Qual o sentido da vida?”. “O que é ser feliz?”.

Essa “arte da escrita”, como uma dessas ‘formas’ encontradas pelo homem, de trazer à baila suas experiências de vida, angústias existenciais e tristezas, mas também suas alegrias, certezas e, sua esperança de encontrar um motivo pelo qual a vida pudesse valer à pena, procurou, ao seu modo, “aliviar” a angústia causada por este complexo pensamento e gerar no homem um ideal pelo qual pudesse viver uma vida com sentido.

Sobre a literatura moderna, por exemplo, nos diz o pai da Logoterapia:

A literatura moderna não deve continuar sendo outro sintoma da neurose de massa atual. Ela pode muito bem contribuir para a terapia. Escritores que passaram pelo inferno do desespero por causa da aparente falta de sentido da vida podem oferecer seus sofrimentos como um sacrifício no altar da humanidade. Sua autorrevelação pode ajudar o leitor que estiver atingido pela mesma condição, ajudá-lo a superá-la... Se o escritor não for capaz de imunizar o leitor contra o desespero, deveria ao menos abster-se de inoculá-lo (Frankl, 2005, p. 83).

Frankl acreditava que poderia existir cura para certas neuroses através da leitura de bons livros e defendia a importância de uma biblioterapia, como também de uma “autobiblioterapia”, visto que, “Se o escritor não for capaz de imunizar o leitor contra o desespero, deveria ao menos abster-se de inoculá-lo” (Frankl, 2005, p. 83) Relata-nos, por exemplo, sobre o caso de Aaron Mitchell, prisioneiro norte-americano de San Quentin, onde perto de São Francisco, teve a experiência de encontrar sentido a partir da leitura de sua obra *Em busca de Sentido* – um psicólogo no campo de concentração. Diz o filósofo vienense:

Amanhã terei a honra de fazer o discurso de abertura da Feira Austríaca do Livro. O título que escolhi é “O Livro como Terapia”. Em outras palavras, eu falarei sobre a cura através da leitura. Comunicarei ao meu auditório casos em que um livro mudou a vida do leitor, e outros casos em que um livro lhe salvou a vida, impedindo-o de cometer suicídio (Frankl, 2005, p. 83)

Para Frankl, a literatura – especialmente a moderna – não poderia limitar-se apenas a si, ou seja, contentar-se apenas com as expressões de si mesma numa espécie de autoexibição. Caso continue a proceder desse modo, refletirá o senso de futilidade e de absurdo de seus autores.

experiência da tragicidade da vida e afirmaram ainda mais a inequívoca compreensão da mesma, não como uma “falha”, ao protagonizarem em suas peças esse tema, mas como incompletude de algo que tem por característica essencial a impossibilidade de ser alcançado.

Em uma conferência intitulada *O livro como meio terapêutico*, proferida em Hofburg, Viena em 1975, o autor nos fala que a leitura pode nos servir de remédio em combate às crises existenciais que possam nos cercar em determinado momento de nossas vidas. Diz:

A possibilidade de conferir-se ao livro função terapêutica ultrapassa, contudo, de longe, o âmbito da patologia. Assim, pode o livro, mormente em crises existenciais a que por certo ninguém estará imune, simplesmente operar milagres. O livro certo na hora certa tem preservado não poucas pessoas do suicídio e isto nós psiquiatras sabemos por experiência própria. O livro presta, nesse sentido, autêntica ajuda para a vida – e para a morte (Frankl, 1990, p. 151)

Em outro momento da mesma conferência, o autor nos leva a compreender que o livro – e não um livro de autoajuda ou algo parecido – pode combater a ausência de sentido em pelo menos três frentes: 1) contra a neurose dominical; 2) contra a crise da aposentadoria; 3) contra a neurose do desemprego.⁸⁷ O filósofo austríaco nos fala sobre algumas pessoas as quais ele observou:

[...] após sofrerem graves neuroses, por décadas, e terem se submetido sem êxito a tratamento por especialistas médicos, durante anos a fio, motivados só e unicamente pela leitura de um livro aplicaram, por si mesmos e independentemente, ao seu próprio caso, determinados métodos e técnicas da psicoterapia, libertando-se de sua neurose [...] (Frankl, 1990, p. 151)

Não raramente, Frankl relata suas memórias referentes às produções artísticas, assinaladas pelos próprios prisioneiros nos campos de concentração, como músicas, teatro (tragédia e comédia), pois “Conforme a vida interior do prisioneiro se intensificava, ele também era levado a vivenciar a beleza da arte e da natureza de modo totalmente novo” (Frankl, 2023, p. 64)⁸⁸.

A criação artística, para nosso filósofo, tem uma especial importância no encontro do sentido de vida, pois é por meio dela que o indivíduo é levado a refletir sobre si mesmo e o

⁸⁷ Já citamos anteriormente essas três crises quando abordamos a questão do tédio em Frankl.

⁸⁸ No prefácio de sua obra *Por que ler clássicos*, o escritor e romancista Ítalo Calvino (1923 – 1985) nos lega a importância da leitura dos clássicos para a formação do imaginário cultural do povo e do indivíduo, tanto na antiguidade quanto na atualidade, visto que, para ele, a leitura de um clássico “*é uma obra que provoca incessantemente uma nuvem de discursos críticos sobre si, mas continuamente as repele para longe*” (Calvino, 1991, p. 11). Ora, se tomarmos essa definição do autor como verdadeira, poderemos citar um exemplo tanto desta “nuvem de discursos críticos sobre si”, deste autoconhecimento no que concerne à procura da felicidade, quanto ao conceito frankliano de sentido de vida ou sua antítese, isto é, de falta de sentido, no romance *O mágico de Oz*, de L. Frank Baum (1856 – 1919), especificamente, no diálogo entre o Espantalho e o Leão Covarde: “– Mas não está direito. O Rei dos Animais não devia ser covarde – disse o Espantalho. – Eu sei – respondeu o Leão, enxugando uma lágrima do olho com a ponta da cauda. – Por isso eu vivo muito triste, e a minha vida é tão infeliz.” (Baum, 1900. p.32). Essa tristeza que angustia o coração deste personagem, se dá, por ele não ser o que realmente nasceu para ser. Em outras palavras, o ‘vazio existencial’ do Leão Covarde se caracteriza por ele não ter encontrado o seu sentido de vida, sua tarefa a ser realizada no mundo enquanto ‘rei’ dos animais, sendo isto, singular e específico para ele. O sentido de vida é uma ‘práxis’ e não algo puramente abstrato cuja finalidade é somente conduzir o homem a autorrealização.

mundo que o cerca, seja de modo trágico ou lúdico. Essa reflexão da tragicidade da vida humana, bem como de sua característica lúdica, é evidenciada por Frankl como uma espécie de fuga da realidade; não como uma fuga qualquer, mas, precisamente, daquela circunstância específica dos campos de concentração. Assim sendo, fala-nos o autor:

A busca em desenvolver um senso de humor e de ver as coisas de um ângulo mais cômico é um tipo de truque que se aprende ao dominarmos a arte de viver. E, de fato, é possível praticar a arte de viver até mesmo num campo de concentração, embora o sofrimento esteja por toda parte. Fazendo uma analogia: o sofrimento de um homem se assemelha ao comportamento do gás. Se uma certa quantidade de gás bombeada dentro de um recinto vazio, ele o preencherá completa e uniformemente, qualquer que seja o tamanho do recinto. Da mesma forma, o sofrimento, não importando se grande ou pequeno, preenche totalmente a alma e o consciente humanos. Portanto, o “tamanho” do sofrimento humano é absolutamente relativo (Frankl, 2023, p. 68)

Frankl vê o humor como uma arma na luta da vida por sua autopreservação⁸⁹. Não obstante, é possível, segundo ele, encontrar o cômico naquilo que enxergamos como trágico, pois, *“é sabido que o humor, mais do que qualquer coisa na constituição humana, é capaz de propiciar leveza e alívio para colocar-nos acima da situação, ainda que só por alguns instantes”* (Frankl, 2023, p. 67). Em outro texto, referindo-se à técnica Logoterapêutica da intenção paradoxal, o autor nos diz que ela deve ser acompanhada de uma boa dose de humor, tendo em vista que:

Sabemos que o humor é um meio fundamental de criar distância entre alguma coisa e nós mesmos. Poderíamos também dizer que o humor ajuda o homem a superar sua própria condição, olhando para si mesmo de uma maneira mais imparcial. Portanto, o humor também deve ser localizado na dimensão noética. Afinal, nenhum animal consegue rir, muito menos rir de si mesmo (Frankl, 2021, p. 102)

O humor é uma forma de arte e, assim sendo, pode nos tirar das *garras* da facticidade da vida. O sofrimento – dizem alguns pensadores – pode ficar mais “leve” com o humor. Frankl e alguns de seus companheiros do cativeiro nazista descobriram – em alguns momentos – a força e o poder transformador dessa arte, a ponto de alguns perderem seu alimento diário para poder assistir aos espetáculos que eram improvisados de tempos em tempos naquele ambiente hostil.

Eu praticamente ensinei um amigo que trabalhava ao meu lado no canteiro de obras a desenvolver seu senso de humor. Sugerir a ele que fizéssemos a mútua promessa de inventar pelo menos uma história divertida todos os dias, sobre algum possível incidente no dia seguinte ao da nossa libertação (Frankl, 2023, p. 67-68)

⁸⁹ Cf. Frankl, 2023, p. 67.

A música é outra forma de encontrar sentido para a vida segundo nosso filósofo. O mesmo também era compositor e musicista. Tocava piano e, vez ou outra, efetuara analogias de suas ideias com os atributos musicais ou letras que faziam referências aos conceitos abordados por ele.⁹⁰ Compôs um tango em homenagem a sua primeira esposa, falecida no campo de concentração de Bergen-Belsen, após a Segunda Guerra mundial. Escreveu uma peça de teatro intitulada “*Sincrinización en Birkenwald*”, que se caracteriza por ser um diálogo entre alguns filósofos importantes sobre o “sentimento da humanidade” naquele período de ausência de fé no ser humano e desilusão na qual se encontrava a sociedade europeia, e por que não, o mundo.⁹¹

O professor Thiago Aquino (2020) nos diz que “A Arte, na perspectiva de Frankl (1978), encontra-se em duas categorias valorativas: nos valores criativos, quando se cria uma obra artística; e nos valores vivenciais, quando se contempla o fenômeno da arte”.

A criação artística pôde devolver – ao menos por alguns instantes – a dignidade daqueles que estavam presos no campo de concentração. Não só daqueles, mas de outros tantos seres humanos que, ainda hoje, vivendo em situações de vulnerabilidade material, moral e até mesmo espiritual, tem suas vidas restauradas através dela.

Em termos gerais, é claro que qualquer iniciativa artística no campo de concentração era um tanto grotesca. Eu diria que a verdadeira impressão de qualquer coisa ligada à arte surgia apenas do contraste fantasmagórico entre a performance e o pando de fundo da vida desolada no campo (Frankl, 2023, p. 67)

⁹⁰ Permitam-nos realizar algumas considerações sobre o assunto, tendo em vista o vislumbrar do tema a partir da humilde análise de duas músicas que retratam a problemática da existência humana, são elas: ‘*O pouco que sobrou*’ da banda carioca *Los Hermanos* e ‘*Lágrimas e chuva*’ da banda de pop rock nacional *Kid Abelha*.

No primeiro caso, a saber, na canção dos *Los Hermanos*, vemos um eu-lírico sujeito à condição “aterrorizante”, podemos dizer assim, de sua própria vida. Ele se sente, de alguma maneira, lançado ao acaso, perdido, a ponto de afirmar que a fé o abandonou e não o contrário.

Percebamos também que a consequência de sua vida *se ter feito um nó* foi a ausência do amor que um dia ele tivera e que fazia-lhe ser uma pessoa melhor. “*A vida se perdeu*” é o que diz o poeta através do eu-lírico e se perdeu porque não há mais um alguém ou algo pelo que lutar; ou seja, não há sentido. O poeta cansou de procurar o pouco que sobrou de si dadas às circunstâncias de sua vida.

No segundo momento, isto é, na letra da canção de *Kid Abelha*, vemos um sujeito que indaga sobre a possibilidade de ter ‘*algum motivo importante que justifique a vida*’ ou também o *instante mesmo* em que ele se encontra, a saber, solitário, triste, vazio existencialmente.

Nas palavras de Viktor Frankl (2005, p. 15) “*O que temos neste caso, diria eu, é exatamente um grito não escutado por um sentido para a vida*”.

“*A vida é sempre um risco, eu tenho medo*” diz o poeta. E não seria diferente frente à essência transitória da própria vida e a certeza plena da morte em meio às inúmeras possibilidades que o homem tem de agir.

Sua angústia é tão grande que o choro e o desespero lhe tomam; não obstante, sente-se só quando nos relata que dentro do seu carro as lágrimas e a chuva caem ‘*mas ninguém me vê*’, e essa solidão gera uma revolta contra tudo e todos, presentes nos versos ‘*o mundo é muito injusto*’. Como nas palavras do grande romancista inglês C.S. Lewis (2021, p.67) em sua obra *Anatomia de um luto* quando diz “Eu obtinha, com isso, o único prazer que um homem angustiado pode ter: o prazer de revidar”; em outro momento ele afirma que “A tristeza, entretanto, não é um estado, mas um processo”.

⁹¹ A esse respeito, conferir o trabalho do professor Thiago A. A. Aquino intitulado *ESPIRITUALIDADE E ARTE: o homem em busca de sentido*, 2020.

A arte faz com que esqueçamos, ainda que, temporariamente, dos sofrimentos que a vida apresenta, numa espécie de escapismo da realidade que nos cerca. Seja por canções, poemas, piadas e qualquer outro *fazer* artístico, o ser humano pode encontrar sentido para a sua vida. Passemos agora para a análise dos valores experienciais, isto é, aqueles tipos de valores que nos fazem contemplar a realidade, a natureza, o mundo e o que estes nos proporcionam como belo.

3.3. Os valores experienciais (vivenciais)

Os valores de experiência ou experienciais, como dito, estão ligados à contemplação daquilo que o mundo nos entrega. Diz Frankl, ainda em memória dos momentos em que esteve preso ao julgo nazista que:

Conforme a vida interior do prisioneiro se intensificava, ele também era levado a vivenciar a beleza da arte e da natureza de modo totalmente novo; e a intensidade dessa experiência pode fazê-lo esquecer completamente de todo aquele ambiente e das circunstâncias terríveis ao seu redor (Frankl, 2023, p. 64)

O filósofo também relata sobre alguns companheiros de cárcere quando estavam trabalhando fora de suas celas, faziam questão de chamar atenção para a “*bela vista de um sol poente por trás das imensas árvores das florestas bávaras*” (Frankl, 2023, p. 64). Quantos de nós já fomos levados a um certo estado de tranquilidade, mansidão e paz profunda pela contemplação de alguma paisagem como o mar, alguma floresta ou um belo pôr-do-sol? Quantos de nós fomos salvos da aceleração dos modos de produção que o trabalho moderno no evoca, pelo refúgio ameno da natureza? Quem, em algum momento de sua vida, compartilhou, mesmo nos momentos mais difíceis, a mesma exclamação de “*Como o mundo poderia ser lindo!*”⁹²?

A experiência estética pode transformar homens descrentes ou sem esperança em indivíduos extremamente devotos e com sentido para viver. Certa vez, nos relatou um amigo que, junto a ele, estava um rapaz cético, no que se refere à bondade dos homens no mundo; mas, quando o mesmo contemplou o mar e sua imensidão, um sentimento lhe veio e algo nele mudou. Relatou o início de uma inquietação, que ultrapassava toda e qualquer razão e fora tomado por uma sensação de contradição entre os horrores que o homem era capaz de praticar e a beleza da natureza que contemplava.

⁹² Frankl relata-nos essa exclamação vinda de um de seus companheiros no campo de concentração.

Em um dado momento, olhou novamente para o mar, para o céu, para as aves que ali passavam, tomou consciência da existência de um sentido para a sua vida, a saber, “tomar conta” daquilo que fora lhe dado pelo mundo.⁹³ Frankl, conquanto, apresenta-nos o exemplo dessa contemplação em mais um episódio no campo de concentração. Desta vez, lembrara-se de sua amada esposa. Diz:

Naquele momento, numa fazenda distante do horizonte, que parecia ter sido pintada na paisagem, no meio daquele cinza miserável de um início de manhã na Baviera, uma luz se acendeu. *Et lux in tenebris lucet* – e a luz brilhou nas trevas. Por horas, fiquei ali picando o chão congelado. O guarda passou me insultando, e mais uma vez entrei em comunhão com minha amada. Cada vez mais eu sentia a sua presença, sentia que ela estava comigo; sentia como se pudesse tocá-la, como se pudesse estender a minha mão e agarrar a dela. O sentimento era muito profundo: ela estava *ali*. Eis que, naquele exato momento, um passarinho veio silenciosamente pousar bem na minha frente, em cima do monte de terra retirada do fosso, e olhava fixamente para mim. (Frankl, 2023, p. 65)

Em meio a um terreno gélido, ao trabalho exaustivo e aos xingamentos do soldado nazista que ali passava, pôde o nosso filósofo, experienciar um momento de sentido. Em outras situações, qualquer ser humano poderia cair nos braços da desesperança; porém, Frankl manteve seu pensamento e espírito voltados para a imagem de sua mulher, que se apresentava à sua memória.

Esse segundo meio de encontrar sentido à vida, a saber, à vivência (contemplação), precisa ser, segundo nosso autor, mais bem elaborado. No entanto, encontrar um sentido para a vida é experimentar algo, como a bondade, a verdade e a beleza.⁹⁴ Em contrapartida, seria necessário indagar-nos: como é possível, nos dias atuais, uma vida contemplativa? Ou de outra maneira: existe tempo para vivenciar tais valores (experenciais) em mundo envolto pela cultura da produtividade?

Evocaremos, mais uma vez, o que Frankl nos diz quando afirma sobre o excesso de produtividade do ser humano para a realização dos princípios de prazer e poder. Na busca por autorrealização e por “ser feliz”, transforma o indivíduo em coisa, objetificando-o, a ponto de, no fim de semana, ao não realizar o esforço exaustivo exigido pela demanda do seu lugar de trabalho, ser acometido pela *neurose do domingo*.

⁹³ Relato real, testemunhado por um clérigo católico, de um homem que se considerava até mesmo incrédulo a respeito de alguma divindade geradora do mundo e que se convenceu, pela contemplação do mar, da existência de um ser absoluto.

⁹⁴ Cf. FRANKL, 2023, p. 120. Essa passagem corrobora de alguma maneira, com a afirmação de Abah Andrade a respeito do papel do mito (poema, poesia) como manutenção da ordem, da harmonia social. Em outras palavras: da comunhão entre os indivíduos pela bondade, verdade e beleza surge a ideia de perfeição e com ela, a ideia de Deus; ou dos deuses.

“*Com o desaparecimento do descanso*” – para utilizarmos dos termos de Byung-Chul Han⁹⁵ - a atividade reflexiva foi-se esvaziando e dando lugar a uma atividade reprodutiva de multitarefas, onde o foco do ser humano, do trabalhador, imerso não só nos seus afazeres, como também nos de seus companheiros, dissipou sua atenção profunda sobre os fenômenos que lhe são dados empiricamente⁹⁶. Sem tempo e espaço para contemplar o belo, o verdadeiro, o que é bom, o ser humano se contentou com aquilo que é efêmero, falso e até hediondo, assim como o holocausto provocado pelos nazistas, e ainda o é, dos totalitarismos presentes no mundo.

Para Frankl, na medida em que realizamos os valores, sejam de criação, contemplação ou de atitude, encontramos sentido para viver e responder ao chamado que a própria vida nos faz. Destarte, criação e contemplação são valores que, como já foi dito, precisam de uma atitude daquele que cria e contempla. Tal atitude se caracterizaria por ser uma ação livre e responsável do ser humano frente às condições que o mundo lhe apresenta e que são inerentes à sua existência singular e individual.

Nesse sentido, verifica-se que, assim como pensava Max Scheler em sua *Ética*, existe também, na visão de Frankl, uma hierarquia de valores, onde os valores atitudinais estariam acima dos de criação e experiência. Vejamos, pois, como se dão esses tipos de valores, segundo o pai da Logoterapia.

3.4. Os valores atitudinais

Até o momento, afirmamos através da análise da obra do filósofo austríaco que o ser humano é, por essência, um ser livre e responsável e, por conseguinte, o que lhe torna efetivamente um *Homo Humanus* é sua capacidade de sofrer com resiliência, isto é, ressignificando os acontecimentos fatídicos impostos pelos seus três destinos (biológico,

⁹⁵ Cf. Byung-Chul Han, 2015, p. 20.

⁹⁶ Sobre isso, nos diz o filósofo sul-coreano (2015, p. 21) que: “Com o título de *Vita contemplativa* não deveria ser reconjurado aquele mundo no qual esta estava alocada originalmente. Ela está ligada com aquela experiência de ser, segundo a qual o belo e o perfeito é imutável e imperecível e se retrai a todo e qualquer lançar mão humano. Seu humor de fundo é o *espanto* a respeito do *ser-assim* das coisas, afastado de toda e qualquer exequibilidade e processualidade. A *dúvida* moderna cartesiana dissolve o *espanto*. A capacidade contemplativa não está necessariamente ligada ao *ser* imperecível. Justamente o oscilante, o inaparente ou o fugidio só se abrem a uma atenção profunda, contemplativa. Só o demorar-se contemplativo tem acesso também ao longo fôlego, ao lento. Formas ou estados de duração escapam à hiperatividade. E continua: “É só a atenção profunda que interliga a “instabilidade dos olhos” gerando recolhimento, que está em condições de “delimitar as mãos errantes da natureza”. Sem esse recolhimento contemplativo, o olhar perambula inquieto de cá para lá e não traz nada a se manifestar”.

psíquico e social). Esse caráter de resiliência frente ao sofrimento imposto à sua condição trágica da existência é uma característica de um valor atitudinal; que, para Frankl, estaria a um nível superior na hierarquia dos valores. Diz ele, citando a pesquisa feita por sua mais famosa aluna, Elizabeth Lukas:

É interessante verificar que a relação de hierarquia que existe entre as três categorias de valores e em consequência da qual os valores atitudinais situam-se em nível superior aos criadores e vivenciais é confirmada pela pesquisa feita com 1340 pessoas, conforme E. S. Lukas, *Logotherapie als Persönlichkeitstheorie*. Dissertação. Wien, 1971 (Frankl, 2019, p. 296)

Mas, qual o motivo dos valores atitudinais estarem a um nível superior em relação as outras duas categorias de valor, segundo ele? A resposta é simples: para realizar os valores de criação, é preciso possuir certos dons. Para realizar os de experiência, contamos com os sentidos. Tanto um quanto outro dependem exclusivamente da dimensão corpórea, isto é, somática do indivíduo e, por assim ser, podem se esgotar.

Porém, um indivíduo que tenha algum tipo de deficiência física, como um cadeirante que perdeu completamente os movimentos do corpo – membros inferiores e superiores – mas que, ainda assim, possa se comunicar, por exemplo. Se assim o quiser, pode dotar sua vida de significado, se posicionando muito além de suas capacidades físicas.

O próprio Frankl (2019, p. 299-300) nos fala de uma preleção feita com um jovem que sofria de *morbus little* (paralisia cerebral infantil), com *athetose double* (de movimentos obsessivos acompanhados de agudas contorções dos membros). Impossibilitado de frequentar a escola – mesmo estudando de forma autodidata – tinha lido bastante. Não podia realizar nenhum trabalho. Era olhado com indiferença por algumas pessoas que convivia e não teve muita sorte ou quase nenhuma com o amor. Frankl conta que este mesmo rapaz usou de sua deficiência para mudar o rumo de sua vida, acabando por se estabelecer em uma empresa e trabalhar com pessoas com deficiência também.

Toda sua vida consistiu numa renúncia? Pois bem, “realizou” essa renúncia, realizou-a com esforço, mas com dignidade, e até mesmo com graça. Realizou-a num nível humano de comportamento de tal ordem que, ao apresentá-lo na preleção aos nossos ouvintes, exclamamos impulsivamente: “*Ecce vita hominis!*” (Frankl, 2019, p. 300)

Dessa forma, o valor atitudinal está ligado à liberdade de posicionar-se perante o sofrimento, seja ele qual for. Isso pode ser entendido como um modo de vida? Sim, uma vez

que se relaciona com o agir do homem no mundo e, sendo assim, poderíamos falar de uma ética do sentido⁹⁷.

No caso do jovem citado a pouco, sua maturidade moral e espiritual deu-se a partir do momento que, assim como uma árvore é impedida de crescer para os lados por estar pressionada pelos galhos das árvores vizinhas e por isso, cresce para cima, esse rapaz se lançou para além de suas condicionantes e atingiu o “alto”; sua plenitude enquanto ser humano.

Os valores atitudinais estariam também relacionados a uma autocriação, pois, ao agir no mundo, independentemente da situação trágica de *Homo Patiens*, o ser humano estaria fundamentando sua condição de *Dever-ser* e, portanto, criando-se a si mesmo:

Quem no sentido de uma realização criadora de valores se mostrar incapaz de forjar o destino, poderá, no entanto, superá-lo noutro plano, e de outro modo, recorrendo a valores atitudinais corretos em face da fatalidade e por meio de um sofrimento ativo. O que pressupõe a aquisição da capacidade de sofrer. Essa superação interior, que abriu mão da criação exterior, é, em última análise, e apesar de tudo, uma criação, ou mais exatamente, uma autocriação (Frankl, 2019, p. 297)

Em outros termos: aquele ser humano que não consegue, por algum motivo, efetuar valores criativos e vivenciais, ao realizar valores atitudinais, ou seja, ao tomar uma posição diante do sofrimento enraizado na sua existência, tornar-se um artista de si, formando – no sentido escultural mesmo – seu novo modelo de vida, agora, dotada de sentido.

As possibilidades de conferir sentido à vida mediante os valores atitudinais são inúmeras e diversificadas. O homem quando decide como toma uma decisão sobre algo, toma primeiro uma decisão sobre si, pois, “*Ao entrar em diálogo com o caráter que o homem tem, a pessoa que o homem é acaba por configurá-lo, chegando assim a ser uma personalidade*”. (Frankl, 2019, p. 297). Essa personalidade escolhe sempre em forma de atitude livre.

A realização das três categorias de valores pressupõe uma decisão que o homem toma por ser dotado de liberdade. Em outras palavras: a criação e a contemplação, isto é, os valores criativos e vivenciais são valores de atitude. É o ser humano quem decide criar e contemplar, mesmo nas situações mais adversas da vida.

Isso fica mais evidente para nós na medida em que entendemos do próprio autor:

Recorramos a um exemplo para explicar melhor nossa ideia. Um homem se atira de uma ponte, e outro faz o mesmo para tentar salvá-lo. Depois do sucesso da operação

⁹⁷ Trabalho já realizado e de excelente qualidade acadêmica, analisado pelo professor Ivo Studart Pereira há alguns anos em seu trabalho de conclusão de curso no mestrado em filosofia na Universidade Federal do Ceará, sob o título de livro *A Ética do sentido da vida: Fundamentos Filosóficos da Logoterapia*, 2013, (Editora Ideias Letras – SP) que faz, como o próprio autor diz, uma articulação entre o sentido e a consciência moral, trazendo à baila a ideia de uma ética do sentido como ética da responsabilidade.

de resgate, perguntamos ao salvador como chegara a tomar a decisão de mergulhar. Responde que não se deve falar propriamente de decisão, porque o propósito de salvar a vida do outro lhe parecera um gesto perfeitamente natural. A resposta, portanto, levanta o seguinte ponto de discussão: uma ação, em virtude de parecer ao que a executa perfeitamente natural, não constituirá, assim mesmo, o resultado de um esforço moral? No mesmo instante, não passavam pela ponte outros indivíduos que testemunharam o incidente sem que lhes parecesse natural jogar-se na água para procurar resgatar o desesperado? Vemos, pois, que a iniciativa salvadora, por espontânea e óbvia que pareça, é um “desempenho”. Não é “natural” que isso pareça natural a alguém. Nisso reside precisamente o esforço moral, o desempenho: o fato de que alguém chegue a julgar natural tal ação. Nada é natural, tudo vem a ser natural. Ou, para retornar a nosso exemplo: pelo menos uma vez nada vida, aquele indivíduo teve de tomar uma decisão. Compreendemos agora que toda decisão natural, irreflexiva, e neste sentido, inconsciente, constituiu o derradeiro elo de uma cadeia de decisões, a primeira das quais – a protodecisão – foi a mais ou menos consciente. Com base nela, foram sendo tomadas as outras, cada vez menos conscientes. Enquanto se mantiveram conscientes, elas foram voluntárias. O que dissemos a respeito de toda decisão, que sempre é uma autodecisão, vale com mais razão para a protodecisão, a decisão prévia. Fazer constantemente o bem acaba por transformar o autor dos atos em um homem bom (Frankl, 2019, p. 298)

O posicionamento tomado pelo homem frente àquela tríade trágica da qual falamos acima é fundamentada não só em seu caráter e personalidade, mas também na maneira pela qual, ao longo de sua existência, ele fora decidindo viver. Pequenas decisões que no dia a dia são tomadas podem parecer – num plano moral – irrelevantes, no entanto, são elas que moldam o indivíduo para que ele dê, no momento exato, significado à sua vida. Entendendo aqui que, dar significado à sua existência é realizar valores.

É preciso lembrar que, para o filósofo vienense, os valores de atitude independem de concepções ou confissões religiosas, também de características éticas ou morais, pois se fundamentam na descrição empírica e factual da realidade da existência humana.⁹⁸ Quando um homem se vê diante de seu sofrimento, por exemplo, o que importa para ele, se quiser encontrar um sentido, é a postura correta para um sofrimento correto, em outras palavras, que lhe acomode em sua dignidade de pessoa humana.

Como o sofrimento é inerente à condição humana, só resta para o homem, “sofrer bem”. E “sofrer bem” significa “forjar uma armadura na existência” para que a inquietação, a angústia e o tédio não venham querer assombrar a sua dimensão noética, a fim de dar margem ao vazio existencial novamente. Outra vez: a filosofia de Frankl não é uma apologia do sofrer ou a uma violência contra si. Ao contrário, volta-se para uma realização e efetivação afirmativa da vida diante deste sofrer; sobretudo, porque não há forma de negá-lo, quando o indivíduo é consciente de sua missão no mundo.

⁹⁸ Cf. Frankl, 2011, p. 92.

O autor já nos afirmou diversas vezes que encontrar um sentido é escutar e responder a um chamado, a uma missão de vida⁹⁹, e essa busca por sentido rompe a alma do homem por se tratar de um movimento que vem de cima para baixo, ou seja, vem da dimensão espiritual para a dimensão psíquica, passando pela somática e levando-o à ação. Assim sendo, podemos, mais uma vez, estabelecer os principais pontos de convergência entre as três categorias de valores a partir da hierarquia dos mesmos na distinção feita por Max Scheler e abraçada por Frankl.

- 1) Os valores “bom” e “mal” são materiais como defendidos por ambos os autores.
- 2) As três categorias de valores estabelecidas por Frankl seguem uma hierarquia como fundamentada por Scheler.
- 3) A categoria dos valores de criação está ligada àquilo que damos, ou melhor, devolvemos à vida em forma de cultura (arte).
- 4) Os valores experienciais ou de contemplação referem-se àquilo que ganhamos do mundo.
- 5) Os valores atitudinais dizem respeito a um posicionamento que os seres humanos tomam mediante o sofrimento do qual a vida está impregnada e, por isso, pressupõem uma ética do sentido, pois, estes valores se dão na consciência moral do indivíduo.

Há uma relação intrínseca entre eles (valores) na medida em que todas essas categorias para o encontro do sentido de vida são como que *posturas existenciais*, pois, segundo ele:

O homem não deve apenas realizar-se, mas dedicar-se a valores bastante específicos, cuja realização pode ser alcançada somente por ele. É somente na medida em que realiza certas tarefas específicas no mundo à sua volta é que ele se realiza. Ou seja, não por intenção, mas por efeito (Frankl, 2023, p. 230)

Em suma, poderíamos dizer que os valores de criação e vivenciais teriam uma proporção estética, enquanto os valores atitudinais estariam na dimensão ético-moral da existência humana.

⁹⁹ Cf. FRANKL, 2021, p. 111.

CONCLUSÃO

Sabemos que a herança cultural grega principalmente para a civilização ocidental é de suma importância para o entendimento de diversos elementos das tradições e costumes da atualidade, visto que, aquilo que os gregos trataram em seus debates políticos, conflitos religiosos e militares, muitas vezes encenados, seja por meio da comédia ou da tragédia, dizem respeito aos questionamentos de todos os demais povos, a saber: a relação vida-morte.

Na verdade, a humanidade, desde sua origem, busca uma resposta definitiva para sua “impotência” de afirmar o que é a vida, a existência. Desse modo, os indivíduos de todas as épocas e civilizações procuraram explicar racional ou miticamente a dualidade entre nascimento e morte, início e fim.

A obra filosófica de Viktor Emil Frankl é uma tentativa de responder a tais questões e crítica, de modo singular e objetivo, por meio de argumentos também científicos, a sociedade reducionista, que atravessa o século XIX e se desenvolve no século XX, caracterizando uma frustração existencial no homem contemporâneo.

O olhar de sua filosofia sobre os diversos processos pelos quais vem se desenvolvendo a sociedade em seu movimento histórico-cultural é arguto e perspicaz, tornando-o um dos críticos mais importantes, por exemplo, do niilismo pressuposto nas filosofias existencialistas de sua época, não obstante, ao que se refere às concepções de homem (pessoa), sentido, valor, mundo e existência.

As abordagens a quem ou a quem se referem os seus escritos aparece-nos fertilmente em um momento específico da história social do século XX, qual seja, o Psicologismo, que por meio da pregação dos instintos do homem resolveu reduzir o próprio ser humano ao jogo das implicações de sua dimensão somática e psíquica. Tal processo se materializou em um dos momentos mais peculiares da história das ciências da natureza, que se deu com a Psicanálise de Freud e a Psicologia Humanista de Adler.

Posicionando-se a favor de uma vontade de sentido em contraposição à vontade de poder e de prazer que esses dois psiquiatras defendiam, Frankl intensifica a necessidade de superação dessas doutrinas, evidenciando a dimensão nóética, isto é, espiritual do ser humano, trazendo à baila uma nova abordagem psicoterapêutica que chamou de Logoterapia, a terapia que busca um sentido de vida.

Dessa forma, é interessante destacar, o fato da tamanha procura pelo estudo da obra frankleana no meio acadêmico, mas não somente nele no exato momento em que se dá o dado histórico da famigerada apatia e passividade do indivíduo frente a sua interpretação da

realidade, estando sempre de fora dos principais acontecimentos que se realizam em sua própria existência, ou seja, estando sempre fora de si mesmo.

Na sociedade ocidental – não como via de regra – a fixação pela busca do prazer e autorrealização levou o ser humano ao abandono total de si mesmo, evidenciando a ascensão de movimentos totalitários, uma vez que, sem identidade e sem sentido para viver, o ser humano está envolto no relativismo.

A experiência nos campos de concentração nazistas levou o nosso filósofo a validar aquilo que há muito analisava: que o ser humano anseia por um sentido de vida. Desse mesmo modo, sua “Antropologia filosófica”, já pressuposta em seus primeiros escritos, anteriores aos campos de concentração nazistas, bem como os descaminhos que tomam a situação moral da Europa do século XX, registra a desilusão pessoal do autor, mas também, contrariamente, a sua esperança na humanidade legítima do homem.

Nesse sentido, sua obra é correspondente à leitura, não só de um dado período histórico da humanidade, como também de várias épocas, visto que, a falta de um sentido para a vida já fora, desde sempre, um dos principais temas, se não, o principal, dos pensadores da antiguidade e, não obstante, continua sendo até os dias atuais.

Sua visão de mundo e ser humano, bem como sua intuição sobre os valores que o homem deve realizar para encontrar os sentidos que a vida lhe apresenta dia após dia, hora após hora, pode nos ajudar na proposição de questões importantes, que sirvam de base ao debate do papel da ciência, da religião, da filosofia, da psicologia, da educação, bem como o da cultura em si na vida do homem. Seja esta vista como coesão social, individualista, impossibilitada de adquirir um conhecimento absoluto, seja pelas faces da contradição de sistemas filosóficos e econômicos ou até mesmo de uma paz utópica.

Para ele, todas as vezes que estamos diante de uma experiência moral, na verdade, encontramos-nos perante sua totalidade, ou seja, de frente a um sentimento que se refere ao preceito histórico. Sendo assim, a moral é um discernimento que ocorre mediante uma espécie de abertura para aquilo que ainda não se conhece do mundo e, por essa razão, é consideravelmente problemática.

É justamente através desse discernimento (a moral) que verificamos o mundo e o sentido da vida, enquanto fragmentos finitos da espécie humana, e que temos a possibilidade de realizar, ou não, as nossas capacidades mais elevadas. Aceitar ou recusar as circunstâncias da vida, sejam elas boas ou más, está no plano condicional de liberdade de cada indivíduo, no seu valor atitudinal. O mesmo o faz sem nenhum tipo de pressão. Trata-se de liberdade psicológica, física ou até mesmo, espiritual.

O problema é que, frequentemente, somos atingidos por diversas situações que fogem do nosso controle. Subjetivamente diferenciam-se suas respectivas soluções, sendo que estas, muitas vezes, distorcem a realidade em nossa volta. Isto faz com que percamos a experiência de nos sentirmos vivos. Experiência que fundamenta nossa existência e implica a vontade.

Coloquemos as indagações de outra forma: Quem somos enquanto agentes da vida? E o que devemos fazer perante ela? Vamos encontrar divergentes opiniões como respostas; muitas delas, com grandes semelhanças, e outras, com peculiares defeitos de conteúdo, ou seja, vazias em si mesmas.

Desse modo, inúmeras e controvertidas sucessões de palavras que designamos para explicar tal realidade, não são, de forma alguma, eficazes e, para a realização dessa árdua tarefa, que é interpretar a verdadeira realidade do homem. Tampouco isto abarca as necessidades e contingências que a vida traz como sua essência, tal como ela é.

Caracteriza-se assim a importância da obra de Frankl para a construção do diálogo acerca daquilo a que todas as civilizações anseiam: descobrir a essência do trágico (da tríade trágica) ou das fatalidades que a vida oferece pelo simples fato de ser ela mesma. Tal obra nos apresentou fundamentos importantíssimos acerca do tratamento histórico do que se observa e se configura como o que chamamos de “existência”, visto que, real ou ficticiamente, a tragicidade da mesma está sempre cercado a brevidade da vida.

Nossa pesquisa mostrou como a filosofia pode ser um instrumento de consolo diante das aflições geradas pelo vazio existencial, servindo ao homem como uma ciência terapêutica e, não obstante, como um modo de vida deveras eficiente na reflexão de si e do mundo. Filosofar para Frankl é, portanto, consolar o outro no encontro que se dá entre dois seres espirituais que se caracteriza pelo ato do amor, ou seja, pelo sacrifício de si mesmo em vista do bem deste outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Abah. **Filosofia da Literatura e da Cultura**. Vol 4. Zeus trágico e outros ensaios de filosofia da cultura. João Pessoa: Rubayait Edições, 2021.
- AQUINO, Thiago A. Avellar de. **A presença não ignorada de Deus na obra de Viktor Frankl**: articulações entre logoterapia e religião/ Thiago Antonio de Avellar Aquino. – São Paulo: Paulus, 2014. – Coleção Logoterapia.
- AQUINO, Thiago A. Avellar de. **Os filmes que vi e os livros que li com Viktor Frankl**: interfaces entre ficção e a análise existencial/ Thiago Antonio Avellar de Aquino, organizador. – João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.
- AQUINO, Thiago A. Avellar de. **Logoterapia e análise existencial**. Uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl. São Paulo, Paulus, 2013.
- AQUINO, Thiago A. Avellar de. **Espiritualidade e Arte**: o homem em busca de sentido. Interações, vol. 16, núm. 1, 2021. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
- AQUINO, Thiago. **A fenomenologia da distinção humana**: Scheler e o projeto da antropologia filosófica. Síntese – Revista de Filosofia, Belo Horizonte, 2015, v. 42, p. 61-80.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. D. Ross. Editora Nova Cultural, Ltda., São Paulo, 4a. edição, 1991.
- ASSIS, Machado. **Dom Casmurro**. Rio de Janeiro, Livraria Garnier, 1992.
- BAUM, L. Frank. **O mágico de Oz**. Tradução de Sergio Flaksman. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CADENA, Nathalie B; CASTAÑON, Gustavo Arja. **Fundamentos Schelerianos da Logoterapia**. Disponível em: Phenomenology, Humanities and Sciences, Vol. 1-1 2020, p. 121-131.
- CALVINO, I. (1990). **As cidades invisíveis**. Mainardi, D. (Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.
- CAMUS, A. **O Mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Record Editora, 2004.
- CANGUILHEM, G. **Que é a Psicologia?** In: Impulso, vol. 11, n. 26, pp. 11-26.
- COSTA, J. S. **Max Scheler**: o personalismo ético. São Paulo: Editora Moderna, 1996.
- CORDEIRO, Costa Robson. **Nietzsche e a vontade de poder como arte**: uma leitura a partir de Heidegger. João Pessoa – Editora Universitária da UFPB, 2010.
- CASANOVA, Antonio Marco. **O que nos faz pensar**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 47, p.79-107, jul. -dez.2020.
- FERRIZ, José Luís Sepúlveda. Contribuições do personalismo para a logoterapia e análise existencial. **Griot: Revista de Filosofia**, v. 23, n.1, 2023, p. 229-244, fev. 2023.
- FILHO, Borges Adolfo. Brevíssimo estudo sobre a filosofia do tédio em Martin Heidegger. **Revista do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro**, n. 76, abr./jun. 2020.
- FRANKL, V. (1991). **A psicoterapia na prática**. Campinas: Papirus.
- FRANKL V. (1985). **A presença ignorada de Deus**. 10 Ed. Trad. Walter O. Schlupp e Helga H Reinhold. São Leopoldo, RS: Sinodal; Petrópolis: Vozes, RJ: Vozes, 2007.
- FRANKL V. (1978). **Fundamentos antropológicos da psicoterapia**. Rio de Janeiro: Zahar.

- FRANKL, V. (1990). **Psicoterapia para todos**. Petrópolis - RJ: Vozes.
- FRANKL, V. (2005). **Um sentido para a vida**: psicoterapia e humanismo, 11 ed. Aparecida: Santuário SP.
- FRANKL, V. E. (2020). **Psicoterapia e existencialismo**: Textos selecionados de logoterapia. Tradução de I. S. Pereira.
- FRANKL, V. (2023). **Em busca de sentido – edição para jovens leitores**/ Tradução de Bruno Alexander; prefácios de John Boyne e Victor Sales Pinheiro; epílogo de William J. Winslade – 2ª ed. – Campinas, SP: Editora Auster, 2023.
- FRANKL, V. (2021). **A falta de sentido**: Um desafio para a psicoterapia e a filosofia/ tradução de Bruno Alexander; edição e introdução de Alexander Batthyány – 1ª ed. – Campinas, SP: Editora Auster, 2023.
- FRANKL V. (1973). **Psicoterapia e sentido da vida**: fundamentos da Logoterapia e análise existencial. São Paulo.
- HAIG, Matt. **A Biblioteca da Meia-Noite**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Gianchini. Petrópolis: Vozes, 2015. 80 p.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. Parte I. Editora Vozes, 2005.
- HEIDEGGER, Martin. **Os Conceitos Fundamentais da Metafísica**. Mundo. Finitude. Solidão. Tradução do alemão para o português: Marco Antônio Casanova; 1ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- HEIDEGGER, Martin. (2012). **Os problemas fundamentais da fenomenologia**. Petrópolis: Vozes.
- HUSSERL, Edmund. **Invitación a la fenomenologia**, Paidós, Barcelona, 1992, pp. 35-37.
- KIERKEGAARD, Sören; **O Desespero Humano**. Martin Claret; São Paulo, 2001.
- LEWIS, C.S. **A Anatomia de um luto**. Tradutor: Nunes, Francisco. São Paulo: Thomas Nelson Brasil.
- PEREIRA, Ivo Studart. **Tratado de Logoterapia e análise existencial**: filosofia e sentido da obra na vida de Viktor Emil Frankl. São Leopoldo: Sinodal, 2021.
- PEREIRA, Ivo Studart. **A Ética do Sentido da Vida**: Fundamentos Filosóficos da Logoterapia, 2021. São Paulo. Ideias e Letras, 2013.
- SCHELER, M. **Ética – Nuevo ensayo de fundamentación de un personalismo ético**. Madrid: Caparros Editores, 2001.
- SCHELER, M. **A Posição do Homem no Cosmos**. Tradução, prefácio e notas de Fausto Zamboni. 1. ed. – Cascavel, PR: Editora Cântico, 2024.
- SCHELER, M. **Da Reviravolta dos valores**: ensaios e artigos. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.
- SOUZA, Rodôlfo Ramalho. **O problema da moral e o conceito de vida em Nietzsche**. Universidade Federal da Paraíba, 2016.
- SOUZA, Rodôlfo Ramalho. **Kavaná – Conselhos para a juventude**, 1ª Edição. São Paulo: Edição do Autor. 2022. 94p.

WOJTYLA, Karol. **Max Scheler e a ética cristã**. Curitiba: Champagnat, 1993.

XAUSA, I. **A Psicologia do Sentido da Vida**. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

APÊNDICE

Depoimento pessoal de encontro de sentido segundo a logoterapia de Frankl

Entrei para o curso de filosofia em 2005 e, logo nas primeiras aulas, o tema sobre o sentido da existência humana inquietava-me. Consequentemente, comecei a estudar, autodidaticamente, a relação da filosofia com a religião, visto que, a existência humana – bem como falara Mircea Eliade no prefácio de sua obra *Origens* – faz parte da realidade de todo ser humano.

Meu contato com a Logoterapia e Análise existencial de Viktor E. Frankl deu-se dez anos depois, quando um estudante da segunda série do ensino médio procurou-me para partilhar sobre seus sentimentos de vazio, solidão, angústia e extrema tristeza, a ponto de cogitar tirar sua própria vida.

Desde então, comecei a procurar maneiras de como ajudar, não só tal estudante, mas todos os meus alunos e jovens, que me procuravam para partilhar dos mesmos problemas. É isso que me motiva todos os dias: auxiliar a juventude na busca por um sentido. Sua obra *Em busca de Sentido – um psicólogo no campo de concentração* foi uma leitura que ampliou minha visão sobre o sofrimento humano e sobre a atitude do próprio homem diante a este sofrimento.

Em 2013, conheci o trabalho do professor Thiago, docente desta instituição. Em seguida, levei um pré-projeto intitulado “A logoterapia em auxílio à juventude na busca por um sentido de vida”. Infelizmente, não tive como levá-lo adiante. Em 2020, entrei para a pós-graduação em filosofia, aqui mesmo, na UFPB, cuja pesquisa estava direcionada para o tema da alteridade na obra do filósofo Emanuel Lévinas e sua relação com a ética. Por motivos de saúde, não concluí minha dissertação a tempo.

Atualmente, trabalho com a disciplina ‘Projeto de vida’, onde me concentro no estudo dos clássicos literários e como estes podem auxiliar no encontro de um sentido para as nossas vidas. Desde cedo, recebi da vida dons que me conduziram para o auxílio de outras pessoas. A música e a literatura sempre me chamaram a atenção. Por tal motivo, resolvi, após todos esses acontecimentos, ofertar a vida aos que precisavam de “conforto” espiritual. O que produzi e produzo como música, arte e literatura fez com que eu encontrasse o meu sentido de vida.

Diante da tríade trágica que Frankl nos apresenta, meu papel foi o de posicionar-me acima do sofrimento – principalmente em relação à pandemia da COVID-19 – tentando levar uma mensagem de consolo para aqueles que estavam comigo no leito do hospital.

Infelizmente, três das cinco pessoas enfermas, que dividiam aquele ambiente comigo, vieram a óbito. Um senhor de idade, que estava na cama ao lado; um homem da minha idade (35 anos na época), e uma mulher de aproximadamente cinquenta e quatro anos.

Todo meu trabalho como músico, professor, escritor, poeta e ativista cultural está devotado, direcionado àqueles que estão em situação de vulnerabilidade psicológica e espiritual. Mesmo sabendo que não posso decidir por ninguém, tenho a consciência de que posso contribuir – pelo menos de alguma forma – à luta pela preservação e conservação da dignidade da pessoa humana que, muitas vezes, só precisa de outro ser que o escute e o acolha sem julgamentos.